

**MEDICINA POPULAR
DO
NORDESTE**

EDUARDO CAMPOS

MEDICINA POPULAR
DO
NORDESTE

SUPERSTIÇÕES, CRENDICES E MEIZINHAS

3ª Edição

Ilustrada, revista e ampliada,
com prefácio de Luís da CÂMARA CASCUDO e estudo de FRAN MARTINS

EDIÇÕES O CRUZEIRO – RIO DE JANEIRO – 1967

A

ALUIZIO MEDEIROS, ANTÔNIO GIRÃO BARROSO,
BRAGA MONTENEGRO, JOÃO CLÍMACO BEZERRA,
STÊNIO LOPES, LÚCIA MARTINS, ARTUR EDUARDO
BENEVIDES, FRAN MARTINS, MOREIRA CAMPOS,
MOZART SORIANO ADERALDO, OTACÍLIO COLARES
e MILTON DIAS.

– meus amigos do Grupo Clã.

Tomei animo para tirar a luz este breve Tratado, em breves recopilacoes, & flores escolhidas dos melhores vergeis, & jardins dos mais graves Authores, a quem o premio, & reconbecimento se deve, & o galardão, & proveito, que eu daqui queria tirar, he somente o vosso aproveitamento, & recebei com vontade, & amorosamente este meu desejo...

GONÇALO RODRIGUES CABREIRA

(In: *Compêndio de Muitos e Vários Remédios de Cintura, & Outras Causas Curiosas Recopiladas do Tesouro dos Pobres e Outros Autores*, 1671, Lisboa).

SUMÁRIO

PREFÁCIO <i>Luís da Câmara Cascudo</i>	11
DOCUMENTO FOTOGRÁFICO	17
INTRODUÇÃO	27
SUPERSTIÇÕES, CRENDICES E MEIZINHAS	53
Asma, 55 • Cobreiro, 57 • Conceção, Parto e resguardo, 58 • Dermatose (sarna, cururuba, coceira), 63 • Dor de dente, 64 • Dor de cabeça, 68 • Enterralgia (dor de barriga), 68 • Espinhela caída, 69 • Entorses, 70 • Feridas, 71 • Febre, 72 • Fígado, 73 • Ferimentos, 73 • Garganta, 75 • Impingem, 77 • Olhos, 78 • Ouvido, 81 • Parotidite (caxumba, papeira, etc), 82 • Partos, 83 • Resfriado, 95 • Reumatismo, 96 • Rins, 98 • Sezão (maleita), 100 • Sífilis, 1000 • Mordida e picada de peçonhas, 101 • Tuberculose, 104 • Unheiro, 105 • Volvo (nó nas tripas), 106 • De outras enfer- midades e seus remédios, 106 •	
MEDICINA POPULAR PELAS ORAÇÕES	119
BIBLIOGRAFIA	157
ESTUDO SOBRE O AUTOR E O LIVRO POR FRAN MARTINS	163

MEDICINA POPULAR DO NORDESTE

PREFÁCIO

de Luís da Câmara Cascudo

O capitão da Guarda Nacional Francisco José Fernandes Pimenta, meu tio Chico Pimenta, irmão de minha mãe, ouvindo as queixas gemidas de um valetudinário, aconselhou:

– Vá visitar o Hospital!... Pra quê?– Ver os doentes piores que você!...

As viagens valorizam o nosso cotidiano nacional. As coisas julgadas humilhantes são banais nas terras grandes. Quando ouvimos o isso só se vê no Brasil! Podemos alinhar as provas coincidentes nos países orgulhosos de sua civilização milenar. Não nós, nordestinos, mas o parisiense, o americano de New York, o britânico de Londres têm dez mil vezes mais superstições. Há poucos anos dois transatlânticos não partiram da Inglaterra porque os passageiros descobriram que era uma sexta-feira, 13 do mês. Poderemos partir um minuto depois da meia-noite. Já era sábado. Se fosse no Brasil...

*Não é possível encontrar-se uma dama em Hyde Park ou Bois de Boulogne sem uma mascote disfarçada em jóia. Fiz questão de investigar, com uma obstinação descarada de jagunço desconfiado. O ano passado, em Paris, a moda era ferradura com um 13 dentro. Difícil o automóvel que não ostentasse esse brasão. Joaquim Nabuco não passava por debaixo de uma escada. O barão do Rio Branco não podia ver um gato preto. Paul Deschanel, Presidente da República Francesa, não passava por debaixo de uma escada. O Marechal Lord Frederick Sleigh Roberts, generalíssimo da Grã-Bretanha, conde de Candabar e de Waterford, não podia ver um gato preto. Bergen Evans informava, em 1946, da existência de 25.000 astrólogos norte-americanos, profissionais. Para pormenores, nesta e outra espécies da evitação do vapor, ler *The Natural History of Norsense, Medicina Popular*, do mesmo Bergen Evans (New York, 1946). O homem, elegantíssimo, que fez questão de*

entrar com o pé direito no elevador da Torre Eiffel, sublimou todos os meus recalques de sertanejo.

Depois é que, lendo Daremberg e Saglio, conheci a história do Medo, PHOBUS na Grécia e PAVOR em Roma, deus legítimo, nome de cocheiro de Hércules. Teseu, antes de combater as Amazonas, Alexandre Magno, na madrugada de Arbelas, foram orar ao onipotente Temor, origem dos deuses para Petrônio. Contra eles não há resistência. Os franceses afirmam que il n'y a point de médecin de la Peur. O medo é crédulo, ensinava o padre Vieira. Ou nós é que o somos? De qualquer ângulo, não inventamos o Medo e seu culto é universal e milenar.

Em qualquer ponto da África Ocidental e Oriental expõem à venda folhas, raízes, frutos, gravetos secos, retorcidos, negros, sem possibilidade de identificação binomial. São remédios, amuletos, temperos mágicos. Por toda a Índia é o mesmo. Tem sido uma batalha na China comunista arredar do consumo esse material, anterior aos Mings em uso e abuso diário. Vendem escondido. Pela África Setentrional, de Marrocos ao Egito, encontra-se a herança inevitável do passado. Amuletos-orações, ensacoladas, vendidas em envelopes de couro orlado de prata, decorados com a sigla ornamental do deus clemente em misericordioso. Inútil a negativa interessada. Os fatos existem, positivos, materiais, inarredáveis.

Certamente o nosso povo é atrasado, ignorante e primário. Deve ser igual aos demais povos do mundo contemporâneo. Raspe, devagar e prudentemente, o risonho e lustroso esmalte da cidade-grande e encontrará o basalto fundamental da cultura popular, originária, imóvel, inabalável na perpetuidade funcional do crédito coletivo. França, Itália, Portugal, Espanha fornecerão inumerável comprovação no plano das origens de muitos e muitos dos nossos remédios populares, desde a estercoterapia, como dizia o Prof. Ricardo Jorge, até as mezinhas por simpatia, seculares e atuais. O homem não muda pelo lado de dentro...

Todas essas conclusões e reparos nasceram dessa leitura de Superstições, Crenças e Mezinhas, livro de Eduardo Campos. Antes do catálogo dos nossos males e da exposição dos infalíveis

remédios, uns e outros lidos e em maioria ouvidos na fonte inesgotável e pura do saber popular, como dizia Gaston Paris, o autor viaja, numa clara excursão erudita, no país das raízes múltiplas dos nossos temores e esperanças terapêuticos, debatendo, informando, registrando, lembrando a velhice veneranda da nossa confiança nos sîmplices e na medicina vegetal, anterior aos amavios da Química. E a Medicina Popular volta aos olhos dos leitores na delícia de uma informação ágil e variada, feiticeira, pela graça, finura, equilíbrio dos verbetes.

Cada ano, ou de ano em ano, aparece uma novidade baseada numa velhice contata de zombarias. Descubrem que os antigos não deixavam de ter razão. Uma razão empírica, rudimentar, rústica e disforme, mas uma razão que o povo conservou e defendeu até a indagação valorizadora. De 1920 a 1960, no assunto terapêutico, infinitas proposições axiomáticas foram feridas de morte ou desapareceram.

Não vamos rir da medicina popular. Pudemos evitá-la. É a medicina velha, oficial, perfeitamente ortodoxa nos séculos passados. Vai daqui e dacolá, acontece voltarmos a uma dessas mezinhas, com outro nome, rótulo e apresentação a fórmula dos componentes, numa sedução atraente. No fundo lá está a mezinha de outrora, natural e pura. Se bem não fizer, mal não faz...

Os doutores do final do século XV e princípios do XVI deram aos navegadores um rol de remédios indispensáveis para as tripulações embarcadas. É a farmácia que Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral trouxeram a bordo. Noventa por cento dos remédios continuam em pleno crédito popular. São antigos mas não são erros. Apenas passaram da moda nos receituários.

Dom Frei João de São José Queiroz, 4º Bispo do Grão-Pará, protegido e desprotegido pelo Marquês de Pombal, escrevia em 1761: Julgo ser melhor curar-se a gente com uma tapuia do sertão, que observa a natureza com mais desembaraço instinto e com mais evidente felicidade. O Bispo era homem de letras e do Paço d'E-Rei, conversador airoso. Para que escrevesse semelhantes coisas em Belém do Pará era desacreditar as sumidades olissiponenses emi-

nentes. Ignoro de como Sua Reverendíssima encontrou o convencimento sob a linha equinocial. Mas estava rezando pela cartilha dos seus diocesanos.

Eduardo Campos compreendia esplendidamente remédios e superstições que são os remédios da magia defensiva. Ler é ouvir o povo, atravessando o tempo e maré com suas fórmulas tecnicamente reprovadas. Em Luanda dizem remédio de agulha às injeções, sem cotação alguma. O mesmo ocorre para os nossos sertanejos.

As sugestões medicamentosas são inicialmente enunciadas pelo próprio doente, numa derradeira fidelidade aos “saberes” do povo. Chá, lambedor, sinapismo. Remédios amargos, violentos, raspando as goelas. Nem sempre a idéia é despicienda. Um vaqueiro, alentado e forte, foi pedir ao meu compadre José Mariano Filho, que era médico, dois purgantes porque, há dias, não dava de corpo. – Dois purgantes? Para quê? – Um pra abalar e outro pra arrastar – explicou o consulente.

Pedindo-me que escrevesse sobre o seu livro, já por mim louvado nas duas edições anteriores, Eduardo Campos, sem querer, faz com que antecipe os aplausos a sua nordestina e simpática Medicina Popular. Não é apenas um livro de cultura lógica, suficiente, oportuna, mas de investigação documentada e concreta, de inteligência, valiosa e brilhante. É uma dessas flores cujas raízes garantem a vitalidade realística, em utilidade e cor.

*Cidade do Natal
Dezembro de 1964.*

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

MEDICINA POPULAR DO NORDESTE

DOCUMENTO FOTOGRÁFICO

“... desenganados pela medicina ou expostos ao iminente perigo de vida, já não têm a quem recorrer neste mundo.”

Frei Venâncio Willeke, O. F. M.

digitalizar foto

Expressão de súplica de um romeiro aleijado, sem capacidade de locomover-se, implorando a São Francisco das Chagas a sua recuperação.

Penitentes

“...desenganados pela medicina ou expostos ao iminente perigo de vida, já não têm a quem recorrer neste mundo. Temendo a morte imediata, o último recurso constitui a promessa de realizar uma romaria extraordinária a Canindé (Ceará), i.e., revestidos de mortalha em forma de hábito”.

Frei Venâncio Willeke, O. F. M.

São Francisco das Chagas de Canindé

Ex-Votos

Em Canindé, por ocasião dos festejos de São Francisco das Chagas, em 1964, o amontoado de ex-votos foi como se vê na foto abaixo. Ao lado, ex-voto de madeira, mostrando homem despido. (Coletado em Juazeiro do Norte, CE.) Na página anterior, magnífico ex-voto, pintado e esculpido em madeira, apresentando uma manifestação de bócio. (Coletado na Capelinha de Caldas, em Barbalha, CE.)

MEDICINA POPULAR DO NORDESTE

INTRODUÇÃO

SE VERÍDICA a assertiva de que as doenças precederam o aparecimento do homem sobre a terra,¹ os remédios e os meios de que se utilizou para delas se defender, desde a prática de exorcismos, sob o temor infundido à aproximação das pestes, com ele terão nascido. Humilde e frágil sentia-se o homem diante da Natureza, subjugado pelas forças estranhas que o haveriam de embalar desde os primeiros vagidos, forçando-o a buscar trégua na crença de que o mundo, regendo-se por bons e maus espíritos, destes deveria preservar-se naqueles haurir benefícios. Com a atenção voltada para os fenômenos que ocorriam em seu *habitat*, intimidando-o, prostrando-o sob o peso de lucubrações, o homem primitivo procurou formar também, a exemplo dos animais,² os seus naturais e necessários meios de defesa. Religião e medicina, então “parce que religion et médecine tendent essentiellement au même but: la défense de l’individu contre le mal”.

As doenças que afligiam o homem, em suas manifestações benignas ou violentas, levaram-no naturalmente a procurar recursos para sarar, buscando a proteção de amuletos, orações e, principalmente, recorrendo à ação de feiticeiros que apontavam o caminho mais acertado que o haveria de livrar, não apenas das enfermidades, mas da conjuração de espíritos manifestamente maus.

Obstar a ação dessa malignidade e oferecer, ao mesmo tempo, uma respeitosa adoração aos bons espíritos, teria sido a preocupação dos povos primitivos em sua formação, preocupação que, de resto, dessa ou daquela forma, conseguiu chegar até nós e estabelecer-se em povos onde a barbaria predomina.

O Dr. STÉPHEN-CHAUVET afirma, com sabedoria, “Etant donné ces conceptions cosmogéniques, là médecine, fille de la religion, devait être magique. L’homme, en effet, devait faire le nécessaire

¹ A. Castiglioni, *Histoire de la Médecine*, tradução de J. Bertrand, Payot, Paris, 1931, p. 21.

² A. Castiglioni, *ib.*, p. 35.

à l'avance, pour éviter d'être victime de tous dangers qui l'entouraient. À cet effet, il devait essayer: et de se concilier les esprits malfaisants, et, par contre, de refouler les esprits malfaisants, les envoûtements des adversaires, les pensées, est maléfiques des âmes errantes de certains morts insatisfaits! Ainsi prirent naissance: les amulettes, les incantations, les offrandes propitiatoires, la notion du totem et les tatouages totémiques, etc..."³

De priscas eras, portanto, vem o homem procurando defender-se dos efeitos maléficos dos maus espíritos, confiando em amuletos, nas suas mais variadas apresentações, avançando através do tempo e chegando até nós na sua forma mais generalizada, sem dúvida nenhuma, a medalha, que alcança, quando benta, um poder todo excepcional para quem a possui.⁴

Era convicção dos antigos (A. CASTIGLIONI) que a influência dos astros determinava a causa de perturbações fisiológicas ou patológicas do organismo, muito em particular àqueles que apresentavam, como os fenômenos naturais, um caráter de evidente periodicidade, como a menstruação e as febres intermitentes. Na Babilônia, a crença de que as relações existentes entre os fenômenos fisiológicos e celestes contribuíram para fazer nascer e determinar a influência sobre a vida humana, de épocas, de estações e astros, era bastante vulgarizada.⁵ O mesmo seria dado observar a VON MARTIUS,⁶ que assinalou a crença, entre os brasílicos, da influência de certos astros sobre o homem, especialmente quando está doente.

³ Dr. Stéphen-Chauvet, *La Médecine chez les Peuples Primitifs*, Libraire, Maloine, Paris, 1936, p. 28.

⁴ Dr. Stéphen-Chauvet, *ib.*, p. 31.

⁵ "Et, en cherchant dans la Nature, dans l'action du soleil, de la lune, de l'eau de mer, du tonnerre, de la foudre, la cause de ses maladies et le moyen de les guérir, l'homme a vite fait d'apprendre à connaître de valeur thérapeutique des forces naturelles: de la chaleur, de la lumière solaire, de l'eau; il remarque les vertus curatives des plantes (amené peut-être à cela par l'exemple des animaux et constate que certaines sont vénéneuses, que d'autres provoquent plus ou moins nettement, des phénomènes déterminés, et que d'autres encore apaisent la douleur et guérissent le mal..." – A. Castiglioni, *ob. cit.*, p. 25.

⁶ Carlos Friedr. Phil. von Martius. *Natureza, doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*, Companhia Editora Nacional, 1939, p. 213.

A criatura humana não negou essa herança; pelo menos o nosso camponês, que continua a acreditar na influência dos fenômenos celestes, nas perturbações de seu organismo, sustentado a superstição de que, entre outras coisas, não deve olhar a mulher grávida para um eclipse, sob pena de lhe nascer o filho negro ou com defeito físico. As mulheres julgam que a Lua, quando cheia, exerce notada influência sobre a menstruação. A própria chuva tem sua importância nesse tocante, sendo dito popular bastante conhecido: “Está fugindo da chuva como mulher menstruada”.

A Lua e as marés, principalmente as de janeiro, é crença generalizada, agravam o mal àqueles que estão enfermos.⁷ Acredita igualmente o sertanejo que todo aquele que apontar uma estrela com o dedo da mão, nele há de nascer uma verruga. E desfalece de força a oração que for proferida para afastar um mal qualquer, em plena lua cheia, não se devendo dar a beber purgativos a enfermos em igual época, por não surtirem o desejado efeito.

Os ensinamentos antigos a respeito dos astros, dos planetas, da Lua, em particular, continuam chegando ao homem do campo através das edições do famoso *Lunário Perpétuo*, obra consultada e respeitada ainda hoje pelo sertanejo, e que a esse respeito lembra:

“Primeiramente se há de notar que os efeitos da Lua em crescente são muito diferentes que em

⁷ “A credence popular sobre a arte de curar relembra ainda os costumes do estado fetichista, da astrolatria principalmente. Assim é que a mãe de família roceira mostra o recém-nascido à lua nova, porque, se não o fizer, o belo astro da noite pode levar o filhinho, ou concorrer para que ele sofra dor de barriga e outros achaques.

Dê cá pão com farinha
Para dar a minha galinha
Que está presa na cozinha.
Xô, galinha.
Vai pra tua camarinha.

É uma espécie de oração das crianças ao novilúnio”. – Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, Fortaleza, 1903, p. XXVII.

minguante; e assim todas as pessoas de prudência têm conta particular com os crescentes e minguantes da Lua, para muitas e diversas coisas tocantes à agricultura e à saúde corporal. Diz, pois, PLÍNIO, no Livro XXXII, que todas as coisas que se cortam e tosquiam, para que conservem muito tempo, se devem cortar, colher e tosquiar em lua cheia ou minguante; porque a madeira que se corta em lua crescente, logo lhe dá o caruncho, se for árvore que perde a folha”.

As comunidades sertanejas guardam grande respeito à Lua. “É pelas suas fases que as jovens regulam o aparecimento do seu castamênio” – informa-nos em substancioso estudo (*A Medicina Caseira*) o DR. OSVALDO R. CABRAL, que nos aponta, igualmente, a importância que representa a Lua para os doentes.

Sob os efeitos da influência de fenômenos alheios à sua compreensão, o homem não poderia ficar apenas nos meios naturais de que lançou mão, inicialmente – os amuletos, a tatuagem, simpatias as mais diversas –, para deles se salvar. E fortaleceu-se com os diversos processos de defesa em que se pode reconhecer o pronunciamento da magia. Esta não deixaria de influir consideravelmente na medicina e terapêutica populares. Na chamada época bíblica, por exemplo, é grande a sua importância.⁸ E na Idade Média a ela acrescentar-se-ia toda uma miraculosa farmacopéia indicando secreções de animais e até mesmo órgãos, contra certas doenças, numa terapia realizada com chifres, dentes, unhas, testículos de javali e, por mais absurdo que pareça, “sperme de grenouille”.

No Egito, o famoso Papiro Ebers exhibia, num estágio natural do desenvolvimento da medicina empírica, receitas de poderes miraculosos, aconselhando em linguagem provectora, para os enfermos e desesperados, órgãos e secreções de animais, como banha, excremento, sangue de hipopótamo, crocodilo, etc. Muitos desses remédios, empregados pelos nossos antepassados, venceram as distâncias impostas pelo tempo, não sendo superados pela

⁸ A. Castiglioni, *ib.*, p. 72.

medicina científica, e chegaram até nós, num processo natural de propagação, transmitidos de uma a outra zona geográfica, de geração a geração, alcançando depois os pontos mais longínquos do nosso sertão. GUSTAVO BARROSO houve por bem⁹ anotar em ORAIN, no seu famoso *Folk-lores de I'lle et Velaine*: “Piqûres d'insectes – Les bonnes-femmes de nos campagnes prétendent que l'on porte sur soi dle remède qui doit guérir nos maladies. Ainsi lorsqu'elles sont piquées par des moustiques, recouvrent-elles l'endoit piqué avec de la saleté qu'elles prennent dans leurs oreilles”. Lá como aqui, a exemplo do que fazem os nossos homens do campo, curam-se mordidelas de insetos com a chamada cera-de-ouvido.

Registramos a seguir, por curiosidade, um processo para tratamento de oftalmias em uso ainda entre os povos do Islão: “En général on garde un morceau du cordon ombilical qui, séché et pulvérisé, sert, à préparer un collyre contre les ophtalmies et le trachôme, si fréquents au Sahara”.¹⁰ Entre os cearenses do interior, para crianças que nascem com os olhos purulentos, costuma o sertanejo infundir o toco do umbigo (portanto uma extremidade do cordão umbilical) instilando depois a água da infusão, dias seguintes, como colírio. E embora pareça absurdo, mesmo em meios mais evoluídos, ainda se tem a oportunidade de registrar tal prática.

⁹ Gustavo Barroso, *Através dos Folclores*, Companhia Melhoramentos de São Paulo, p. 128.

¹⁰ René Pottier, *Initiation à la Médecine et à la Magie en Islam*, Fernand Dolrot, Paris, 1939, p. 93.

a) A propósito da influência muçulmana que nos chegou através dos negros, vale a pena citar estas palavras de Joaquim Ribeiro, em sua *Introdução ao Estudo do Folclore Brasileiro*, p. 170:

“Os negros indiretamente, como já se disse, nos trouxeram também usos e costumes dos árabes. Com todos sabem, antes de os portugueses terem realizado a conquista periférica da África, fazendo o périplo africano, já os árabes haviam realizado a sua conquista continental: portanto nada há de estranho em que os negros que vinham para o Brasil trouxessem também reminiscências dos muçulmanos”.

b) O movimento de islamização do século XI (Artur Ramos, *As Culturas Negras do Novo Mundo*, p. 18) não realizou apenas uma etapa do conhecimento das populações africanas, mas serviu para deixar às vezes bem nítida a influência dos Árabes.

Não muito raro, processos outros, observados na terapêutica popular dos tempos idos, permaneceram inalteráveis no Ceará e acreditamos que fatos idênticos hão de verificar-se noutras zonas geográficas. Aqui poderíamos reter a atenção do leitor, um pouco mais, citando os mais extravagantes remédios de épocas e de terras completamente distanciadas de nosso *habitat* e que, nem por isso, deixam de assinalar estranhas coincidências. Mas haveríamos de sair, algumas vezes, do principal motivo que nos animou a escrever este trabalho – o de revelar simplesmente em que condições se encontra a medicina popular no território cearense, e, por extensão, na área do Nordeste. Por outro lado, invadindo seara alheia, em busca de maiores esclarecimentos, poderíamos tropeçar num assunto que já é tempo de confessar nada entendermos: Medicina.

1

CLIMA, ares, o ambiente propício para uma vida longa e tranqüila, deram margem a que se escrevessem cartas e tratados descritivos, os mais felizes, por aqueles que de logo cedo se interessavam pela terra recém-descoberta. Desde a famosa carta de PERO VAZ CAMINHA que desfrutamos a informação espontânea da salubridade das terras do Brasil. Muitos nomes poderíamos aqui citar, de cientistas, de simples viajantes, de curiosos naturalistas, homens, enfim, das mais variadas ocupações e misteres que nos visitaram e, entre eles, necessariamente haveríamos de incluir o padre FERNÃO CARDIM,¹¹ que assim se expressou: “O clima do Brasil geralmente he temperado de bons, delicados e salutiferos ares, donde os homens vivem muito até noventa, cento e mais anos, e a terra he cheia de velhos; não tem frios, nem calmas...” O contato

¹¹ Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, Companhia Editora Nacional, 1939, p. 31.

dos colonizadores, em estágio posterior, com os aborígenes, determinou o aparecimento de novas doenças, de epidemias e endemias estranhas ao meio, de par com outras naturais à terra. Muito abalou esse contato da civilização a robustez, a resistência física do indígena, elogiada por VON MARTIUS com merecidas palavras.¹²

A prática de uma incipiente medicina há de ter nascido das contingências naturais desse estado de coisas, transformando os mais inteligentes, que de livros de farmácia tivessem algum conhecimento, em médicos improvisados. Essa angustiante situação de homens abandonados à sua própria sorte, ao tratamento e cuidados de charlatães, não haveria de ser superada tão cedo. Alguns séculos teriam de correr para que fossem renegados barbeiros e boticários, que serviram apenas de eterno motivo a críticas e moitejos: “São mui poucos os que obram como são obrigados observar sua arte, principalmente neste Estado do Brasil: porque, além de serem muito poucos os homens brancos que exercitam esta arte, por serem negros e pardos que dela usam, e talvez mal aprendidos, quando se devia por grande cuidado nisso, mandando-os examinar como se pratica em todas as mais partes do mundo.”¹³

Tal situação se tornava propícia, como se vê, à improvisação de barbeiros que martirizavam os enfermos com sucessivas sangrias. E a flebotomia foi então, para cultos e incultos, remédios que acudia a todos os males. Os próprios indígenas praticavam a flebotomia pelos processos mais diversos. “Nas doenças gerais” – esclarece-nos o Dr. ALBERTO SILVA, in *Revista Brasileira de História de Medicina*. vol. I, número 3, p. 221 – “eles escarificaram sempre o tórax, utilizando, nos locais, nos pontos inflamados, da ponta

¹² “...vencem terríveis distâncias em pouco tempo, admirável capacidade para carregar pesos, ou continuar horas a rio o mesmo exercício muscular, são qualidades que já surpreenderam os primeiros descobridores da América e que igualmente encontramos no índio brasileiro, quer habite em espessas matas virgens, ou em campos abertos”. (Ob. cit., p. 17.)

¹³ Nuno Marques Pereira, *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, publicação da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1939, sexta edição, volume II, p. 91.

aguçada do bico do gavião, do tucano ou ainda do ferrão de arraia, como prática flebotômica”.

Nesse conjuntura cada pessoa haveria de tomar a si – e foi o que ocorreu – a iniciativa muito humana de se defender contra as enfermidades, procurando aprender com as mais experimentadas mezinhas e orações que servissem de auxílio nessas dolorosas continências. Vale a pena salientar que, no ano de 1899¹⁴ clinicavam, em todo o país, apenas doze médicos formados. A consequência disso foi permanecerem as tradições do indígena quase exclusivamente nas mãos dos barbeiros, dos autoditadas e das mulheres-velhas que funcionavam como parteiras. E o curandeiro resultou em ficar, tanto na capital como no interior, como necessária herança dessa época em que se praticavam, em medicina, os maiores absurdos. Hoje em dia repetem-se os mesmos remédios, as mezinhas que foram usadas largamente nos tempos coloniais. E o médico, no sertão, infelizmente desacreditado, visto como um ser estranho, ainda para ser respeitado do que propriamente para oferecer recursos ao pronto restabelecimento da saúde, não conseguiu impor-se à confiança do sertanejo distanciado da civilização e inculto, certo de seus princípios curativos, ser marginal apesar da radiodifusão, da Imprensa e do Cinema, que não conseguiram transformar ainda a sua primária maneira de raciocinar, deixando-o entregue à prática de uma medicina popular, danosa quase sempre, de dar com a magia primitiva, credices e superstições.

Decididamente o médico não pôde ainda impressioná-lo. Não se deixará vencer tão facilmente, preferindo acreditar nos avisos misteriosos, na encenação dos curandeiros, nas garrafadas de sabor acre. Assim governa-se pelo que aprendeu do resultado natural e vagaroso de sua evolução social, recebendo, geração após geração, conselhos e práticas de baixa magia, informações sobre o poder de certas ervas, medicinais umas, outras não, processos de cura em que se contam excretos – principalmente de animais – numa escatologia das mais curiosas.

¹⁴ von Martius, ob. cit., p. 223.

Confia o homem do campo, presentemente, no raizeiro, no curandeiro ou rezador, porque os julga conhecedores dos elementos indicados para sua defesa, certo de que, a exemplo dos povos antigos, se está defrontando com um feiticeiro, intermediário dos bons ou maus espíritos – gente que se utiliza de processos que se coadunam com sua maneira de pensar. Não há tratados de medicina, autoridades médicas capazes de desmentir ao sertanejo os poderes sobrenaturais que ele julga influir consideravelmente na cura de suas enfermidades, e de convencê-lo de que determinados remédios, estranhos e sobretudo extravagantes, além de perniciosos geralmente são improficuos.

Até que o ambiente esteja convenientemente depurado com os elementos necessários fornecidos apela civilização, até que os médicos e postos de assistência e saúde penetrem sertão adentro e sejam edificadas novas cidades, com insignificante ou sem nenhuma alteração o meio será o mesmo e o camponês o homem que tem, na Natureza que o cerca, a sua vida, as condições naturais e imediatas para a sua existência.

Abre-se à nossa frente um dos capítulos mais ricos da etnografia que poderá oferecer os mais interessantes aspectos aos estudiosos. Nosso objetivo é tão-somente apresentar um guia de remédios, chamados *meizinhas*, superstições e crendices utilizadas no Nordeste, à margem de algumas considerações que julgamos de interesse e utilidade àqueles que dele pretendam aproveitar-se em trabalho mais acurado. Se tal ocorrer, dar-nos-emos por satisfeitos e felizes deste livro, fruto de pesquisas que nos tomaram a atenção por vários anos.

2

MISTO de crendices, superstições e conhecimentos estruturados na prática observada de pai para filho, através de gerações, a medicina popular em todos os seus múltiplos aspectos

alcança um papel de destacada importância no Nordeste brasileiro principalmente no Ceará, parte integrante do chamado “polígono das secas”. Efetivamente o homem do povo, na iminência de um mal que o aflija, saberá por certo aplicar os seus conhecimentos de curandeiro. E para a realização de sua medicina empírica, a mais pitoresca possível pelos processos utilizados, lança mão de mezinhas ou orações às quais empresta a melhor de suas crenças. No entanto, auxiliando-o existe aproximadamente meio milheiro de plantas medicinais conhecidas em seu *habitat* e aproveitadas para o tratamento de moléstias as mais diversas, o que o possibilita depender muito em raro dos serviços médicos.

Pode dizer-se que o sertanejo, em seus instantes de aflição, pelas dificuldades de receber um tratamento científico, e, entre outras coisas, levando em consideração que os animais acometidos de um mal qualquer procuram alívio muitas vezes em certas raízes e plantas (como é o caso do teiú, que mordido por uma cobra, na crença sertaneja, corre para o mato em busca da batata-cabeça-de-negro, que o cura do veneno), foi a pouco e pouco sanando os possíveis obstáculos à recuperação da saúde, experimentando para seus achaques, mezinhas obtidas pela maceração, infusão ou cozimento de raízes, folhas de algumas ervas e cascas de arbustos e árvores existentes na sua geobotânica.¹⁵

A predominância de remédios fornecidos pelo reino vegetal sobre os de fontes mineral e animal tem sido indiscutivelmente apresentada através dos tempos. A medicina positiva dos nossos indígenas, no que tange à zooterapia, resumia-se – como é fácil

¹⁵ “Dans beaucoup de pays, la nature a placé des médicaments indigènes propres à combattre les maladies endémiques, et dont les nations même les plus sauvages, connaissent l’efficacité. Ainsi, plusieurs espèces de cochléaria guérissent le scorbut dans le nord de l’Europe: le “Playgala Senega” est un antidote pré-cieus dans l’Amérique septentrionale, contre la morsure de serpent à sonettes; sous les tropiques, on emploie avec le suc de limon et de plusieurs autres fruits, soit à l’intérieur dans les maladies aiguës, soit à l’extérieur, pour changer l’aspect de certaines ulcères d’un mauvais caractère... le curcuma fournit aux Brésiliens un excellent remède contre le venin du gecko...” – Kurt Sprengel, *Histoire de la Médecine*, tradução de A. J. L. Jourdan, 1815, Paris, tomo I, p. 21.

observar – na aplicação de alguns remédios, “banha de onça para destruir os vermes das úlceras malignas, banhas de jacaré, veado, galinha, etc.”,¹⁶ contando-se a maior parte no emprego da medicina negativa (rigorosamente preventiva), com a transformação de certas partes animais em amuletos. (Vede MARTIUS, ob. cit., p. 204).

Os bororós orientais (A. COLBACCHINI e C. ALBIESETTE, *Bororós Orientais*, p. 103) afirmam que os remédios se denominam “jurubbo” e “são vegetais quase todos”. A parte da planta mais usada é a raiz, constituída quase sempre das “ervas perenes e dos arbustos pequenos das savanas mato-grossenses”. Todos os antídotos conhecidos pelos dois estudiosos são vegetais, o que comprova a nossa assertiva: “Uma folha, uma casca, uma raiz têm para ele virtude especial. Aprendeu e sabe de cor uma farmacopéia formada pelo estudo e experiência selvagem. Se adocece, se sofre, não recorrerá senão à floresta, onde julga encontrar o que lhe é preciso” (COLBACCHINI e ALBIESETT, ob. cit., p. 105).

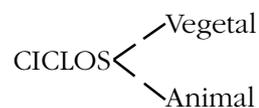
Sessenta e sete espécimes de vegetais da farmacopéia indígenas são usados mais comumente aplicando-se as folhas em macerações aquecidas, a raiz carbonizada, etc. O padre FRANZ MUELLER, S. V. D. (“O Vegetal como Alimento e Medicina do Índio”, in *Revista do Arquivo Municipal*, Ano VII, vol. LXXXVI, São Paulo) levantou a hipótese de que, tanto esse herbário como a sua própria nomenclatura, sejam de origem asteca. O Bari, naturalmente (como já vimos no recenseamento de A. COLBACCHINI e C. ALBIESETTE) teria a seu favor um número elevado de vegetais para a sua estranha medicina. E é o mesmo padre FRANZ MUELLER (ob.cit., p. 269-270) que nos alerta para essa particularidade: “Das 470 espécies medicinais relacionadas no seu *Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasilensis*, VON MARTIUS aponta mais de cem que eram empregadas pelos indígenas”.

A medicina campestre argentina também herda dos indígenas maior soma de conhecimentos no que concerne à terapia. Fazendo justiça aos seus antepassados, dizem F. COLUCCIO e G.

¹⁶ von Martius, ob. cit., p. 227.

SCHIAFFINO in *Folclore y Nativismo*, p. 121: “Los indígenas fueron los primeros que conocieron las virtudes curativas de determinados vegetales, y de ellos, por etapas sucesivas, llegaron a nuestros días, em que aún en grandes ciudades “Casa de Yoyos” y farmacias, venden hojas, ramitas, etc., excelentes para varias enfermedades”.

Por isso não acreditamos ser exagero de nossa parte fundamentar o estudo da medicina popular, na sua parte positiva, em dois ciclos distintos e de grande importância:



A predominância desses dois fatores principais não exclui, por certo, a presença do reino mineral, reconhecidamente pobre, como já observara MARTIUS, nem tampouco o tratamento pela medicina negativa. Esta última, pela influência que recebeu, poderá dividir-se simplesmente em

- CICLO NEGRO (Africanos)
- CICLO BRANCO (Europeus)
- CICLO VERMELHO (Ameríndios)

Os três representantes dos ciclos aqui lembrados como contribuição aos especializados no assunto formaram o Catimbó. Negros, indígenas, europeus fundiram-se no Catimbó, ensina CÂMARA CASCUDO (*Meleagro*, p. 27). E o que desposamos – ter sido o ciclo vegetal mais importante na medicina indígena – com as seguintes palavras: “A terapêutica vegetal (no catimbó) é indígena pela abundância e proximidade além da tradição médica dos pajés” (Ob. cit., p. 26).

A medicina do Nordeste hoje em dia tem o caráter misto: vegetal e animal. Não existe o catimbó, em ponto alto, como o encontramos no subúrbios da capital. O “médico” do sertão continua sendo o Bari, agora transformado em curandeiro, raizeiro e

rezador, nas denominações populares, ou então a “comadre”, parteira obrigatória de todas as famílias, quer sejam pobres ou ricas. As viagens que fizemos, atingindo diferentes zonas do Estado,¹⁷ asseguraram-nos a certeza de que não existe nenhuma apresentação de “catimbó” na vasta área percorrida. O sertanejo, sem maiores contatos com o negro, o que o isenta da magia e prática de cerimônias convencionais dos homens de cor que chegaram ao Brasil. Calculam-se em menos de vinte mil os escravos negros existentes no Ceará na época da abolição da escravatura. E é observação nossa de que na zona chamada “alto sertão” a medicina popular é puramente pela Fitoterapia, o inverso do litoral, principalmente da capital, onde são encontrados com frequência remédios tanto de origem vegetal como animal, o que nos autoriza dizer que a marca do tratamento através de pernas de grilo, chá de barata torrada, etc., encontra-se exatamente na faixa de terra em que o elemento negro legou sua influência.

Somente em alguns casos, atualmente, é possível encontrar-se a sábia orientação de pessoas estranhas ao ambiente, mas conhecedoras das qualidades por acaso medicinais dos vários espécimes de nossa flora e de outros aqui cultivados, com os ensinamentos valiosos de tratados de terapêutica, em que se destacam os trabalhos de M. PENA e DIAS DA ROCHA e formulários de medicina caseira, de que são espécie o *Lunário Perpétuo* e o livro de CHERNOVIZ.

Ensinamentos de medicina popular, como atração para os leitores, eram insertos em revistas e jornais do século passado, como se poderá verificar in *O Sol*, Ano VI, CE, domingo 31 de maio de 1863, nº 331): “Pedras na Bexiga: As folhas do Tarumã (arbusto), fervidas e feito chá, fazem diluir as pedras na bexiga. Também faz o mesmo efeito a banha de tijaçu bebida”. E na mesma edição: “Mordedura de Cobra: A raiz do teiú é um remédio

¹⁷ Zonas Norte, Sul e Central do Ceará, abrangendo as seguintes cidades: Sobral, Ipu, Santa Cruz, Uruquê, Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jaguaribe, Limoeiro do Norte, Quixadá, Icó, Pacatuba, Baú, etc.

aprovado contra o veneno da cobra, e ainda mais aprovado e eficaz são as pernas da macuca”.

A formação mística do nosso homem da caatinga serve-lhe razões suficiente para que se reviva, hoje em dia, nos sertões, a luta bastante nítida entre as forças do bem e do mal, figuradas pelos espíritos que se confundem graças ao sincretismo religioso ora observado. Lembra o professor JOAQUIM ALVES: as gerações que surgiram aprenderam dos antepassados as tradições religiosas, formando um corpo indestrutível de credices que preside a toda a vida de nossa gente, no que se confundem o animismo e fetichismo do negro e do índio com os santos cristãos. De outra maneira não se poderiam explicar¹⁸ os atos religiosos, cristãos, praticados sob a denominação de deuses africanos. Sob a dependência de sua formação mística, o sertanejo, ao sentir-se vítima de uma doença mais suave, cuida da prática de conjurações, aproveitando-se de mezinhas – seu tratamento habitual – e se o mal o acomete, principalmente num dos órgãos superiores, logo que esteja são, infalível será seu comparecimento ao santuário da igreja mais próxima para apor um ex-voto, a exemplo de que faziam os antigos, principalmente os egípcios.¹⁹

O ex-voto, ao contrário do que poderão pensar alguns estudiosos do assunto, não é uma oferenda com o intuito de preservar o ofertante de determinado mal. Embora tenha esse caráter, ele se

¹⁸ Joaquim Alves, *Juazeiro, Cidade Mística*, Editora Instituto do Ceará, 1949, p. 11.

¹⁹ “... se a cura era seguida de bom êxito, suspendiam no santuário chapas votivas, inscrições e pequenas figuras de marfim.” – *História Universal*, César Cantu, desde a criação do mundo até 1862, continuada até 1870 por Dom Nemésio Fernandes Cuesta, com a notícia dos fatos mais notáveis relativos a Portugal e ao Brasil. Edição traduzida da francesa de 1867, anotada por Manuel Benardes Franco, Lisboa, 1875, livro II, p. 480.

“Várias inscrições eucarísticas a Esculápio, encontrada na Ilha do Tibre, foram publicadas por Grutero no seu *Thesaurus*, e comentadas por Hundertmabk, em *De Incrementis Artis Medicas per Expositionem Aegrotorum in vias Publicas et Templas*, Leipzig, 1749: “O Deus mandou a Valério Aper, soldado cego, que fosse misturar sangue de galo branco com mel, que fizesse um linimento e com ele esfregasse os olhos durante três dias: recuperou a vista e agradeceu a Deus, publicamente”. – César Cantu, *ib.*, Livro II, p. 480.

manifesta também no desejo, do doente que se viu curado, de não reincidir no mesmo mal. No entanto o ex-voto é um prêmio. É um troféu que marcará para o santo protetor, ou para o espírito benfazejo, um triunfo sobre o mau espírito.

Estribamos a assertiva nas diversas maneiras de oferecerem-se ex-votos no Nordeste, particularmente no Ceará, ofertados aí por ocasião das festas religiosas, sob variadas modalidades, que vão desde animais domésticos, laços de fitas com medidas, porção de cabelos, frutas, etc., até o ex-voto esculpido na madeira ou feito de cera, ou a simples fotografia e pintura primitiva do enfermo ou da parte sarada.

Sentindo que os recursos de que dispõe à mão não lhe surtiram o desejado efeito, o cearense, – por exemplo, – toma-se da certeza de estar sendo vítima de “malefício” operado por terceiro, acusando-se de ter recebido “quebranto” de alguém, o que vale dizer mais explicitamente: feitiço.

Para evitar o ataque do espírito do mal ou prevenir-se contra a sua maléfica ação, numa tradição atávica, lança mão de amuletos, entre os quais se contam estas figuinhas encontráveis nas feiras, que, traíndo a sua concepção primitiva, sugerem geralmente a forma do pênis, símbolo de força e vigor. A própria oração misteriosa, da qual o enfermo não se pode inteirar – sob pena de não se recuperar – presa ao pescoço, tem uma influência considerável em seu espírito, não passando de outra representação mágica de amuleto.

Em cada vila, em cada região do Nordeste, encontra-se em ação o curioso tipo do curandeiro. É geralmente um velho de feições mediúnicas. Costuma falar consigo mesmo, o que é interpretado pelos demais como um poder sobrenatural (dizem: “Quem fala sozinho está falando com o diabo”), e geralmente se entrega ao vício de bebidas espirituosas. É recebido pelos ricos e pobres, com o máximo de respeito, e procurado diariamente, para resolver os assuntos mais simples ou mais complexos, servindo suas orações para fazer aparecer um objeto perdido, encaminhar uma rês ao curral ou simplesmente para curar os que estão carecendo de cuidados médicos.

Nega-se peremptoriamente a passar a terceiros ditas orações, sob a alegação de que perderá com isso o poder miraculoso e elas emprestado. Muitas vezes ocorre ser a receita absurda, oração constituída de palavras de grande puerilidade... Mas se for eficiente para determinado caso (por coincidência, é claro), forçosamente há de servir a outros enfermos, em iguais condições, sob alegação de que “fulano ficou curado”.

Uma situação satisfatoriamente resolvida assim pelo acaso serve para reforçar a pretensa eficácia dos mais extravagantes remédios, e o pior é que o número de pessoas crédulas, de certa posição social, afiança seus resultados, esquecendo-se de que o organismo muitas vezes reage por si e, na maioria dos casos, as orações milagrosas, a figurinha, o dente de jacaré ao pescoço, etc., de nada influíram para a melhoria observada no paciente.

Em ordem geral, o feiticeiro dos tempos antigos apresenta-se entre nós numa única forma: o curandeiro, pois não conhecemos nenhum desses indivíduos que deixe de utilizar, em sua estranha e precária medicina, as chamadas orações fortes²⁰ e de da a beber aos enfermos mezinhas das mais variadas procedências. Entretanto, fora esse rigorismo, podemos destacar os mezinheiros pelas particularidades de três tipos existentes no sertão:

CURANDEIRO
REZADOR
RAIZEIRO

O *curandeiro*, de um modo geral, destaca-se pelo tratamento que ministra aos doentes, empregando de preferência garrafa-

²⁰ “... o maior papel está reservado às rezas fortes, às orações poderosas. Por elas se consegue tudo: o cangaceiro perseguido vira-se em curto e atochado tronco à margem do caminho ou em uma mão de pilão encostada à parede de fumarenta cozinha; a chuva caindo em bâtegas não molha um comboio de farinha tangido por quem as saiba rezar; os roçados não encruam ou vice-versa; os presos fogem pelas grades fechadas das prisões, passando invisíveis à face dos guardas”. – Gustavo Barroso, *Terra do Sol*, Livraria Francisco Alves, 3ª edição, p. 164-65.

das preparadas de acordo com receitas especiais que variam de um para outro. Quase sempre o veículo nelas encontrado é o próprio álcool, por si bastante forte para dar alento enganatório ao enfermo, no momento de sua ingestão. Esse tipo de garrafada²¹ muitas vezes lança o doente numa prostração muito seria.

Receitam também mezinhas compostas de raízes, ervas outras medicinais, etc., empregadas em muitos casos com êxito. Destacam-se esses tipos pela maneira importante com que ministram sua medicina, pelas palavras difíceis com as quais costumam explicar a origem e a natureza das doenças numa falsa sabedoria. Geralmente afirmam ter o “corpo-fechado”, desde pequeno, ou simplesmente se anunciam “curados de cobra”, sabendo receitas e orações que favorecem a terceiros idênticas imunidades.²²

O *rezador* é outro tipo. Destaca-se do curandeiro pelo poder de suas orações. É servido por uma poderosa força de sugestão, favorecida pela situação de depauperamento do paciente e pelo respeito que lhe sabe infundir. Torna-se famoso pelas orações e práticas mágicas com que trata as enfermidades que acometem os animais, sendo capaz de “curar pelo rastro” uma rês que tenha desaparecido do curral, perdida na caatinga. O sertanejo

²¹ Tipo de garrafada comumente usada: *jurubeba* (quatro dedos da raiz que se orienta para o nascente); *manjerioba* (as sementes da vagem mais alta do pé); *mangueira* (sete folhas, das menores, cortadas ao meio e pisadas na pedra); *velame* (raspa da raiz); *água serenada* (o bastante para encher uma garrafa de meio litro); *aguardente* (um caneco); *cheiro-de-limão* (sumo da casca) e *mel queimado*. Junta-se tudo numa garrafa de litro, que deve ficar bem arrolhada, com a boca para o chão, encostada no pote da casa, durante quatro dias seguidos. No quinto dia, depois de agitada a beberagem, o paciente deve tomar de manhã, em jejum, duas colheres. Serve para aliviar o peito do catarro e fazer desaparecer a tosse chamada “braba”.

²² “O que vai ser “curado”, após ter ingerido uma porção de amarga bebida cuja fabricação é segredo do charlatão, estira-se nu, comprido, ladeado de velas acesas, no barro socado do solo, porque é preciso “expor a pele toda”. E o curandeiro começa a cantar uma melopéia plangente, onde vibra, de quando em quando, com um som metálico, uma africana sílaba nasal, tocando maracá e dançando sinsitras e lentas reminiscências coreográficas das velhas danças dos índios”. Gustavo Barroso, ob. cit., p. 162.

crédulo conta como os “bichos” largam a “bicheira” dos animais, caindo mortos no chão, dia após a reza.

Raizeiro – Apesar de estar mais próximo do curandeiro, difere desse. É bastante curioso dos assuntos da nossa farmacopéia, considerando os remédios chamados “do mato” melhores do que os receitados pelo médicos, por serem naturais e empregados com toda a força e “sustança” da Natureza. No interior, o raizeiro confunde-se com o curandeiro e vice-versa. Na cidade, porém, possui identidade caracterizadora. Sentado por trás de seu balcão de ervas e essências, vive atendendo às consultas de seus clientes, que se contam, às vezes, às dezenas. Conhecemos um, em Fortaleza, que chega a atender a pouco mais de cem pessoas por dia. É hábil comerciante, ao lado de suas atividades médicas no ervanário. Além de defumadouros, vende cestas de cipó, cachimbos, cordas, esteiras, e possui em estoque um grande suprimento de raízes, folhas e cascas de árvores medicinais, como *patchili*, *mutamba*, *jurema*, *sete-sangrias*, *jurema-branca*, etc. De certo modo, o raizeiro guiado por livros ou pelos seus conhecimentos é um homem que raramente se afasta de suas mezinhas de raízes, o que lhe valeu ser consagrado pelo povo como “Dr. Raiz”.

C. TESCHAUER, S. J., em seu livro “Avifauna e Flora nos Costumes, Superstições e Lendas Brasileiras e Americanas” (Edição da Livraria do Globo, 1925, p. 257-58), encontra pontos de contato entre o ervanário e o “costume introduzido e conservado até hoje pelos negros do Haiti e outros pontos da América do Norte”, no que vem contado e descrito na revista *The Museum Journal*, junho de 1917, de Filadélfia.

Vejamos, ainda segundo C. TESCHAUER, S. J., o que diz a revista: “O ‘obeah’ conhece todas as ervas e outras substâncias boas ou tóxicas e possui senso bastante para guardar segredo nas coisas de sua profissão, usando sempre os mesmos meios para os mesmos fins. A ele afluem os demais negros, buscando, uns, a cura de suas moléstias, outros, a proteção contra os inimigos, este o meio para conseguir captar a confiança e simpatia de uma representante do belo sexo e dela obter concessões e favores”. Mais adiante

igualmente registra: “É ainda o ‘obeah’ ou ‘vudu’ quem vende garrafas, latas velhas e cascas de ovos com sangue de vários animais, óleos, resinas, etc., bicos de papagaio, dentes de cachorro, de jacaré, de cobra, terra de determinadas sepulturas, cachaça, ervas várias, etc.”

Com diferenças de somenos importância, é o “obeah” ou “vudu” o tipo do nosso raizeiro, proprietário de ervanário, senhor de uns tantos segredos, e sempre inteligente demais para não revelar a verdade sobre os métodos de tratamento. Embora quase todos os raizeiros neguem peremptoriamente receitar garrafadas, é grande o número de pessoas que ainda hoje as empregam, em uso interno, obtendo-as deles, naturalmente.

Mas de tal maneira os conhecimentos da terapêutica popular estão generalizados, que, mesmo sem a existência dos curandeiros profissionais, não haveria solução de continuidade em sua prática. Sem exagero, poderemos afirmar: cada sertanejo possui conhecimentos especiais a respeito da aplicação de mezinhas para esta ou aquela enfermidade: sabe aconselhar uma raiz que, levada ao fogo, se transformará em poderoso expectorante, uma folha que, ao ser queimada e tornada pó, prontamente cicatrizará uma ferida das mais rebeldes, e orações que, proferidas com fé, proporcionarão compensador resultado. A prova do que dizemos é o conhecimento que têm desses remédios e de determinadas orações, tanto as pessoas das cidades, como as dos pontos mais afastados do “hinterland”, e que não estão em contato com os profissionais da medicina popular.

Um dos motivos da propagação dessa medicina na capital é, sem dúvida nenhuma, o deslocamento do nosso homem do campo para um centro mais populoso, principalmente de mulheres que se empregam nas cidades para serviços domésticos. Verifica-se, ainda hoje, a presença de caboclos, homens e mulheres, servindo na cozinha dos ricos ou de famílias menos abastadas, passando aos meninos, em sua risonha infância, os ensinamentos de sua arte de curar, superstições e crendices, e influenciando os maiores, igualmente supersticiosos, de resto, e que facilmente se acomodam ao tratamento terapêutico sugerido por eles.

Leve-se e consideração a trasladação muito natural de certas famílias sertanejas para a capital, tangidas pelos fenômenos climáticos, obrigações de ordem militar, facilidade de vida, etc. O sertanejo, ao fazer considerável fortuna, também, quase sempre, procura estabelecer-se comercialmente na capital para ficar mais próximo do filho que lhe veio à frente estudar no melhor colégio.

Mas... retomemos o nosso assunto. O camponês, ao ser surpreendido por um mal qualquer, lança mão, via de regra, de seus conhecimentos terapêuticos, mobilizando igualmente os de sua família, que passa a prescrever-lhe em auxílio outros remédios. Sentindo-se pior apela para o curandeiro, geralmente pessoa de sua confiança, ou entrega seu caso a um santo de sua proteção. É fácil obter-se em resposta à pergunta sobre o estado de saúde de uma pessoa: “Com os poderes de São Cosme (ou outro santo da devoção do enfermo) fulano já se curou”.

Possui o sertanejo um vocabulário todo seu, regional e característico, para expressar o que está sentindo. Uma dor que o incomode nos quadris, na região ilíaca esquerda, impressionando o hipogástrio, de preferência define-a como “dor de veado” ou “dor na passarinha”. Dor lancinante no peito, acompanhada de mal-estar, respiração opressa, há de ser invariavelmente o que julgam ser “espinhela caída”. Ao sangue atribuem a causa de muitas enfermidades, achando-se muitas vezes com o que supõem ser “assanhamento” ou “fraqueza do sangue”. Uma inflamação com estado febril é “morrinha no corpo”, e explicam esse estado como sendo proveniente do sangue sujo que lhes corre “do coração pros pés e dos pés pra cabeça”. Se o enfermo é uma criança e se encontra febril, definhando, não há outra causa imediata senão o “mau-lhado” “quebranto” posto por pessoa invejosa. Gripe é o “catarrão amalinado”; sezão é “maleita” e erisipela é simplesmente “esipra” ou “zipra”. A tísica surge sob várias denominações, ora como “vento encausado”, ora como “moléstia-magra”.²³

As gastrites, os desarranjos intestinais, as cólicas, etc., o sertanejo os nomeia simplesmente pelo que entende ser uma

²³ Gustavo Barroso, *ib.*, p. 163.

“fuleimação danada”. E tudo aquilo que anda não recebeu uma explicação satisfatória do seu humilde modo de pensar é “febre”. O ar – segundo afirmam – tem grande importância, influenciando como causa de sérias doenças: o ar-do-vento, doença-do-ar, estupor, etc. *Estupor*, em tempo, é congestão cerebral, apoplexia. “Na medicina plebéia, o ar continua em sua soberania morbífica, gerando epidemias, conservando endemias, produzindo doenças, afecções, enfermidades, síndromes, sintomas diversos. E o famigerado ar chega a receber classificações de acordo com as peculiaridades de seus caracteres patogênicos”.²⁴

“Cuidados com o ar da noite!” recomendavam os nordestinos de uma maneira geral.

Nossos avós sertanejos ainda hoje vão mais além: “Cuidado pra não pegar um “ar”! E desse temor, que vem dos tempos antigos, ficamos todos, pobres criaturas medrosas, com receio de um “golpe de ar”, de “uma barra de vento”, etc., etc. Para os nossos antepassados a maioria das enfermidades provinha do ar. Os micróbios, as pestilências soltas sobre a natureza, movimentavam-se livres e perigosos ao redor dos homens. O ar era veículo de enfermidades, podendo-se por ele adoecer gravemente. Tal o temor que infundia o ar, que, para alguns, era considerado uma forma de apresentação do próprio Satanás.

Richard F. Burton, que pelo Brasil andou em 1868 (e na oportunidade escreveu *Viagens aos Planaltos do Brasil*), teve a sua curiosidade despertada para o fato de que brasileiros, de preferência, construíam os cemitérios nos altos dos morros, criando suas cidades no vale, na parte mais baixa, perdendo assim magnífico ensejo de terem diante de seus olhos a permanente beleza brasileira sob a paisagem tropical. Não há, acreditamos, uma explicação técnica, de ordem urbanística para a estranha preferência (que se estendeu ao Nordeste), de oferecer aos mortos os locais mais elevados. O mais razoável seria, temendo a infiltração de

²⁴ Fernando São Paulo, *Linguagem Médica Popular no Brasil*, Barreto & Cia., 1936, 1º volume, p. 103.

matéria decorrente da decomposição de corpos, se procurar local mais baixo e mais afastado da cidade. Mas nos parece, numa tentativa de explicação que tarda e na qual nos empenhamos com toda ênfase, que a preferência aos lugares altos prendia-se ao fato de que em assim fazendo estariam os habitantes dessas cidades livrando-se e pestilências, desse falado ar doentio que passaria a circular sobre as habitações, em nível muito elevado, sem prejuízo para a saúde dos moradores.

Os bandeirantes, ainda a propósito do ar pestilento, quando se tocavam para as estradas de sertão adentro, à hora da partida tinham sua jornada abençoada e resguardada por esta oração recenseada por Alcântara Machado (in “Vida e Morte do Bandeirante”):

“Em nome de Deus Padre, em nome de Deus Filho, em nome do Espírito Santo, ao vivo, ar morto, ar de perlesia, ar arrenegado, ar excomungado, eu te arrengo em nome da Santíssima Trindade”, etc., etc.

Em quase todos os livros antigos que tratam dos processos empregados pela terapêutica popular, encontrar-se-á, sem muito procurar, referências ao extraordinário poder do ar. Aliás, ainda hoje, para os nordestinos, as congestões não passam de um “so-pro” mau no organismo, uma “pancada de ar” que é recebida pelo corpo depois de se ter alimentado com refeição quente.



E aqui temos, completando estas palavras, à guisa de introdução, a descrição de alguns tipos de curandeiros observados por nós entre muitos outros e que reúnem as características por acaso encontráveis, com freqüência, em sua maioria.

Sião Aninha (Juazeiro do Norte) – Falecida há pouco; na sua idade avançada, tinha aspecto inofensivo e era de estatura mediana. Entregava-se freqüentemente ao vício de bebidas alcoólicas. Compunha-se seu traje de saia e casado, pano preto atado em volta

da cabeça, saia geralmente comprida e frouxa. Mulher à antiga, usava ainda “cabeção”, guardando no cordão da saia, ao redor do corpo, os apetrechos de suas orações: raminho de arruda, rosários e Santo Lenho. Em pagamento pelos serviços prestados, exigia uma criação – geralmente uma ave doméstica –, cabra ou alguns litros de cereais. Raramente percebia dinheiro pelas suas consultas, e quando isso ocorria empregava-o imediatamente na aquisição de aguardente. Ao redor do pescoço usava longo rosário de contas do capim-santo. Como particularidade interessante anotamos o prazer quase sádico de atormentar as crianças com todas as espécies de trejeitos imagináveis, o que servia para deformar seu engelhado rosto, conquistando assim a fama de bruxa e de feiticeira misteriosa que desfrutou até os instantes finais de sua existência.

Manuel de Santana (Juazeiro do Norte) – Homem idoso, de cavanhaque pretensioso, utilizando poucas palavras em suas explicações sobre a natureza e origem das enfermidades, tornou-se festejado pela população menos remediada do lugar. Segundo a tradição, rezou numa mulher, com o pé direito sobre a cabeça dessa, obtendo resultados satisfatórios. A paciente sofria de incurável dor-de-dente, que zombara dos mais variados recursos da medicina. Com suas orações, consoante o testemunho de muitos, o dente ruinoso caiu e as dores cessaram de vez.

Era de seus hábitos ajoelhar-se às duas da madrugada, erguendo-se somente às cinco horas da manhã. Presunçoso, achava que não devia tratar de casos amorosos, por ser “doutor”. E como tal, julgava-se com o direito de realizar somente a sua medicina. A aumentar-lhe a fama cantavam que lhe sorria uma sorte excepcional para caçadas, apresentando-se aos olhos dos mais crédulos como homem de grande poder de atração sobre os animais.

Dona Chiquinha (Fortaleza) – É curioso tipo de mulher. Estatura normal, raquítica, atingindo presumivelmente sessenta e oito anos, guarda semelhança com Siá Aninha, por usar os mesmos trajes daquela, substituindo o pano preto por outro símile, mas branco. Entrega-se à ingestão de bebidas fortes. Reza sobre feridas, pés desmetidos, etc., não fazendo, no entanto, alarde de suas qualidades

de curandeira. Raramente receita erva medicinais. Seus tratamento todo é processado por intermédio de preces chamadas *orações fortes*.

Ferreirinha (HILÁRIO FERREIRA FILHO – Fortaleza) é, da classe dos raizeiros, por certo o mais famoso em todo o Estado. Igualmente raquíto, portador de um defeito físico no coluna vertebral, oferece-nos o aspecto de um homem que, embora fraco, resiste tenazmente à morte, e, esquecido de sua triste condição física, está sempre disposto a proporcionar meios de cura aos que o procuram. Possui um ervanário denominado Irapuru – o melhor que conhecemos –, onde ao lado de seu comércio natural de raízes, cascas de árvores, vende defumadouros, esteiras, óleos de diversas procedências, etc. Atende diariamente a oitenta e tantas pessoas. Não fuma, não bebe, nem joga. Há trinta e dois anos, segundo suas declarações, não almoça. E, entre sete e dezenove horas, não se ergue de sua cadeira de trabalho – o que nos foi dado observar repetidas vezes – nem tampouco se desobriga de qualquer necessidade fisiológica. Há vinte anos que se abstém de comer tudo que sofra morte – disse-nos – e não cospe, porque a saliva faz parte da “química orgânica do organismo e ajuda a digestão”. É casado, pai de treze filhos, sendo que, desses, dez estão vivos.

Poderíamos descrever outros interessantes curandeiros que encontramos durante a nossa jornada de estudos. Mas a verdade é que quase nada poderíamos acrescentar para diferenciá-los. O curandeiro, conforme frisamos, é antes de tudo um tipo misterioso. E, como tal, exerce invariavelmente a sua medicina por intermédio de mezinhas e orações, dentro de uma mesma norma de conduta, destacando-se alguns – como os pré-citados – pelos fatos que se contam de sua vida e por uma ou mais peculiaridades que, às vezes, não encontradas, com facilidade, em criaturas de igual atividade.

O curandeiro existe. É um organismo vivo, uma força latente entre a vida e a morte das populações rurícolas do Nordeste, onde continuam insuficientes os médicos e é nordestíssimo o interesse do poder público pela saúde do povo.

O curandeiro existe, repetimos, e quase sempre, necessariamente, como salvação.

MEDICINA POPULAR DO NORDESTE

*Eu me chamo Chico Torto
Reverso, quebro machado,
Cascavel de sete ventas,
Pedra lípia envenenada;
Onde eu sento minhas presas
Nem remédio de meizinha
Nem reza de padre velho
Nem feitiço de cozinha.*

(VERSOS POPULARES DO CABOCLO,
FIGURA DO “BUMBA-MEU-BOI”).

*– Padrim Ciço, me socorra!
Uma meizinha me dê!
– Não se queixe, minha filha,
A toa, sem ver de quê;
Remédio para o seu mal
Tem no rio e no quintal:
Vassourinha e moçambê.*

(VERSOS DO “ABC DO
PADRE CÍCERO”, DE LÚCIO VÁRZEA).

SUPERSTIÇÕES, CRENDICES E MEIZINHAS

ASMA (puxamento, puxado, piado, etc.) – Diz o sertanejo: “Tô com um ‘puxado’ danado. Pego naquele ‘piado’, de noite, e num drumo prucausa do danisco do ‘puxamento’”. “O ‘puxamento do peito’” (asma foi afecção comumente observada no Brasil). A principal terapêutica, nos tempos passados, consistiu na aspiração da fumaça da erva-santa ou tabaco (*Nicotiana tabacum*). LYCURGO SANTOS FILHO, “História da Medicina no Brasil”, II, p. 147.

Terapêutica:

1 – Mandam que o paciente aspire o pó de anum (ave da família dos Cuculídeos) que se obtém depois de ressequir a ave, por completo, ao fogo. Vimo-lo servido como chá, no sertão, com a recomendação de que “inteirava o tratamento”.

2 – Para igual fim usam a banha do tejuacu ou teuaçu (*Tupinambis tequixim*) em fricções sobre as costas e peito.

3 – Prepara-se outra meizinha bastante difundida em todo o sertão: leva-se ao fogo, até ressequir, uma orelha de gato – de preferência a esquerda –, fazendo-se a em ato contínuo uma espécie de chá, que afirmam ser indicado satisfatoriamente para aliviar o “puxamento” a quem o tenha.

4 – No sertão do Ceará é tido como poderoso antiasmático o chá de excreto humano. MÁRIO DE ANDRADE, in “Namoros com a Medicina”, p. 85 registrou: “Asma em Pernambuco se cura com uma colher de bosta de vaca apanhada quente no momento da dejeção.”

5 – Prefere-se, entre nós, na ausência do excreto humano, o que se obtém nos currais, não tendo no entanto o efeito providencial da primeira receita.

6 – Usam igualmente cozinhar um aruá (molusco) adicionando-lhe farinha em dosagens suficientes para o engrossamento do caldo, que assim é dado a beber ao paciente.

7 – Dos pelos dos gatos – principalmente dos que exibem os bichanos no focinho – costumam fazer um chá muito usado na terapêutica popular de combate à asma.

8 – Em Pacatuba (Município próximo a Fortaleza), é crença geral de que, se conseguir o asmático cuspir na boca de um cará (peixe) recém-pescado, soltando-o ainda vivo na água de onde foi fisgado, ficará o doente radicalmente curado. Na região do Cariri, o asmático prefere realizar esse processo de cura, cuspiendo na boca do sarapó, outro tipo de peixe. É crença natural aos caririenses que o referido peixe é responsável pelo estado asmático das criaturas. Recenseou igualmente o Sr. GETÚLIO CÉSAR (“Crenças do Nordeste”, p. 173): “Aconselham ainda ao asmático cuspir na boca de um peixe vivo e, em seguida, soltá-lo na água”.

9 – Da moela da galinha recém-morta preparam uma bebida que rece indicação generalizada para aliviar o peito do irritante “piado”.

10 – Para combater o “puxamento” aconselham o paciente a fumar um cigarro feito das folhas da zabumba (*Datura stramonium*, Lin.).

11 – A carne do gato-mourisco (*Felis jaguarundi*) cozida é usada para igual fim em sobral. “O ‘puxado’ deu nela – sabe, doutor” – e eu matei ele como cozido de carne de gato-mourisco. Mesmo que água na fervura”. (CORDEIRO DE ANDRADE, *Cassacos*, p. 131).

12 – Combatem igualmente o “puxado do peito”, a falta de ar, natural dos asmáticos, no Ceará, com infusão, cozimento ou chás de agrião, agrião-bravo, agrião-do-brejo, cajueiros, camarás, cardosanto, cebolas-bravas, coirama, camaru, enxerto-de-passarinho, fedegoso, jericó, jurema-branca, malva-branca e preta, mulungus, muçambê, mutamba, pau-cardoso, perpétuas-do-mato, sabiá, urueira, zabumba. (PROFESSOR DIAS DA ROCHA, *Formulário Terapêutico de Plantas Mediciniais Cearenses, Nativas e Cultivadas*, p. 252).

13 – Beber sangue de gato preto, umas tantas vezes, é remédio bastante conhecido e usado contra a asma, principalmente no Vale do Cariri, onde o registramos.

14 – O chocalho da cascavel (*Crotalus terrificus*) é outro antiasmático que recebe freqüente aplicação. No Rio Grande do Sul aponta-nos também AUGUSTO MEYER (*Guia do Folclore Gaúcho*, p. 84) o aproveitamento do guizo de cascavel servindo aí como “remédio infalível contra erisipela”.

15 – Os testículos de porco, assados e servidos sem sal aos que sofrem de asma, aliviam-nos, não somente do “puxamento”, mas também do próprio mal. Usado em Barbalha e Juazeiro do Norte (Ceará).

16 – Do cabelo que se obtém da cauda de um jumento – em que se medem quatro dedos – é preparado um chá que acalma o “puxado” mais rebelde. O enfermo, no entanto, para que o remédio surta o desejado resultado, não deve saber de sua procedência.

17 – Chá de casca de aruá velho de beira de rio é também de efeito rápido para acalmar o acesso.

18 – Não se aproximar de gatos evita novos accesos de asma.

19 – Chá de cebola-branca com beladona é remédio infalível. Quando de sua ingestão, o paciente deve pensar nos “sofrimentos” da Virgem Maria.

20 – Damos a seguir um estranha receita para curar os que sofrem de asma, publicada no livrinho de JOÃO FERREIRA LIMA, *Segredos da Natureza e a Sabedoria Humana*, à p. 112: “Numa sexta-feira, bata 3 ovos, despejando seu conteúdo numa vasilha e misturando em seguida com 1/4 de uma garrafa de aguardente. Feche bem a garrafa e enterre-a num local em que não caia chuva. Na outra sexta-feira faça a coação do líquido, dando ao doente todos os dias 3 doses de meia colher de sopa misturada com uma colher de sopa de água açucarada ligeiramente. Não deve comer carne, principalmente de porco e galinha”.



COBREIRO (*Cobreiro*) – “Erupção cutânea atribuída à passagem sobre a pele, ou sobre a roupa utilizada, de uma cobra ou animal peçonhento. É herpes-zóster (fogo-selvagem, fogo-de-santo-antônio),” segundo FERNANDO SÃO PAULO, ob. cit., I. p. 240. Afirma o sertanejo: “A cobra passou aqui na barriga, lá nele, e virou cobreiro. Tô botando meizinha mas já me dissero que se cura ele com reza”. Realmente conseguimos apenas uma meizinha cobreiro, a qual a seguir registraremos.

Terapêutica:

1 – Emplastos de *sida rombifolia* ou *sida acuta*, respectivamente conhecidos por relógio-branco ou relógio-vassoura. Com exceção dessa terapêutica, os nossos homens do campo emprestam grande valor a determinadas orações proferidas por curandeiros, que se utilizam geralmente de processos os mais extravagantes. Exemplifiquemo-los: mandam escrever em tinta, ao redor do “cobreiro”, (chama-se “lançar o mal”), em letras bem definidas, uma ave-maria ou um padre-nosso. Em sua credulidade, afirma o sertanejo que o mal não ultrapassará os limites da inscrição, desaparecendo depois de alguns dias.

2 – Também usam os curandeiros passar um ramo de vassourinha (*Scoparia dulcis*) ao redor do cobreiro, rezando em seguida uma ave-maria, em contrição. Terminada a oração, assinalam a parte afetada da pele com várias cruces e escondem o ramo de vassourinha em lugar de difícil acesso. Se pessoa nenhuma nele tocar – afirmam –, o doente ficará totalmente livre do cobreiro em três dias e “curado” de outro. Vale acrescentar que quase sempre coincide ficar o enfermo realmente curado no tempo previsto pelo improvisado “médico”, por uma razão muito simples: o cobreiro, que é apresentado ordinariamente no peito ou nas costas, acompanhado de comichões e dores, tende a desaparecer a partir do quinto dia de seu aparecimento... geralmente, por coincidência, dentro do prazo anunciado pelo curandeiro.

Afiança o sertanejo que o cobreiro é traiçoeiro, surgindo de preferência nas criaturas em regiões do corpo que não podem ser vistas facilmente pelo doente. Se a erupção der volta ao corpo, até que se encontrem as duas extremidades, o caso será fatal. “Mercê tire o chapé, que o caso é perdido” – dizem. “Ninguém arretira o mal quando ele junta ponta com ponta.

CONCEPÇÃO, PARTO E RESGUARDO – Impossível dizer quando precisamente principiam os cuidados da mulher, no sertão, pelo filho que lhe vai nascer. Não há, como pensam muitos, desinteresse por mais um filho que venha acrescentar-se à sua

prole sempre numerosa e subalimentada. Por isso mesmo a esposa sertaneja tomou as nossas melhores atenções nesse trabalho, principalmente no parto, fornecendo-nos um dos capítulos mais importantes. Informando os nossos leitores sobre superstições, credices, simpatias e mezinhas de que se cercam antes e depois do parto, não poderíamos deixar de registrar apontamentos outros que julgamos de evidência para quem, de futuro, queira estudar com mais habilidade por que fases e por que experiências passam as mães sertanejas, principalmente quando se encaminham à maternidade.

Anotamos apenas um processo mais ou menos violento que impede a concepção, este mesmo receitado por curandeiros e, mais notadamente, pelas chamadas “comadres”. Trata-se de uma beberagem de norma (*Lagers troemia indica*, Roxb.) com quinaquina, que antes deser ingerida pela paciente, duas ou mais vezes ao dia, ficou corando, num copo, por duas ou três noites seguidas. Dizem que trava e faz vir as regras da mulher, segundo as “comadres”, mesmo depois de ter-se declarado o engravidamento. Os outros, que conseguimos registrar (em Iguatu, CE), não têm também aplicação generalizada porque todos sabemos que o sertanejo não encara o problema de muitos filhos, tendo-os necessariamente, se assim podemos dizer, todos os anos. No entanto, o chá da folha da espirradeira (metade de cada folha utilizada) é remédio infalível para colocar a mulher novamente em seu período de catamênio. Anotamos ainda em Iguatu: cavalgar a mulher um tronco de umarizeira (será *Geoffroya yamari*, Pison?), duas ou três vezes, faz com que desapareça a “barriga”. As demais receitas, uma não passa de mera simpatia: a mulher que colocar a mão sobre a pedra do altar (ara) não terá mais filhos. A outra é receita de grande puerilidade: para que uma moça, ao ser desonrada, não corra perigo de conceber, deve introduzir uma pedra de sal sob a língua.

O processo normal de aborto, por parte de quem o deseje, é ainda o da ingestão de garrafadas (mistura violenta de plantas e ervas de discutível poder medicinal), quase sempre de conse-

qüências desagradáveis. Os ameríndios, antes de nós, conheciam o poder de certas plantas da nossa terra. P. ANTÔNIO COLBACHINI (*A tribo dos Bororós*), citado por HERBERT BALDUS em seu *Ensaio de Etnologia Brasileira*, diz: “Impedem a concepção e a gravidez por meio de algumas plantas – e conhecem grande variedade delas – a que atribuem eficácia para o fim desejado”. Não sabemos se é do conhecimento dos nossos mezinheiros, atualmente, uma variedade maior, digna de atenção e idêntica à dos ameríndios, de plantas, raízes, etc., que se prestem aos métodos anticoncepcionais violentos. No entanto, a norma com a quinaquina oferece, entre essas mezinhas, uma composição que nos foi dado observar, a cada passo, em nosso estudo, até mesmo na capital.

A partir do terceiro mês da gravidez, aproximadamente, a esposa do sertanejo principia a se tomar de afeição pelo filho que se gera em suas entranhas, contando às amigas os seus receios, interpretando sonhos, procurando descobrir se Deus lhe reserva um rebento macho ou fêmea. Algumas escondem o pronunciamento da gravidez, certas de que em assim fazendo estão assegurando ao menino que vai nascer maior felicidade, isentando-os dos pensamentos maus de terceiros. Dessa fase até o mês do parto extraímos as crendices e superstições que se seguem:

1 – Quando a gestante principiar a fazer a primeira camisa do enxoval do nenê, se lhe surgir em casa pessoa do sexo masculino, é prenúncio de que irá ter um filho macho. Se ocorrer entrar uma mulher, em iguais circunstâncias, é sinal de que nascerá uma menina. “A primeira pessoa que bater na casa, no momento em que a mulher começa a cortar o enxoval do filho, também indicará o seu sexo: se for um homem, a criança será do sexo masculino; se for mulher, do sexo feminino. (Dr. VERÍSSIMO DE MELLO, in *Extratto dalla Rivista “Folkore”*, nº 1-2, Ano V, 1950, p. 4).

2 – Ainda para esclarecer o sexo do filho em gestação, a futura mãe leva ao fogo, para cozinhar, o coração de uma galinha, tendo antes o cuidado de abrir-lhe uma das extremidades. Se depois de cozido o coração se conservar aberto, a criança será do sexo feminino; se se fechar – não haverá mais dúvida: nascerá um menino.

3 – Quando “arredonda a barriga”, dizem as “comadres”, vai nascer um machinho. Mas se esta se apresenta afunilada, é aviso de que nascerá uma fêmea.

4 – Ocorrerá nascer a menina do sexo feminino se a mulher tiver mais gênio (for mais violenta do que o esposo). Em caso contrário, do sexo masculino.

5 – Se a criança nascer de noite, terá vergonha. Se vier ao mundo à luz do dia, logo cedo se mostrará perdida, sem pejo.

6 – Menino que nasce em dia de segunda-feira será protegido pelas almas.

7 – Mulher prenhe não deve olhar para gente feia, principalmente para os que padecem de defeitos físicos. É um perigo. O menino poderá nascer com o defeito observado. Registrou igualmente VERÍSSIMO DE MELO (ob. cit., p. 7), em Natal, Rio Grande aleijada, quadros de bichos ou figuras repugnantes, senão a feiúra passará para o filho.

8 – Guardar uma chave no seio durante a gestação faz com que o filho nasça com o lábio cortado (lábio leporino).

9 – Não devem colocar nada dentro do vestido, à altura do seio, sob o perigo de, em assim fazendo, marcarem o menino com um sinal. Por isso que nascem muitas crianças com sinais parecidos anéis, pequenas frutas, etc.

10 – Guardar medalha presa num cordão comprido, ao pescoço, não tem para quem apelar: faz o menino nascer com um sinal no corpo do tamanho que for a medalha.

11 – Mulher prenhe não deve passar por cima de uma corda estendida. Pode trazer esse ato complicações bastante sérias para ela na hora do parto.

12 – Mulher grávida, de alguns meses, não deve também passar por baixo de escada, principalmente se encostada à parede, porque azara.

13 – Não deve pisar em espinha ou escama de peixe, sob pena de, após o parto, não expulsar a placenta normalmente.

14 – Conservar-se sentada, preguiçosamente, depois do terceiro mês, é sinal de que o menino vai ficar encravado, tornando-se caso muito sério para o parto.

15 – Na força da lua e da maré o parto é ligeiro e sem complicações.

16 – Mulher grávida deve sentar-se, de preferência, encostada nas paredes de casa, para que ninguém passe por trás de suas costas. Se tal ocorrer, várias vezes, o parto há de ser muito difícil.

17 – Mulher prenhe não deve olhar para eclipse. Nascer-lhe-á o menino com defeito físico, se não vier preto. “O medo de eclipses é quase universal. Os índios Carib pensaram que os eclipses eram causados por um diabo que tentava matar o Sol ou a Lua”, lemos em BREWTON BERRY no seu livro *Você e suas Superstições*, p. 252. Pelo menos no interior do Ceará continua este temor pelo eclipses, que aliás ali são vistos raramente.

18 – Se o menino chorar na barriga é sinal de que vai ser adivinho. Cumpre esclarecer que “adivinho”, “adivinhão”, como empregam, é no sentido de menino inteligente, bastante desenvolvido, capaz de compreender as coisas facilmente.

19 – Amarrar um pano na cintura é de bom alvitre para que o menino não nasça antes do tempo.

20 – Mulher que tem seguidamente sete rebentos do sexo masculino está fadada a ter o desprazer de ver um último virar lobisomem. AMADEU AMARAL, antes de nós, in *Tradição Populares*, págs. 382 e 383, registrou: “Acreditam os nosso matutos que se uma mulher dá à luz sete filhos do sexo masculino, sem que o nascimento de uma menina venha interromper a série, o sétimo rebento está condenado a ser lobisomem quando atingir idade adulto”. E acrescenta que, se for mulher, esta, em idade adulta, também se transformará em bruxa ou numa enorme porca bravia, acompanhada de vários leitões, sempre disposta a atacar os forasteiros na estrada.

21 – Na gestação a mulher deve somente pensar em coisas boas e desde logo entregar o sucesso do parto a uma santa de sua devoção. Por essa razão, antigamente, era costume batizarem-se as crianças tomando-se por padrinhos os santos da Igreja.

22 – Mulher prenhe não deve sentar-se em batente alto, sob pena de ter a placenta endurecida.

23 – A maneira como cai a primeira peça de roupa que se faz para o bebê indica o sexo da criança. Se cair amarfanhada, a criança será do sexo masculino. Se ficar a peça estirada, ao ser jogada pela gestante, ocorrerá o contrário.

24 – A mulher que espera dar à luz uma criança deve andar, pelo menos uma vez por semana, de quatro pés, como um quadrúpede, no interior de sua alcova. Tal prática ser-lhe-á de grande proveito.

DERMATOSE (*sarna, curuba, coceira, etc.*)

Terapêutica:

1 – Para curuba (pústula purulenta), a medicina popular sertaneja indica friccionar-se na parte afetada o sumo da folha do melão-de-são-caetano (*Momordica charantia*, Lin.).

2 – Urina de vaca é aconselhável remédio, logo depois da micção, para qualquer espécie de coceira.

3 – O matuto usa também passar sobre as diversas manifestações purulentas da pele o esterco seco, de boi ou vaca.

4 – Esterco de boi, depois da dejeção, tem emprego, pelo menos em Urucará, Município de Maranguape. Lá, procede-se assim: a pessoa que sofre de curuba vai par ao curral e aguarda o momento de o boi preparar-se para evacuar. Ao sentir que o animal se agacha, aprestando-se para isso, corre e recebe o excremento no corpo, onde o conservará até que resseque, depois do que a pessoa estará livre da curuba.

Os nossos antepassados portugueses devem ter aprendido, em formulários antigos de medicina caseira, principalmente no livro de GONÇALO RODRIGUES CABREIRA, que faz a apologia do tratamento pelas fezes de boi, vaca e asno, essa maneira de curar, ainda hoje registrada em nosso “hinterland”. Vejamos o que diz o seu *Compêndio de Muitos e Vários Remédios de Cirurgia & Outras Cousas Curiosas Recompiladas do Tesouro do Pobre e Outros Autores*, à p. 2: “Tomem o esterco de boi, de vaca ou asno, que estejam todos bem

secos, tomem as fezes secas do vinho e misturem tudo bem, feito pó muito sutil, lavem as bostelas, sarna, vinagre, com urina.

Os tumores recebem tratamento todo especial por parte do sertanejo. Fica o nosso homem do campo quase sempre esperando que o “óio amarelo”, que o carnicão (carnegão) esteja maduro, para ser expelido, e não deixará de cobri-lo com folhas e azeites. Anotamos o seu variado tratamento:

1 – Para “abortá” o tumor usam de aplicações de azeite-doce sobre a parte enferma, duas vezes ao dia.

2 – A barata, mais uma vez, surge como um dos remédios milagrosos, do sertão, espécie de penicilina de nós outros da cidade. Machucada, até transformar-se em papa, vai imediatamente acrescentada ao tumor. Dizem que tem grande força para “abortá”.

3 – Sobre tumor, para idêntico fim, aplicam a para que se obtém do feijão comum, cru.

4 – Com a folha da pimenta-malagueta (*Capsicum frutescens*, Willd.), de mistura com banha de porco, preparam miraculosa pomada que, envolvida em trapos ou chumaço de algodão, sobre o tumor, acelera-lhe a expulsão do carnicão.

5 – A entrecasca da cabaça (*Crecentia kujete*) faz com que o tumor, desde que se aplique, solte o carnicão.

6 – Cera de abelha é outro remédio para sarar tumor logo que esse “amadureça”, i.e., desprenda o carnicão.

7 – A folha da chanana (*Drosera tuberosai*), moída, posta em cima do tumor, provoca o carnicão.

DENTE (*dor de...*)

Terapêutica:

1 – A dor de dente logo passa, segundo o matuto, se o “óio do má” (a parte mais dolorida pela nevrálgia) for tocada por um fragmento do maracá da cascavel, que, antes de sua aplicação, tenha sido levado ao fogo até ressequir.

2 – Quando o dente é cariado, aconselham fechar o orifício dolorido com pó extraído igualmente do maracá da cascavel.

3 – A chamada pimenta-do-reino (*Piper nigrum*) faz passar também a dor de dente.

4 – Aconselha o sertanejo que a pessoa doente bocheche, algumas vezes, a água em que esteve infundida a casca de João-mole (*Pisonia tomentosa*, Casar.), com o sal de cozinha.

5 – Amarram o dedo polegar do pé, daquele que se queixa de nevralgia, com um pedaço de barbante, em nó fortemente apertado. Explicou-nos um matuto, em Pacatuba, que a dor do dedo, sendo mais forte, empurra a dor do dente para fora, que sai assim pro “etéreo” e desaparece. A prática de cordões atado em dedos e pescoço ou braços de enfermos é bastante generalizada no sertão: LOPES GAMA consignou também, em artigo escrito em 1838 no “carapuceiro” (citado por PEREIRA DA COSTA no seu *Folclore Pernambucano*, p. 110: “Para endurecer o pescoço de uma criança ainda tenra, ata-se-lhe, em volta, um torçal de retrós preto.

6 – Da quenga do coco-da-praia tiram um azeite de emprego medicinal que serve para aplacar a dor de dente.

7 – Para igual fim, manda o nosso camponês que se esprema uma barata, ainda viva, e se aplique o que dela resultar, num algodão, no dente cariado.

8 – Obtém-se do cedro seco uma raspa que substitui o tabaco no cachimbo. A fumaça, ao ser “puxada” na direção do dente dolorido, alivia a dor, de repente.

O cedro tem sua aplicação para as mais diversas doenças no sertão. SEBASTIÃO ALMEIDA OLIVEIRA lembra-nos com muita oportunidade: “Chá de folha de cedro (*Cedrela brasiliensis*) cura qualquer doença; preciso é, no entanto, que as folhas sejam fornecidas por árvores brotadas de estacas em forma de cruz”.

9 – Excremento de porco é usado com o mesmo processo, isto é, no cachimbo, substituindo o tabaco.

10 – Ainda, no mesmo processo, mandam os curandeiros que se fume o caroço de pinhão-bravo.

11 – Atar ao dedo mindinho do pé um dente de alho (*Alium sativum*) é santo remédio. Aliás o matuto gosta dessas simpatias. Não deixa de recorrer aos raminhos, palhas de milho, coro de

cobra ou até dobrões atados em cordões, presos quer nos braços, quer no pescoço ou pernas.

12 – A raspa de um dente de jacaré aplicada sobre o dente que maltrata o paciente alivia a nevralgia, de vez “Dor de dente se cura com aplicação de dente de jacaré depois de ligeiramente raspado”, recenseou GUILHERME STUDART (*Antologia do Folclore Brasileiro*, de LUÍS DA CÂMARA CASCUDO). Há semelhança de processos, evidentemente. Aliás o dente de jacaré tem vastíssimo emprego na medicina popular, como teremos oportunidade de ir demonstrando aos poucos, neste trabalho, valendo como preventivo às mordidas de peçonhas. Temos testemunhos, no entanto, de que muitas pessoas tomas os dentes de porco (vendidos nas feiras) como sendo de jacaré. Não sabemos se esse engano é prejudicial às possíveis curas.

13 – Bochechar urina, após a micção, ainda quente portanto, serve para dor de dente. OSVALDO ORICO, citado por MÁRIO DE ANDRADE (*Namoros com Medicina*), reporta a urina do próprio indivíduo para curar a dor de dente na Amazônia. Informa igualmente o saudoso folclorista paulista que, em Portugal, “o depósito da urina é aconselhado para cauterizar os dentes, tradição francesa, pois em Deux-Sèvres se emprega urina de boi vermelho nos casos de dor de dente (PAUL SÉBILLOT, “Le Folklore de France”)”.

No interior do Ceará temos observado que a urina empregada nas mezinhas é geralmente obtida de meninos... ou de pessoas adultas, mas preferencialmente de meninos. Não se exemplo de emprego, para dor de dente, de urina de animais.

14 – Goma diluída em água, para bochechos, alivia a dor.

15 – Cabeça de fósforo carbonizada, isto é, depois de usado o fósforo, depositada no orifício feito pela cárie, tem aplicação generalizada.

16 – Para dor de dente costumam usar um remédio um tanto violento: colocam no dente cariado um algodão embebido de creolina.

17 – Resolvem a dor de dente, substituindo o fumo, no cachimbo, pelo excremento de veado. Dizem que na vez em que se chupa a fumaça a dor logo estará desaparecendo.

18 – Observamos o seguinte processo de cura, dos mais interessantes a que tivemos oportunidade de assistir: costumam retirar um carrapato da barriga de uma égua (só serve de barriga de água) e matam-no num pedaço de pano, prosseguindo até que esse fique rubro de sangue. Em ato contínuo levam o pano ao lado externo do queixo à altura ou direção da dor. Se o “sangue do carrapato combina”, isto é, se fica em cima ou na direção do dente cariado, a nevralgia desaparecerá.

19 – O leite da tatajuba (*Broussonetia tinctoria*) é usado no Cariri (CE) para aliviar a dor de dente. MEIRA PENA, em seu notável trabalho – *Dicionário Brasileiro de Plantas Medicinais*, p. 41 – anotou: “O leite que se tira da casca (da tatajuba) passa por específico para curar dores de dentes”.

20 – Soprar na boca daquele que se queixa de dor de dente é conhecida maneira de eliminar a nevralgia. Descobrimos aqui um revivescimento dos métodos empregados pelo pajés no tratamento de diversas moléstias dos ameríndios, ora deitando na boca do enfermo o “sopro” vivificador, ora retirando, para espanto dos circunstantes, os malefícios, bichos ou espíritos que nela estivessem agindo. “Ao hálito, expelido do interior dos pulmões do pajé, atribuem força vivificadora, contrária à doença. Pelas palavras de exorcismo que o feiticeiro articula e pronuncia, com grande ênfase, se comunica, por assim dizer, uma forma aparente ao hálito, esse mais sutil princípio curativo” (CARLOS FRIE – DR. PHIL. VON MARTIUS, ob. cit., p. 197). Os bororós, conforme testemunharam A. COLBACHINI e C. ALBIESETTI (ob. cit., p. 123), entregavam-se aos poderes mágicos do Bari, que agia soprando “repetidas vezes sobre a parte doente” e chupando “por um instante no lugar certo onde há mais dor”. E acrescentam: “levanta depois a boca e cospe na mão juntamente com a saliva também, que representa o mal”.

21 – Cera de ouvido de cachorro, no sertão, aplicada sobre dente enfermo, é remédio milagroso.

DOR DE CABEÇA (*Cefalalgia*)

Terapêutica:

1 – Aconselham lavar a cabeça com água de quinaquina.

2 – Costumam “afugentar” a dor, conduzindo, dentro do chapéu que usam, algumas folhas da catingueira (*Caesapinia guardneriana*) quando se sentem acometidos de cefalalgia.

3 – Prende igualmente o nosso homem do campo uma folha de açucena sobre as têmporas ao sentir-se acometido de dor de cabeça.

4 – Recortam duas rodela de papel, untando-as em seguida com azeite-doce ou manteiga. Fixadas nas têmporas, aliviam rapidamente o achaque.

5 – Os curandeiros lançam mão de conhecida oração (da qual nos ocuparemos na terceira parte deste livro) que corta a dor de cabeça das pessoas que dela sofrem, na crença de que o sol entrando na cabeça do homem poderia produzir “humores estranhos”. Convém salientar mais uma vez que um dos livros mais lidos no interior cearense e guardados com interesse pelo pseudomédicos é o “Lunário Perpétuo”, onde às páginas 224 e 226 encontramos explicações sobre “humores melancólicos e pesados”, “humores grossos”, etc. (*Lunário e Prognóstico Perpétuo*, por JERONYMO CORTEZ, Valenciano, 1945).

6 – Folha de pinhão-manso, esquentada e amarrada fortemente na testa com um pano branco, alivia a dor de cabeça.

7 – Pó de café, untado com manteiga, nas têmporas, é remédio indicado.

ENTERALGIA (*Dor de barriga*) – “Por extensão, outra sensação dolorosa da sede abdominal” (FERNANDO SÃO PAULO, ob. cit., II, p. 312). Dizem: “Tô com repuxo cá nas tripas... e uma dor danisca pra doer que atravessa do pé da barriga até o imbigo”.

Terapêutica:

1 – Chá de cravo-de-defunto (*Tagetes erecta*). O nosso camponês decidiu-se pelo cravo-de-defunto não sabemos por que,

pois esta planta, segundo o professor DIAS DA ROCHA, descrevendo suas qualidades medicinais, é peitoral e calmante, indicada na bronquite, tosse, defluxo, internamente, e o seu cozimento, externamente, em banhos nas dores reumáticas (Ob. cit., p. 92).

2 – A barata – que mais uma vez alcança seu lugar de destaque na medicina popular do Ceará – é empregada, após ser torrada ao fogo, numa panela, com água quente, numa beberagem que dizem aliviar, rapidamente, o paciente, dos “repuxos” (cólicas).

3 – Uma infusão de vinagre, açúcar e água, em três partes iguais, segundo o testemunho de alguns sertanejos, é o que de melhor pode existir para cortar a dor de barriga.

4 – Da moela da galinha preparam o que chamam “chá de moela”, bastante credenciado no tratamento da enteralgia.

5 – Chá de caule da alfazema-brava (*Hyfitis spica*), de resto, tem emprego amplamente generalizado.

6 – O melhor remédio é fazer uma cruz, com o sarro que se obtém do cachimbo, sobre a barriga. A enteralgia desaparece logo depois.

ESPINHELA CAÍDA – Esta doença “individualizada pelos antigos e caracterizada por sintomas tais como vômitos, dispepsias, astenia, etc., foi a “espinhela caída”. Freqüente nos primeiros séculos, foi descrita por PISO, que a atribuiu ao “resfriamento dos músculos do tórax e depois principalmente pela queda e compressão da cartilagem mucronada (apêndice xifóide)” (LYCURGO SANTOS FILHO, ob. cit., II, p. 152).

MARTIUS descreveu-a como “doença crônica da digestão” que por várias vezes “observou nos índios”. PIRAJÁ DA SILVA diz, em suas anotações no livro de MARTIUS: “Provoca abatimento em todo o organismo, com gastralgia, às vezes com vômitos e grande dificuldade de respiração, causada pelo resfriamento dos músculos do tórax e depois, principalmente, pela queda e compressão da cartilagem mucronada” (*Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*, p. 113-114).

Lemos em GUSTAVO BARROSO (*Através dos Folclore*, p. 130): “... a nossa espinhela existe na França. Chama-se *lurette* na Bretanha. Leiamos um pedacinho do livro do SR. ORAIN: “*Lurette – À Bain*, la lurette est appelée La Caluette. Quand cet appendice cesse de fonctionner librement on s’adresse à une bonne-femme qui sait relever la caluette. Elle saisit, avec le pouce et l’index, à un endroit précis de la tête, une gousse de cheveux: elle tire dessus et la caluette se trouve relevée”.

Não há propriamente uma meizinha para “levantar a espinhela”, apesar de usarem algumas pessoas emplastos de goma. A benzedura é tida como único caminho para livrar o paciente dessa enfermidade.

Para saber-se o diagnóstico da doença, ensina a sabedoria popular (tanto no Ceará como em Pernambuco) medir com um barbante a distância que vai do dedo mindinho (braço estendido) ao cotovelo, depois, de ombro a ombro. Se a medida não coincide, não se pode negar: é espinhela caída.

ENTORSES (*pé triado, nervo torcido, etc.*)

Terapêutica:

1 – Para luxações do pé, usa o sertanejo uma mistura de breu e clara de ovo, em aplicações sobre a parte doente.

2 – Aconselha também, para igual fim, apanhar-se o mastruço (*Lepidium sativum*) e, dos talos e folhas, fazer-se uma massa diluída em porção d’água, à qual se misturavam carvões retirados ao fogo ainda acesos. Aplicações de emplastos.

3 – Para dedo “desmetido”, entorse da mão, etc., aconselham os curandeiros o leite do jasmim-do-pará, ao qual emprestam grande poder medicinal pela sua reconhecida capacidade adstringente.

4 – Para perna ou braço “desmetidos” receitam a raspa da casca do jenipapo-bravo (*Tocoyena guianensis*, Schum.) que, de misturar com água e goma, para ligar, deve ser aplicado externamente.

5 – Para luxações do pé usam ova de aruá com sal, em aplicações sucessivas.

6 – Azeite quente, numa folha verde, em cima do “desmetimento” é remédio infalível.

FERIDAS (*tratamento de...*)

Terapêutica:

1 – Para cicatrizarem suas feridas, os sertanejos usam mel de abelha-jandaíra, levado ao fogo a esquentar e aplicado sobre a parte afetada, ainda quente.

2 – Para idêntico fim queimam um pau de angico e dele extraem o carvão, que, tornado pó, deverá ser polvilhado sobre a ferida.

3 – Receitam também o pó que se obtém da casca da quinaquina.

4 – O pinto, depois de pilado (como nos processos anteriormente descritos) e posto, atado, em cima da ferida, é de grande poder cicatrizante, segundo o testemunho de quantos viram sua aplicação.

5 – Cinza retirada do fogão ou simplesmente apanhada de charuto ou cigarro tem sua importância na terapêutica que anotamos.

O emprego da cinza remonta aos tempos antigos. Nas inscrições *eucarísticas* a Esculápio, na Grécia antiga, encontramos esta em que se conta algo sobre o uso da cinza: “O Deus preservou a Lúcio, pleurítico e desenganado de todos, que fosse buscar cinzas do altar e, misturada com vinho, a aplicasse aos lados do peito, e ele se curou, agradeceu publicamente, e o povo se felicitou com ele” (CÉSAR CANTU, ob. cit., Livro II, p. 480).

Menos de um século após o descobrimento do Brasil, já era conhecido entre nós o emprego de pós de cinza; se não, vejamos neste testemunho de GABRIEL SOARES DE SOUZA (*Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, p. 380) “... porque estão metidos (os bichos-de-pé) pela carne, os quais se tiram em menos espaço de uma ave-maria; e donde saem fica uma covinha, em que põem lhe uns pós de cinza ou nada, e não se sente mais dor nenhuma...”

6 – Para ferida, reimosa costumam aplicar a orelha-de-pau (cogumelo) arrancada de uma árvore em estado de decomposição.

7 – Indicam ralar, para o dito fim, a casca de queijo e aplicar a raspa obtida sobre a ferida.

Ainda hoje, quando se extrai um bicho-de-pé, enche-se o buraco deixado com cinza de charuto ou cigarro. Não se deve molhar o pé, especialmente se for em água salgada, do mar, sob pena de dar o tétano.

8 – O mofo que se encontra na casca da banana, quando esta apodrece e resseca com o tempo, é aproveitado para cicatrizar qualquer espécie de ferida.

9 – Para feridas brabas aconselham sobre elas aplicar um sapo aberto ao meio, por algum tempo. Igual processo é observado para erisipela (“zipra”, “ezipra”, ou “vermelha”), de que nos ocuparemos detidamente logo mais.

10 – Para curar um ferida, coloca-se sobre ela, amarrado, um dobrão (moeda antiga) de prata ou de cobre.

11 – Para sair o carnicão de ferida usa-se folha verde de pimenta.

12 – Receita para sarar ferida braba: apanha-se a queixada de um cavalo. Tira-se dela um osso que deve ser polvilhado, misturando-se depois a porção do pó que se obtém a uma clara de ovo do qual o enfermo bebeu a gema. A massa assim constituída (clara e polvilho de osso) deve ser aplicada três vezes sobre a ferida. Na terceira, dizem, ela estará sarada.

FEBRE

Terapêutica:

1 – Chá de ipecacuanha (*Cephaelis ipecacunha*, Rich.).

2 – Purgante feito de velame ou chá de angélica (*Gaethard angelica*, Mart.).

3 – Febre “catarral” (quando o paciente se sente acometido de um resfriado, com farta expectoração), chá de manjerioba (*Cassia alata*, Lin.).

4 – Chá de raiz de uma planta a que chamam *delegado*.

5 – Como preventivo das febres, aconselham a ingestão de um chá das folhas e flores do sabugueiro, durante três meses, cada sexta-feira, e comer à noite, antes de deitar, pelo menos por uma semana, a fruta do sabugueiro (*In Orações Misteriosas*, p. 17).

O doente, quando se encontra em estado febril, não deve tomar leite, porque o leite – segundo ouvimos dizer – “apressa a febre”. O melhor é ficar de resguardo em casa, dentro de um quarto, geralmente calçando meias.

FÍGADO (*Afecções do...*)

Terapêutica:

1 – Chá de quebra-quebra e camapu (*Phyialis edulis*, Lin.) três dias seguidos.

2 – Mastigar, vários dias, o fruto da jurubeba.

3 – Chá de açoita-cavalo.

FERIMENTOS (*De como cicatrizam quando produzidos por instrumentos perfurantes ou cortantes, espinhos, etc.*).

Terapêutica:

1 – Mandam os curandeiros que todo aquele que receba ferimentos produzido por faca tome, com urgência, um chá-de-pinto bastante quente. “Entre os sertanejos pobres, em particular os que residem nas caatingas, há o uso de uma interessante medicação a que eles dão o nome de *chá-de-pinto*, e empregam sempre em casos de facadas. Esse tal chá-de-pinto é o seguinte: um pinto vivo, com as penas, e levado ao pilão e machucado até virar uma porção de massa informe; depois misturam um pouco de água ou de um cozimento ou de infusão de folhas ou cascas verdes da árvore *quixabeira*, e coam em um pano. Feito isso dão ao doente para beber. O resultado é o indivíduo vomitar extraor-

dinariamente, com o que ficam satisfeitos, na crença de que o “sangue se espalha”, não produzindo inflamações internas. Quando, no entanto, por uma insensibilidade digna de nota, o doente não repugna, não sentindo nem ao menos náuseas, ficam apreensivos” (DR. FLORO BARTOLOMEU, ob. cit., p. 162).

Invocamos o testemunho do Dr. FLORO BARTOLOMEU, principalmente, pela descoberta que faz e chamamos justa a maneira como age a estranha beberagem. Não é possível uma pessoa tomar tal beberagem sem vomitar em seguida. Só mesmo os que – no entender do matuto – “estão desenganados”.

2 – Estanca-se o sangue de um ferimento qualquer com cinza de fogueira em mistura com cabelo (pelo) de gato.

3 – Para cicatrizar golpes produzidos por instrumento perfurante, aconselham passar sobre eles uma pomada de andiroba (*Carapa guianensis*, Aubl.).

4 – Excremento de vaca é usado como hemostático, dando ótimo resultado.

5 – Golpe profundo sara rapidamente se receber aplicações do leite de pinhão-bravo.

6 – Verniz serve, também, para evitar a perda de sangue em ferimentos leves.

7 – Para igual fim, aconselham aplicar sobre a ferida um chumaço de algodão queimado.

8 – Para o vedamento de hemorragia, em ferimentos, aconselham fezes de cavalo castrado.

9 – Idem, teia de aranha.

10 – Quando uma pessoa fura o pé num prego, convém que apanhe o referido prego e meta-o, quanto antes, em sebo de boi ou carneiro. Quem assim proceder não terá o pé inflamado e logo sarará.

O tratamento por simpatias vem da origem do mundo, naturalmente. Mas é no século XVII que vai predominar o famoso “por simpático”. Esclarece-nos o Sr. WILLIAM F. FIELDING (ob. cit., p. 170-172): “Diz-se que o pó era simplesmente comum, seco por exposição aos raios solares e misturado com uma goma de árvore. Mas a peculiaridade do remédio era sua aplicação. Em vez de ser apli-

cado na ferida, qualquer pano ou objeto manchado com o sangue desta era, ou pulverizado com o pó, ou mergulhado numa bacia com água, mantida em temperatura moderada, na qual o pó era dissolvido. A ferida, durante este tempo, era conservada limpa e fresca”. Ora, o que se faz no sertão ainda hoje obedece a esse mesmo princípio. Enquanto a faca recebe o tratamento, a ferida por ela feita vai cicatrizando.

PARACELUS (ainda citado pelo escritor norte-americano) fala, também, em gordura de javali, cérebro seco de javali, vermes, etc., para “curarem’ feridas de maneira semelhante, isto é, aplicados na arma que causara a ferida. SIR FRANCIS BACON não foi menos crédulo do que o nosso sertanejo de hoje. E foi o primeiro a tecer o comentário que se vai ler: “É constantemente admitido e afirmado que *untar a arma que produz a ferida curará a própria ferida*. Nesta experiência relatada por *homens que merecem crédito* (eu mesmo assim pensei, mas não estou inteiramente inclinado a acreditar), notarão os seguintes pontos: primeiro, o unguento é feito de diversos ingredientes...” (Ob. cit., p. 173).

11 – Pó de café, de um dia para o outro, tem aplicação generalizada para evitar hemorragias de ferimentos externos.

GARGANTA (*Inflamação, infecção da...*)

Terapêutica:

1 – Sangue de lagartixa, ainda quente, tem larga aplicação no sertão para afecções dessa natureza, usando o terapeuta sertanejo aplicá-lo com chumaços de algodão em torno do pescoço.

2 – Aconselham, aos que padecem de angina, matar uma lagartixa, levá-la ao fogo numa panela com água, até ferver, e servir-se dela, ainda quente, em repetidas porções, a que emprestam grande poder medicinal.

3 – Em Juazeiro do Norte usam, para afecções de garganta, partir um sapo ao meio, ainda vivo, e aplicá-lo nessa situação no pescoço do enfermo, por alguns instantes. Deve largar-se o sapo ao

chão, depois do tratamento. Quando cessarem seus movimentos de agonia, dizem, o paciente estará livre da inflamação ou da dor.

4 – Em Barbalha, tive a oportunidade de assistir a um sertanejo comer carne de cágado, depois de guisada, para que a garganta não ficasse obstruída.

5 – O excreto da lagartixa, logo após a dejeção, é bastante indicado para aliviar a garganta, em aplicações externas.

6 – Seco, ainda serve o excreto, diluído em água, para o doente gargarejar, com resultados satisfatórios. O excreto da lagartixa para “inflamações rebeldes” vamos encontrar na autoridade médica do *Tratado das Mais Frequentes Enfermidades dos Remédios Próprios para se Curar* (ADRIANO HELVÉCIO, tradução para a língua portuguesa de ANTÔNIO FRANCISCO COSTA, 1747).

Na Bolívia, M. RIGOBERTO PAREDES (Ob. cit., p. 249), em importante estudo, teve a oportunidade de registrar idêntico emprego da lagartixa nos diversos processos de cura, como vemos nesta transcrição: “... las curaciones por medio de lagartijas vivas o muertas, según los casos, ya sea empléandolas em parches para soldar fracturas, curar luxaciones, o coméndolas crudas o remojadas em viño. La carne de este reptil posee mucha fuerza alimenticia y quando se la usa com freci fortifica notablemente el organismo”.

7 – Banha do tejuacu, aplicada quente na garganta, externamente, alivia as dores. A gordura do teú, segundo o testemunho do Príncipe MAXIMILIANO, em sua permanência em nosso País (*Via-gem ao Brasil*, tradução de EDGARD SUSSEKIND DE MENDONÇA e FLÁVIO FIGUEIREDO, p. 435), tinha o seu emprego aconselhado nas mordidas de cobras, acrescentando o informante ser um “medicamento que se encontra sempre na casa de camponeses do Brasil”.

Em Goiás, o Sr. JOSÉ A. TEIXEIRA, no seu *Folclore Goiano*, registra um chá de lagartixa para sarampo. Não sabemos se nessa região do País a lagartixa é igualmente indicada para combater as afecções da garganta, mas talvez lá, como aqui, receba a mesma indicação.

8 – O sertanejo desinflama a garganta com um chá dos mais curiosos, feito de barro. Apanha o barro de cor vermelha e leva-a

ao fogo, numa panela, na porção que couber dentro de uma mão, e aguarda que a água entre em ebulição. Quando isso ocorre, retira a panela da trempe e, imediatamente, cõa o seu conteúdo, deixando assentar o barro, para ser servido ao doente.

9 – Carne de calango levada ao fogo, com água e farinha, por algum tempo, é servida ainda quente ao paciente, que deve tomar igualmente o caldo.

10 – Pé de galinha, recém-cortado, friccionado em ambos os lados do pescoço serve para combater angina. GUILHERME STUDART consignou, para o mesmo fim: “Passar na garganta o sangue de galinha preta cura a angina”.

11 – Usam também a banha de cascavel para desinflamar as glândulas do pescoço, nas afecções da garganta.

IMPINGEM (*Impige, empinge*) “Impinge, no linguajar incul-to, corresponde à manifestação cutânea de origem e natureza diferentes, seja doença propriamente, seja mera reação da pele”, diz FERNANDO SÃO PAULO (Ob. cit., p. 6, Tomo II). Afirma o sertanejo: “Taca o cuspo em jejum nesta impinge senão ela num acaba”.

Terapêutica:

1 – Saliva em jejum.

2 – Pólvora misturada com sumo de limão. Aconselha-se friccionar o rosto durante três dias.

3 – O leite de mamão (quando é retirado esse fruto antes de amadurecer) tem indicação bastante credenciada na medicina popular para fazer desaparecer a impingem.

4 – Aconselha o camponês que se combata a impingem com uma mistura de resina, a que chama “choro de pau”, com pólvora.

5 – Observa-se, também, pedir o enfermo que um menino urine em suas mãos, para nela lavar o rosto. Afirma-se que a cura será apressada quando a urina é obtida pelo enfermo de uma criança de sexo oposto ao seu.

OLHOS (*Afecções de...*)

Terapêutica:

1 – Cuspo em jejum tem aplicação em todo o sertão, nas oftalmias. HILDEGARDES CANTOLINO VIANA (ob. cit.) registrou na Bahia o emprego da saliva nas mesmas condições: “Se os olhos apostemarem, “cuspe em jejum” é o jeito. A pessoa deve ter os dentes perfeitos”, acrescenta.

“La salive est cependant encore très employée dans la médecine populaire. Il est de tradition que, pour faire disparaître les taches de naissance de son enfant, l’accouchée doit les lécher à jeûn, le matin, et pendant les neuf premiers jours qui suivent la naissance” (“D’un usage général dans la Belgique flamande, *in* “Revue des Traditions Populaires”, citada pelo Dr. CABANÉS, ob. cit., p. 5).

Entre os povos primitivos, lembra RENÉ POTTIER (ob. cit., p. 54-55, a saliva, como o sangue, o leite, assim como a urina e esperma, se identificavam com a alma, não deixando de ter grande importância, não somente nas iniciações religiosas, como também na Medicina. MAHOMET, lembra ainda o referido autor, deixa-se trair como partidário dos sortilégios, nestas palavras: “Au nom de Dieu, la possuère de notre terre, avec la salive de l’un de nous guérit notre malade” (p. 37). E acentua a importância da saliva na “transmission de la baraka et de l’initiation aux confréries religieuses fondées par des marabouts: la salive, liqueur mystérieuse, liquide chaud, sorti de la bouche du personnage vénéré, joue un grand rôle; pour guérir, un marabout crachera dans la bouche du malade...”

2 – Para as oftalmias costumam bater a clara do ovo com peúolos de carrapateira, levando-se aos olhos afetados o que resultar de tal mistura.

3 – Para “dordói” (dor nos olhos) costuma o sertanejo apañar nas mãos a urina de um rapazinho e levá-la, ainda quente, aos olhos. Dizem que tira a nuvem ou pasta da vista.

A urina das crianças e rapazinhos é freqüentemente empregada nas oftalmias, dermatoses, etc., em todo o interior do Ceará,

conforme tivemos oportunidade de registrar um sem-número de vezes neste trabalho. Os antigos também preferiram a urina dos moços, como podemos ver nestes remédios recenseados pelo DR. CABANÉS, in “Remèdes d’Autrefois”, Paris, 1905, citando o autor de *Manuel de Matière Médicale de 1716*: “Les clystères de l’urine d’un jeune garçon vierge bien sain, sont spécifiques dans la cure de l’hidropisie tympanique” (p. 29). “L’urine est un remède vulgaire contre l’eczéma et l’impétigo des enfants” (p. 31). “Baume d’urine – Prenez l’urine d’un jeune homme bien portant, âgé de 12 ans environ et, s c’est possible, qui ait bu du vin pendant quelques mois” (p. 23).

4 – Para “dordói” usam também excremento de veado, diluído na coalhada, que se deve tomar uma vez antes de dar bom dia, em jejum, portanto.

5 – Para terçol, usam urina de menino novo. Em “Tremembé a cura de treißol com urina, de preferência de menino” (MÁRIO DE ANDRADE, ob. cit., p. 87).

6 – Para catarata, manda o sertanejo que se mastiguem três sementes de amendoim, antes de levantar da rede, depositando a saliva num algodão que, assim umedecido, deve ser apertado sobre os olhos até que neles caiam algumas gotas. Segundo o testemunho de pessoas que viveram no Amazonas, esse estranho colírio é ali empregado com êxito.

7 – Para sapiranga (“... tem sua origem etimológica na linguagem, com a locução *As Piranga* ou antes *Eça-Pirang* (isto é *ceça* forma absoluta *teça*), que significa literalmente *olhos vermelhos* ou *sangüíneos*, conforme ensina JOÃO RIBEIRO”. – A. GAVIÃO GONZAGA, *Climatologia e Nosologia do Ceará*, p. 89) usam o capim-rabo-de-raposa (espécie não anotada).

8 – O lodo que se cria pela parte externa das jarras d’águas serve para sapiranga, registra LOURENÇO FILHO (ob. cit., p. 40): “O lodo que se ajunta por fora das paredes é meizinha infalível para a cura de sapiranga”.

9 – Igualmente, para sapiranga, usam urina de boi ou vaca. “A urina do chamado “boi santo do Padre Cícero”, em Juazeiro do

Norte, por exemplo, curava de moda infalível a sapiranga e o tracoma” (LOURENÇO FILHO, ob. cit., p. 104).

10 – Para belida (belide) costumam aplicar sobre a vista enferma, até sair-lhe a nuvem, a pele de moela da juriti.

11 – Para qualquer afecção dos olhos usam a urina de gente, remédio muito usado pelos amigos e aconselhados pelos tratados médicos de outrora. GONÇALO RODRIGUES CABREIRA (ob. cit., p. 2) aconselha: “Tomem a urina do mesmo doente e misturem-na com mel muito bom & deem dito nos olhos: e tirará as nuvens que tiver.”

12 – Aconselha o sertanejo ao enfermo arrancar a perna de um grilo e dela extrair uma substância a que chama de “tutano”, levando-a sobre os olhos duas vezes. É santo remédio contra as oftalmias.

13 – Para “teïçol”, recomendam ao paciente introduzir o dedo num buraco na parede, aplicando-o depois sobre a vista enferma.

14 – Para hordéolo, manda a sabedoria popular que o enfermo tome chá de excremento de veado garantindo-se que quanto maior for o número de “bolinhas” do excreto utilizadas no chá, tanto melhor será o tempo que o a pessoa ficará livre de afecções dessa natureza.

15 – Para as inflamações dos olhos, aconselham polvilhar sobre eles gergelim (*Sesamum indicum*).

16 – Combatem-se as afecções da vista colocando-se três pedrinhas de sal no sereno e, de manhã, diluindo-se em água, que deverá ser leveda aos olhos enfermos, enquanto o paciente invoca, três vezes consecutivas, o nome de Santa Luzia (Colhido na Barra do Ceará).

17 – Com o dedo úmido de saliva, a pessoa que sofre de terçol deve fazer uma cruz sobre o mesmo. FAUSTO TEIXEIRA, em *Estudos de Folclore*, p. 29, recensou: “Também é aconselhável passar o dedo indicador molhado de saliva, fazendo o sinal-da-cruz no lugar”.

18 – Ferroada de formiga-vermelha – segundo ROQUE DE MACEDO – é remédio do sertanejo para fazer desaparecer qualquer dor nos olhos e, igualmente, a conjuntivite catarral.

OUVIDO (*dor de...*)

Terapêutica:

1 – Deitar algumas gotas de urina de cabra no ouvido afetado é prática observada no sertão, com resultado satisfatório.

2 – Ensinam, também, introduzir no ouvido, para debelar a dor, a extremidade da cauda do tatu-peba (*Dasypus sexcintus*).

3 – Flor de coronha (*Macuna urens* – De Candolle) colocada sobre o ouvido dolorido acalma as dores e facilita a audição.

4 – A barata comparece mais uma vez à terapêutica do sertanejo. Tornada em pasta e introduzida no canal auditivo, obturando-o, alivia prontamente as dores.

5 – Fezes de papagaio são outra meizinha difundida no interior cearense. Encontramo-la aplicada em Crateús. Usam-na ainda fresca, logo após a dejeção. “Em Piracicaba (SP), é muito generalizado quando se tem dor de ouvido pingar bosta de papagaio, me contou PAULO RIBEIRO DE MAGALHÃES, e outros piracicabanos confirmaram” (MÁRIO DE ANDRADE, ob. cit., p. 86).

6 – O maracá da cascavel, quando fragmentado e tornado pó, em aplicações sobre o ouvido, num algodão, é santo remédio.

7 – Como preventivo nas dores de ouvido, usam carregar atado ao pescoço, por um cordão, o maracá da cascavel, o que nos faz lembrar os talismãs de efeito curativo, em forma de amuletos, de que nos dá notícia JEAN BAPTISTE DEBRET (*Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, p. 268): “Citarei aqui apenas o pequeno cone misterioso feito em chifre de boi, preciosa jóia de 6 linhas de altura e que se pendura ao pescoço para preservar das hemorróidas, ou das afecções espasmódicas, etc.”.

GUSTAVO BARROSO, em *Terra do Sol*, p. 103, registrou também: “O chocalho da cascavel, fechado em saquitel e pendurado ao pescoço, livra de dores de ouvido”.

8 – Instilar-se urina de bode no ouvido é bom remédio.

9 – Urina de menino novo alcança idêntica aplicação.

10 – Suco da palmatória-grande (*Opuntia sp.*) pingado no ouvido do enfermo alivia as dores rapidamente.

11 – Óleo de pequi é remédio infalível, quando pingado no ouvido, para combater-lhe a dor. Em São Luís, Maranhão, usam-no de mistura com o sumo da folha do manjeriço (*Cacalia optica*). Esta planta da família das compostas tem seu uso aconselhado igualmente para o tratamento de belidas, estanca o sangue, etc. (MEIRA PENNA, “Dicionário Brasileiro de Plantas Medicinais”, p. 44).

PAROTIDITE (*Caxumba, papeira etc.*) – Diz o sertanejo: “O menino tá de caxumba? Bota ele de resguardo, se não a “bicha” se derrama pra baixo...” Ou então: “... se não ela acaba descendo”.

Terapêutica:

1 – Aplicação de fuligem, cinzas, etc., em ambos os lados do pescoço resolve a inflamação.

2 – Para o mesmo fim, utilizam as casas de barro de certos besouros (“busca-vida”), encontradas no interior das habitações, de infusão num pouco d’água. Com isso obtém uma espécie de pasta que deve ser aplicada na área acometida pela inflamação. No Maranhão, a casa de besouro é aproveitada com vinagre, até formar uma papa consciente, que é aplicada sobre a parte inflamada. No Piauí – informa-nos MANUEL LOPES – quando a papeira desde o enfermo é aconselhado a aquecer o ânus no fogo.

3 – O adulto, vítima de parotidite, deve aproximar-se da porteira do curral da fazenda e mugir como boi ou vaca, correndo ao redor da estacaria de cerca e depois escavar a terra com os pés, como se fosse um touro tomado de fúria. GUILHERME STUDART (ob. cit., p. 301) consignou: “... o doente deve ir a um curral e mugir como boi ou vaca e, escavando o chão com os pés, atirar a areia para trás”.

4 – Picumã com casa de besouro, diluído em água, é outro bom remédio para aplicações externas.

5 – Acredita-se também, no sertão, que ocorre a cura da papeira quando se arrancam três cabelos da cabeça do doente, suspendendo-o em seguida três vezes pelas orelhas (GUILHERME STUDART, ob. cit., p. 301).

PARTO (*Suas complicações*) e **INFÂNCIA** – O comportamento da parturiente algumas vezes poderá parecer repelente ou simplesmente bárbaro aos que nos lêem. Mas acontece que, ausente da civilização, reclusa, de habitações humildes em fazendas que distam léguas e mais léguas de um centro desenvolvido, a mulher nordestina entra na maternidade com todos os ensinamentos e vícios da terapêutica dos seus ancestrais. A própria terminologia médica no tratamento de doenças femininas surpreende os médicos. “Não há médico” – dizia o DR. FLORO BARTOLOMEU, no seu célebre *Juazeiro e o Padre Cícero*, p. 164 – “que consiga fazer-se compreendido, se, interrogando uma senhora do campo sobre perturbações menstruais, não empregar a palavra “desmantelo”.

Derivada dessa situação, que tão cedo não poderá ser reparada, pelas dificuldades que o problema oferece, é esta terapêutica que damos a seguir:

1 – Tomar a urina do marido, logo depois da dejeção, num caneco, facilita a expulsão da placenta.

2 – Para “desocupar” e “soltar a placenta” indicam também à parturiente amarrar ao redor do pescoço um pedaço de barbante ou fita em que se atou uma caveira de cachorro.

3 – Quando a criança está atravessada, aconselham as “comadres” que a mulher seja pendurada de cabeça para baixo.

4 – Quando a mulher sente as dores do parto, acende, quanto antes, uma vela, invocando a proteção de Nossa Senhora do Bom Parto. Se o parto for difícil, a parturiente, salvando-se, tomará a santa para madrinha da criança recém-nascida.

5 – Para o parto ser rápido e sem complicações, a parturiente deve andar apanhando de chinela, pelos cômodos da casa, alcovas e corredor, num corretivo bastante cômico aplicado pelo esposo.

6 – Quando não conseguir “desocupar”, é bom que vista, sem perda de tempo, uma camisa suja do marido, às avessas. SÉBILLOT, citado por AMADEU AMARAL (ob. cit., p. 193-194), esclarece-nos que a prática é universal: “Na tribo australiana Arunta, o pai se despoja de sua cinta, que é levada à parturiente por um outro

homem e colocada por ele na cintura dela. Usos paralelos aparecem na Europa. Na França, no século XVIII, vestiam-se na mulher prestes a dar à luz os calções de seu marido e esse costume era ainda recentemente observado na Lorena, no Limousin, na Espanha e na Escócia. Na Irlanda, quando se colocava sobre a parturiente uma vestimenta do marido, pronunciando um conjuro, era ele quem sofria em seu lugar e gritava como ela”.

7 – A parturiente, que traz no pescoço nove rosários, descança em paz.

8- Para que não sobrevenham dificuldades à hora e “desocupar”, aconselham à parturiente vestir o paletó do esposo, às avessas, e colocar seu chapéu na cabeça, com o forro para fora.

9 – Mulher prenhe não deve comer nada que grude em panela, para que não fique grudada também a placenta.

10 – Soprar com força numa cumbuca ajuda a expulsar a placenta.

11 – Após o parto, para um resguardo feliz, a mulher tomará uma xícara de urina de gente, de preferência do esposo.

12 – Quando o menino nasce, dizem que “abre” os quartos da mulher. É preciso, após a *délivrance*, que se fechem esses. Para isso deitam a parturiente de lado e sobre eles mandam ficar sentado, por algum tempo, o marido.

13 – Logo que cortar o umbigo da criança, deve a “comadre” passar cuspo com fumo.

14 – Se a criança, ao passar do tempo, apresentar o umbigo crescido, convém que se lhe dê a beber um chá de cabelo de milho.

15 – Leite de mangaba, em algodão, aplicado sobre o umbigo é igualmente aconselhado.

16 – Para moleira funda aconselham a mãe a pegar um pinto recém-morto e levá-lo a um pilão, “socando-o” como se estivesse a preparar “paçoca” (prato regional). Depois de convenientemente “pilado” o pinto, até que se transforme numa massa de sangue, gordura e ossos, deve ser ele posto como emplastro na parte posterior do crânio do doente.

17 – Para cortar dor de barriga de menino novo aconselham chá de hortelã, alfazema ou erva-doce.

18 – Em seguida ao parto, se houver complicações no útero, é conveniente tomar a parturiente um chá da folha de algodão-crioulo (*Gossypium*), chamado vulgarmente “inteiro”.

19 – É indicado para igual fim o chá da casca da aroeira (*Schinus molle*, L.).

20 – Se o menino não demonstra facilidade para falar, há de tomar, quanto antes, água servida num chocalho.

21 – Se a criança não se dispõe a andar, mandam que os pais banhem suas pernas com água na qual foram infundidas as pernas de um caranguejo.

22 – Para o mesmo fim aconselham os pais a levarem a criança ao arvoredo próximo, fazendo com que seus pés coincidam com o rastro do veado (*Cervus etaphus*).

23 – Para inflamações de útero, em consequência do parto, receitam banho-de-assento em água em que se infundiram, antes, as folhas de diversas carrapateiras (*Ricinus communis*, L.)

24 – Para que cessem as hemorragias uterinas tomam chá de rescaldo do fogão.

25 – Se o menino passa dos dois anos e não articula as palavras naturais aos de sua idade, deve tomar sem perda de tempo um chá-de-pinto, obtido sob processo idêntico ao indicado para o caso de moleira funda.

26 – Evita-se a sobrevivem consequências funestas do arrote de criança no peito materno, desde que o marido deite sobre o seio da esposa os seus testículo. Igual prática, temos notícia, é observada no Amazonas.

27 – A criança se desengasgará fazendo-se com que ela erga o braço esquerdo.

28 – Chumaços de algodão, embebidos em água ou álcool, fazem passar o soluço das crianças, desde que sejam fixados nas têmporas.

29 – Quando nenhum remédio resolve a inflamação do útero, usam as “comadres” dar a beber à parturiente chá de cominho e alho, queimados na aguardente.

30 – Quando a criança arrota no peito, à hora do aleitamento, deve a parida virar-lhe ao contrário, imediatamente, deixando-

lhe as pernas voltadas para o lado em que estava a cabeça. Nada sofrerá quem assim proceder. Receitam em São Luís, Maranhão: passar sobre os seios os quartos da criança que arrotou no peito da parida é preventivo contra os males que poderão surgir.

31 – A tesoura, utilizada para seccionar o umbigo, há de ficar sob a cama, aberta, até que o umbigo sare por completo.

32 – Mulher de testa grande e quartuda é propensa a ter partos mais rápidos. Aliás, pelo menos no Ceará, tivemos a oportunidade de anotar, há uma curiosidade por parte dos homens em descobrir através de sinais externos – testa larga, boca grande, lado direito do pé – o tamanho exato do órgão sexual da mulher. Em Natal, afiançando ser credence confirmada por AFRÂNIO PEIXOTO na Bahia, VERÍSSIMO DE MELO (ob. cit. p. 9) anotou: “Mulher de boca grande e dos quartos largos sempre tem parto rápido e feliz”.

33 – Se o umbigo estofar mandam que a mãe do menino tome a circunferência do mesmo e num pinhão-bravo (*Jatropha pobliana* var. *Molissima* Meull.) faça abertura igual com ponta de faca ainda virgem. À proporção em que o buraco obtido assim se for fechando no pinhão-bravo, sarando e diminuindo irá, gradualmente, o umbigo do menino.

Anotamos: “... a menina de mês e pouco está ‘quebrada-do-umbigo’. O médico aconselhou uma funda, uma moeda enrolada em flanela. O compadre, que é muito sabido, prometeu-lhe uma “simpatia” mais rápida e mais eficiente. Esperaram a primeira sexta-feira do mês e foram antes do meio-dia a uma figueira-braba. A mãe descalçou o pezinho esquerdo da criança e o compadre, aplicando-o sobre a casca da árvore, recortou o seu molde (contorno) com faca virgem, e dizendo:

Em nome de Deus (Bis)

Quando esta casca secar

A quebradura há de sarar. (Bis)

tira o recorte e coloca-o no mesmo lugar, virado com a parte externa para dentro, amarrando o tronco com imbirá (cipó)” (HERNANI DE IRAJÁ, *Feitiços e Crendices*, p. 43-44).

34 – Ainda para fazer o umbigo voltar à posição normal, deve encaixar-se esse com os dedos, dando um estalo na boca. Em o *Breviário de uma Sendeirona*, de HILDEGARDES C. VIANA (*Boletim da Comissão Nacional de Folclore*, nº 84, de 8-4-49), encontramos processo semelhante, mas rico de detalhes: “Se o umbigo estofar há um processo seguro para que ele entre. Depois do banho, na hora de enxaguar, empurra-se o umbigo para dentro e se dá com o dedo um estalo na boca, assim como quando se tira rolha nova de garrafa. Depois apara-se a água do banho na cuia e se dá para o menino beber. Fica bom que do umbigo só se vê a costura”. Isto, na Bahia, naturalmente.

35 – Para diminuir o leite no seio, aconselham à parturiente usar ao redor do pescoço um rosário de pecíolos de carrapateira.

36 – Para dor de barriga de menino novo mandam esquentar uma cuia e colocá-la, ainda morna, sobre o ventre.

37 – Para igual fim, aconselham fazer uma cruz sobre o ventre da criança, com um pouco de cinza.

38 – O umbigo do recém-nascido deve ser jogado às “águas sagradas do mar” para garantir-se à criança um futuro feliz. Mais uma vez anotamos esta reincidência de simpatias, superstições e crendices que falam nas ondas ou nas águas do mar sagrado. Na terceira parte deste livro, ao tratarmos das orações, daremos ao assunto maior atenção.

39 – Picumã com nata de leite é santo remédio no sertão para combater o que chamam de “zague” (usagre).

40 – Para as crianças não sofrerem inflamações nas gengivas e seus padecimentos, usam nelas friccionar a crista de galo após ser cortada da ave ainda viva.

Na Bolívia, segundo M. RIGOBERTO PAREDES, no seu livro *Mitos, Supersticiones y Supervivencias Populares de Bolivia*, p. 254, procedem da mesma forma: “La cresta del gallo, inmediatamente después de recortada recetan para hacer brotar los dientes a los niños que se han atrasado en la dentición, pasandoles por las encías, una y otra vez, y háciendo que penetre su sangre en las partes precisas”.

Tal receita há de ter chegado ao nosso continente nascida da mesma origem, de Portugal, certamente, trasladada pelos conquistadores, pois a encontramos em GONÇALO RODRIGUES CABREIRA (ob. cit., p. 102), no século XVII, que aconselha untar com o sangue de crista de um galo velho as gengivas dos meninos, afirmando: “nem terão dor de dente nem incharão as gengivas”.

41 – Para que seja reiniciada a menstruação, após o parto, tomam as paridas chá de língua-de-vaca (*Bredo majorgomes*).

42 – Bucha de coco-da-praia é santo remédio para que cessem as hemorragias.

43 – Mulher parida, acometida de câimbras, livra-se delas usando um colar de cortiça.

44 – Para apressar o parto tomam as parturientes água salgada onde se cozinhou pelo menos um ovo de galinha. JOÃO FERREIRA LIMA (ob. cit., p. 114) ensina: “Dê à mulher para beber a água que tenha cozinhado um ovo de galinha, devendo a assistente vestir a camisa do pai da criança”.

45 – Para que nasçam sadios e fortes os dentes da criança, mandam que os pais tomem a medida (comprimento) de um cão com um barbante, amarrando-o a seguir em volta do pescoço. Quando a criança tiver completado a primeira dentição, chamada “de leite”, o animal do qual se obteve a medida morrerá.

46 – Para evitar mau-olhado, colocam na camisinha do nenê uma figurinha preta.

47 – Ainda para igual fim, tiram de uma caranguejeira os dentes e amarram-nos em um saquítel, que deve ser preso ao pescoço da criança. As preocupações e luta contra o mau-olhado têm atingido todas as raças através de sua evolução. “É evidente que as pessoas não definhavam por terem recebido mau-olhado. É um truísmo psicológico que a crença da iminência da moléstia ou da ameaça de um desastre pode ser suficientemente forte para que as apreensões resultantes causem alarmantes sintomas físicos e mentais, até mesmo a morte” (WILLIM J. FIELDING, ob. cit., p. 114). Ainda na palavra do conhecido escritor, “até há pouco tempo os camponeses da Irlanda atavam rebentos de frutinhas silvestres no

rabo das vacas, para evitar maus-olhados. Os pescadores espanhóis ainda pintam um olho no lado dos seus barcos e os camponeses italianos usam um feitiço com forma de olho, como proteção contra essa espécie de bruxaria”.

No sertão, principalmente, além das figurinhas, as crianças carregam presa às suas camisas uma medalhinha que representa os “olhos de Sta. Luzia”, o que garante vista boa para quem a exhibe, evitando, destarte, qualquer influência maligna nos olhos. A prática parece ser universal, realmente. LUIZ FLOREZ (in *Medicina, Magia y Animismo en Segóvia de Antioquia – Revista de Folklore*, nº 6, Bogotá, Colômbia, p. 206) dá-nos o seu testemunho: “Vimos en Segóvia que algunas personas llevan colgadas al lado izquierdo del pecho, sobre el vestido, unaplaquita de oro o de plata com unos ojos dibujados encima. Al Sr. R. O., portador de uno dicho objeto, le preguntamos qué era y qué significaba. Dijo que son los ojos de Santa Lucía, para proteger las vistas.”

48 – Uma palhinha benta evita também mau-olhado.

49 – Combatem ainda o mau-olhado passando a criança por entre as pernas de um homem, de preferência seu pai, três vezes seguidas.

50 – Se o menino definha a olhos vistos é sinal de que está com “quebranto”. Corta-se o “mal” erguendo-se a criança de pés para cima, à porta da rua, três vezes, de preferência às sextas-feiras. A preferência pelo número três, ao lado número sete, é largamente difundida no sertão. Lembra JOÃO FERREIRA LIMA (ob. cit., p. 53) que “3 é a expansão do firmamento: largura, profundidade, altura. Presente, Passado, Futuro. 3 reis Magos do Oriente visitaram Jesus em Belém. 3 vezes o galo cantou, 3 vezes São Pedro negou Jesus, etc., etc.”

Entre os cantadores, nas rimas de seus versos, nas “estórias”, nas conversas, nas cirandas e nas brincadeiras, surge sempre o cabalístico número três. Somente depois de se pronunciar o número três qualquer competição deverá ser realizada. Antes disso, há uma espécie de tabu proibindo a quebra desse ritual de números.

A influência do número 3 vem de longe. Com “preeminência” – lembra WILLIAM J. FIELDING (ob. cit., p. 19) – “em todas as maiores seitas religiosas. A Trindade, como símbolo divinizado, era comum a todos os povos da antigüidade e anteriormente era símbolo de vida. A divindade babilônica era uma deidade tripla, representada por Anu, Ea e Bel; a divindade assíria era caracterizada por Assur, Any e Hoa. A tríade, ou *trimurti*, dos brômanes é representada por Brahma, o *Criador*, Vishnu, o *Preservador*, e Siva o *Destruidor* ou *Apatia*. A sílaba *Om* é o símbolo dessa trindade”.

51 – Combatem a icterícia com chá de grilo preto. O chá é feito das suas pernas dianteiras e deve ficar, após fervido, esfriado por meia hora.

52 – Para o mesmo fim mandam a criança urinar sobre um pé de vassourinha até que a planta morra. Quando a vassourinha “queimar”, pela ação da urina, é sinal de que o menino ficará sarado dentro de mais alguns dias.

53 – Para a criança andar por si mesma, mais depressa do que outras de igual idade, deverá ser conduzida por duas pessoas sobre o rastro de um cavalo, enquanto uma outra irá “pilando” com uma mão de pilão os lugares onde pisar. No interior do Maranhão, segundo apuramos junto a MANUEL LOPES, quando um menino demora a andar, metem-lhe as pernas no fato de um boi, ainda quente.

54 – Para crianças que nascem com os olhos purulentos ou simplesmente “pregados”, como diz o matuto, deixa-se o toco do umbigo recém-cortado de infusão em porção d’água serenada, instilando-a nos olhos, dias seguidos, como colírio. (Vede nota elucidativa à p. 25).

55 – Para “perebas” (feridas pequenas) em menino novo aconselha-se picumã com nata de leite de cabra, em aplicações externas.

56 – Curam-se brotoejas em crianças passando-se sobre elas crina de cavalo.

57 – Apresentar menino-de-peito diante do espelho faz retardar-lhe a fala.

58 – Criança que ainda não foi batizada não deve dormir no escuro, para não ser cobiçada pelo demônio.

59 – Não se deve beijar na boca de menino, para que não lhe nasçam sapinhos (aftas).

60 – Duas pessoas devem segurar a criança, se esta não se dispõe a andar, e com ela dar uma volta ao redor da casa durante três dias seguidos. (Há quem aconselhe prática igual em três sextas-feiras).

61 – A criança deixará de urinar na rede se a mandarem sair à rua, com uma esteira ou pedra na cabeça, dizendo à primeira pessoa que encontrar: “Esmola para um mijão.” (GUILHERME STUDART registrou: “Viva São João, esmola para um mijão”).)

62 – Quem aponta uma estrela no céu com o dedo cria verruga. E as verrugas só desaparecem se uma pessoa disser como menino: “Lá vão dois em cima de um, passe a verruga para o pé de um.”

63 – Esfregar o dedo da verruga na parede da igreja que se visita pela primeira vez faz com que ela desapareça.

64 – Menino gago fica falando direito se alguém lhe bater na cabeça com uma colher de pau. A pessoa que desfere a pancada não deve ser vista pela criança.

65 – Não se devem cortar as unhas das crianças às segundas-feiras, pois as mesmas não crescerão mais. Segunda-feira é dia consagrado às almas pelo sertanejo.

66 – Não se deve suspender um menino acima da cabeça porque faz “quebrar-lhe a barriga”. (GUILHERME STUDART registrou: “Levantar uma criança acima da cabeça faz o ventre cair-lhe.”)

67 – Não se deve passar a perna sobre a cabeça de uma criança. Afirma o matuto que se isso ocorrer a criança não crescerá mais.

68 – Banhar o menino, jogando-lhe água sobre a cabeça com uma cuia (coité), é de bom augúrio. (GUILHERME STUDART: “Todo menino que, ao nascer, foi lavado em cuia será feliz”).) Antigamente costumavam pôr um objeto de ouro (medalha, cordão ou moeda) dentro da bacia onde se lavava a criança pela primeira vez, para que ela, quando crescesse, fosse rica e próspera.

69 – Não se deve permitir que menino brinque com fogo, porque acabará viciado em urinar na rede.

70 – É proibido pôr sal na boca de menino pagão. Se morrer nessas condições não estará nas graças de Deus.

71 – Sereno resfria moleira de menino novo. Por isso, menino não deve sair a passeio, nos braços de pessoas amigas, sem o barrete de meia.

72 – Passar um pente fino sobre os seios é remédio indicado para diminuir o leite.

73 – Cura-se lobinho nas crianças deixando que um criminoso toque nele com o dedo, três vezes. GUILHERME STUDART, além dessa, recenseou outra: “Para cura do lobinho (quisto sebáceo) não há outro remédio como fazê-lo morder por uma criança que se chamar Maria.”

74 – Mulher que se deita em cima de couro de raposa fica aliviada das dores do parto.

75 – Para o mesmo fim, aconselham a parturiente a tomar canja de galinha “arripiada”.

76 – Mulher parida não deverá olhar para a placenta. Se assim fizer, não terá outro filho, porque morrerá.

77 – Se a mulher, após o parto, não tiver leite para amamentar, mandará pedir a sete pessoas um punhado de farinha e com o tanto obtido fará o que chamam de “pirão escaldado”. GUILHERME STUDART registrou igual receita, falando em falando “farinha de trigo”, o que não vimos citado nem repetido por pessoa alguma.

78 – Criança que carrega, preso ao pescoço, um dente de jacaré é feliz na dentição. “O dente de jacaré trazido ao pescoço das crianças evita má dentição.” (JOSÉ LIMA, *Folclore Baiano*, p. 30).

79 – Baratas torradas servem para cólicas intestinais de crianças quando delas se faz chá, muito em uso nos sertões do Nordeste. “O chá de barata torrada é indicado nos embarços gastrintestinais das crianças”, lembra ainda JOSÉ LIMA, ob. cit., p. 29.

80 – Para aplacar a dor de barriga dos recém-nascidos, usam as “comadres” adicionar rapé em seu umbigo, friccionando a parte dolorida do ventre.

81 – Para que o umbigo de menino novo sare rapidamente, nada melhor do que forrá-lo com emplastro obtido do pó de tijolo vermelho. A simpatia pelo vermelho, em caráter profilático, herdamos, em parte, dos portugueses. O Sr. GILBERTO FREYRE (*Casa Grande & Senzala*, edição de Maia & Schimdt Ltda., Rio, 1933, p. 108) assinalou: “Em Portugal, vermelho deve ser o telhado das casas, para proteger quem mora debaixo deles.” E transcreve estes versos populares do livro de PEDRO FERNANDES THOMÁS *Canções Populares da Beira*:

*As telhas do teu telhado
São vermelhas, têm virtude:
Passei por elas doente,
Logo me deram saúde.*

Após algumas considerações, o ilustre sociólogo brasileiro arremata: “Nos africanos, encontra-se a mística do vermelho associada às principais cerimônias da vida, ao que parece com o mesmo caráter profilático que entre os ameríndios.” (Ob. cit., p. 109.)

AMADEU AMARAL (in *Tradições Populares*, p. 397) anotou a seguinte receita para que cessem soluços: “Deve-se colocar uma folhinha verde atrás da orelha do pequerrucho, ou então pregar um fiapo do cobertor na testa dele. Há quem afirme que o cobertor precisa ser *vermelho* (O grifo é nosso.) Depois de dar notícias de que pessoas provincianas usavam flanela vermelha em volta do pescoço para curar a dor de garganta, WILLIAM F. FIELDING (*Estranhas Superstições e Práticas de Magia*, p. 165) conclui: “O vermelho é cor tradicionalmente reconhecida como antagônica aos espíritos malignos, tanto assim que, durante um tempo, se perduravam panos vermelhos nos quartos de doente para curar catapora.”

82 – Logo depois de banhar a criança, após a *délivrance*, a “comadre” deverá, quanto antes, queimar alfazema para dar sorte ao recém-nascido e afastá-lo dos espíritos maus. O Dr. ALFREDO DA MATTA, em seu *Vocabulário Amazonense*, p. 49, 1º volume, anotou: “Alfazema (*Lavandula vera*) – Esta planta é empregada para

aromatizar a roupa dos recém-nascidos, as gavetas das cômodas.” Igualmente destacou idêntica prática JOSÉ LIMA (ob. cit., p. 20): “Depois de vestida, a criança é passada em cruz sobre a fumaça de alfazema como objetivo de afastar o mau-olhado. Tem também indicação sob a forma de doente para curar catapora.”

83 – Mulher parida, se comer apenas carne de galinha, não deve mudar de alimentação, sob pena de quebrar o resguardo.

84 – Mulher de resguardo não deve comer carne de peixe.

85 – Para a chamada “dor-de-madre” aconselham o chá do “caroço” do boi. Enganamo-nos quando, na 1ª edição deste livro, afirmamos ser este caroço uma espécie de quisto sebáceo. O caroço é uma massa consistente, espécie de pedra que se forma no estômago ou intestinos de certos animais. Principalmente nos tempos antigos, pedras dessa natureza alcançaram prestígio invulgar. O Dr. GARCIA DE ORTA, físico de el-Rei Dom JOÃO III (*Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Mediciniais da Índia e Assim de Algumas Frutas Achadas Nela*, pp. 168 e 169) dá-nos esta notícia “... nos buchos destes bodes (passam, em língua da Pérsia) se cria esta pedra sobre uma muito delgada palha, que está no meio, e aí se vai tecendo, e fazendo casco, como de cebola...” E esclarece mais adiante: “... chama-se esta pedra *pasar do pasão* (bode assim chamado), e assim quando vos cá pedem alguma meizinha contra a peçonha lhe chamam *pasam*.”

O referido caroço – que se atribui ao boi – será sem dúvida também do bode, criação comum às nossas fazendas do Nordeste.

Em *O Sol*, edição do dia 2 de março de 1862, colhemos esta estranha receita para “vagos e acidentes de gota”: “A pedra chamada “celidonium”, que se acha no ventre de algumas andorinhas novas, que estão no ninho, tiradas no crescente da lua e atadas no bucho do braço, ou trazidas ao pescoço, tem presentânea virtude para curar estas molestias”.

86 – ROQUE DE MACEDO, conhecido como sertanista do Ceará, afirmou-nos que não há melhor remédio para estancar hemorragia uterina do que o chá que se obtém de dez cabeças de formigas denominadas “de roça”. Acrescentou: “Não carece adoçar o chá e cura em cinco minutos”.

RESFRIADO (*defluxo, etc.*)

Terapêutica:

1 – Para defluxo novo, usam receber nas mãos a urina de um menino e levá-la, ainda fresca, ao nariz, tomando o cheiro fortemente, até sentir a urina penetrar nas fossas nasais.

2 – Para debelar a tosse, aconselham chá de “jasmim” de cachorro com barata torrada. “Depois pegou a tosse grande de abrir a caixa do peito. Me ensinaram chá de porqueira de cachorro misturada com barata torrada. Catei uns jarminzinhos dos bem brancos ali na beira do rio e dei a ela” (CORDEIRO DE ANDRADE, *Casacos*, p. 131).

3 – Para resfriado: chá de quebra-pedra (*saxifraga*) com pimenta.

4 – Para igual fim, chá de acônito com capim-santo.

5 – Chá de excreto seco de vaca é meizinha generalizada em todo o sertão.

6 – A chamada “tosse braba” é combatida com chá de manga verde assim preparado: corta-se a manga, tirada ainda verde, em vários pedaços, fazendo cruz e levando-se ao fogo em água serenada (água que, depositada numa vasilha, ao relento, apanhou todo o sereno da noite), que é dada a beber ao paciente.

7 – Para acalmar a “comichão” da garganta e aliviar a tosse, usam envolver o pescoço do doente com banha de galinha.

8 – Mandam que o enfermo tome, sem demora, um “lambedor” (xarope) de gonçalo-alves (*Astronium fraxinifolium*, Sch.)

9 – A urina é indicada, bebida em jejum, para afrouxar o catarro.

10 – Mandam, igualmente, que o enfermo urine na mão e passe o mijo assim obtido na cabeça. Afugenta a tosse para longe.

11 – Para que o doente sare do catarro do peito receitam; “Pegue três cabeças de cebolas-brancas, bem duras, faça um picadinho bem miúdo. Tome um prato de louça limpa e coloque a cebola nele, já picada. Pulverize açúcar branco e ponha em cima da telha, da casa, para serenar. No dia seguinte, pela manhã, coma o bagaço, bebendo em seguida toda a água apurada durante a

noite. Na certa o catarro “desencausa”, afrouxando no peito. É também bom, depois de comer a cebola serenada, tomar um banho com água morna da cacimba, em temperatura natural do poço.”

2 – Para resfriados, “morrinhas”. Corre o sertão, ainda hoje, essa receita atribuída ao Padre CÍCERO ROMÃO BATISTA, escrita pelos seus auxiliares: “Tome de uma panela nova, nela ponha duas canecas d’água, tendo o cuidado de cortar uma cabacinha em cruz e botar na panela uma banda de cada pedaço. Depois tome uma banda de limão com casca e misture juntamente com um dente de alho descascado, uma banda de cebola branca, bote a batata de cabeça-de-negro e um pouco de jarrinha (*Aristolochia cymbifera*). Ferva tudo até as duas canecas ficarem numa só. Passe o pano e beba. Reze o rosário da Mãe de Deus, porque quando Deus quer tudo cura.”

13 – Urina de vaca, ainda quente, de mistura com leite mungido (não sabemos se da mesma vaca será melhor) é terapêutica popular de larga aceitação para debelar a tosse;

REUMATISMO

Terapêutica:

1 – Usam fazer aplicações violentas em massagens, sobre a parte dolorida, com sebo de carneiro depois de convenientemente levado ao fogo até ficar em estado de fusão.

2 – O querosene, que tem as mais variadas aplicações no sertão para fins medicinais, serve também, segundo o nosso homem do campo, embebido em algodão e passado sobre a região do corpo atacada pelo reumatismo, para aliviar as dores.

3 – Melão-de-são-caetano: seu fruto, quando maduro, é de larga aplicação, em massagens, no tratamento do reumatismo.

4 – Couro de cobra, curtido, usado como cinturão sobre a área afetada, abarcando o corpo, serve, sob o testemunho do sertanejo, para combater as dores reumáticas. Haverá, por certo, nisso, a influência do homem da Amazônia, que usa ao redor do

corpo um cinturão de couro de jibóia (*Constrictor constrictor*), tido como excelente anti-reumático. “Conta-se que uma autoridade, não menor que Hipócrates, foi altamente distinguida, mercê das curas que efetuou com a aplicação de certas partes de alguns répteis em pessoas indispostas. Se alguém levar para a guerra uma cinta de pêlo de gato, não lhe advirá mal algum” (WILLIAM J. FIELDING, ob. cit., p. 13). Pelo exposto a tradição vem de longe.

5 – A banha de cágado é muito empregada como linimento nas manifestações reumáticas. Como peitoral, antigamente, era usada a carne de cágado (ADRIANO HELVÉCIO, ob. cit., p. 94).

6 – Carne de cascavel, cozida em rodela, servida ao enfermo, juntamente com o caldo, é remédio para os casos de reumatismo articular, segundo comunicação que nos fez o deputado e escritor RENATO BRAGA. AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE (*Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas*, pp. 301 e 302) anotou: “Um remédio muito gabado, e que o Sr. NOGUEIRA DUARTE me disse ter várias vezes administrado com o maior êxito, é uma espécie de caldo feito com a carne da cobra cascavel. O doente bebe esse caldo à tarde antes de deitar-se, sua abundantemente, e fica curado. Não é necessário empregar a carne fresca do réptil: feita com o animal seco a beberagem produz igualmente efeito salutar”. E acrescenta o curioso viajante do nosso País: “Os colonos dos arredores de Vila do Príncipe pretendem que caldos feitos com as espécies de ofídios mais venenosos, tais como o jararacuçu (*Bothrops Neuwidii*, Spix.) e o surucucu (*Bothrops surucucu*, Spix.), curam perfeitamente o mal venéreo”.

7 – Se o doente conseguir ser ferroadado por uma abelha, na área afetada, pelo reumatismo, dele estará curado para sempre. FAUSTO TEIXEIRA (ob. cit., p. 28) anotou: “Também é aconselhável que se tomem picadas de abelhas”.

8 – Passar o sapo-cururu sobre a parte afetada é receita do sertão. A cura se realiza por “contato”, passando a doença para o sapo.

9 – Tomar-se ferroadado de formiga-vermelha, para reumatismo, é tratamento adotado no interior do Ceará.

RINS (*afecções gerais, como retenção de urina, dores, etc.*)

Terapêutica:

1 – Para retenção de urina: das pernas de um grilo (do mais cantador da casa geralmente) fazem o que chamam chá-de-grilo, servindo-o ao enfermo ainda quente. O alívio, afirmam, é imediato.

2 – Da flor da melancia (*Cucurbita citrullus*) prepara-se, igualmente, milagroso chá, aconselhado na terapia das afecções dos rins.

3 – Do mandacaru (*Cereus peruvianus*, Mill.) extraem um líquido, ao qual emprestam propriedades terapêuticas maravilhosas.

4 – Esquentam um chifre de boi, dando-lhe em seguida uma raspagem com faca virgem. As raspas, depois, são levadas ao fogo, com água, até ferver, preparando-se assim um chá, que é dado a beber ao paciente para curar a dor de rim.

5 – Obtém-se da casca da tangerina uma infusão que é servida ao enfermo depois de retirada ao fogo e posta a esfriar. Em ato contínuo, o doente tomará um banho-de-assento. Dizem que o remédio só alcança o efeito desejado quando a pessoa, ao deixar a bacia em que a lavou, sente na água o cheiro da tangerina.

6 – Para retenção de urina, receitam chá de marianinha (*Commelina deficiens*).

7 – Para afecções dos rins, convém frisar, são utilizadas igualmente as seguintes plantas medicinais, segundo o Professor DIAS DA ROCHA: alecrins-de-são-josé, bordão-de-velho, coité, jaborandi, malícia-rocha, maria, urucu e sete-sangrias.

8 – Indicam aos enfermos chá de torém (*Cecropia palmata*).

9 – Garrafada “para solta a urina”: a pessoa deve “ajuntar” a casca do bordão-de-velho, misturando-a com a “foia” do torém. Pisa em cima das duas a florzinha de mão-de-sapo, tudo isso em água serenada com “caninha” (aguardente) da mais forte, para dar “sustança” e deixa tudo de molho, três dias e três noites. “Adis pois tomar uma colher antes do galo cantar, de manhã e outra adis pois do armoço... De tardezinha” – acrescenta o curandeiro – “mercê já tá livre”.

10 – Chás aconselhados no sertão para prisão de urina: da raiz de capim-de-planta (*Panicum nimidium*, Lam.), da casca da cajazeira e de quebra-pedra.

11 – Para aliviar as dores dos rins, aconselham chá de escrotos de bode, de preferência preto.

12 – Para afecções dos rins, em geral, receitam o seguinte remédio: apanhe o enfermo sete ramos de capim-de-planta, mas apenas os que tenham três folhas. Das folhas, em número de 21, faça uma infusão com açúcar num litro d'água. Sirva-se dela, da meizinha, em jejum, tomando uma colher diariamente.

13 – Mandam igualmente o enfermo comer fígado e coração de galinha, assados, que afirmam ser bom remédio para os rins. O DR. FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUEZ, no século XVIII (*Anchora Medicinal para Conservar a Vida com Saúde*, p. 153) dizia: “Cinza do fígado, coração & baço do gallo, quebra & exclue a pedra dos rins”.

14 – Da moela da galinha, depois de convenientemente seca, prepara-se um chá que deverá ser servido ao paciente. Afirmo o sertanejo crédulo que, se a moela for pisada antes de fazer o chá, o efeito é mais positivo ainda.

No Estado da Bahia a moela da galinha (galinha preta), segundo JOSÉ LIMA (ob. cit., p. 39), tem sua interapêutica indicada para curar o vício da bebida alcoólica. Dizem que cura, com a condição: nunca mais o viciado deverá comer galinha... A preferência pela galinha, principalmente a preta, na terapêutica popular, é universal. Na Província de Gerona, anotam LUIZ DE HOYOS SÁINZ e NIEVES DE HOYOS SANCHÓ, em seu *Manual de Folklore*, p. 236: “... cuando la mujer embarazada sufre mareos y desmayos o siente algún antojo extraordinario, atribuye tales fenómenos al mal donat (mal del ojo), y en este caso creen que matando una gallina negra se deshace el aojamiento y deja de padecer aquellas molestias”.

Não poderíamos encerrar esta pequena lista de mezinhas para as afecções dos rins, sem anotar a que nos parece sobretudo interessante, usada no Maranhão: se a pessoa tem “dor de urina” deve esmagar uma barata no azeite-doce, levar a pasta ao fogo até ficar morna e, com ela, untar o pênis.

SEZÃO (*Maleita*)

Terapêutica:

1 – Aconselham ao enfermo urinar em três vassourinhas, três dias seguidos. Quando morrerem elas, estará curado.

2 – Tomar, uma vez ao dia, chá de grão de café.

3 – Tomar, pela manhã, em jejum, água serenada com farinha seca.

4 – Para maleita desaparecer é preciso que o enfermo faça a forma de seu pé (espécie de palmilhão) numa casca de aroeira, pendurando-a depois na cumeeira da casa. Quando secar a casca, dá-se a cura.

GUILHERME STUDART (ob. cit., p. 317) dá-nos esta fórmula: “Para curar sezões toma-se a medida do comprimento do pé do doente, e por ela pendura-se na parede da cozinha (fumeiro); quando a casca seca a doença desaparece. A casca deve ficar até consumir-se”.

5 – Usam igualmente tomar chá de boa-noite (*Mirabilis salopa*, Linneo).

6 – Aconselham, também, para os que sofrem de maleita chás de cabeça-de-negro, pereiro, cravo-de-urubu, etc.

SÍFILIS (*sangue fraco, sangue sujo, etc.*)

Terapêutica:

1 – Usam geralmente as mais extravagantes garrafadas para combater as manifestações da sífilis. Dentre essas destaca-se a que comumente é usada à base de raiz de velame, com cinco folhas de chanana e casca de bordão-de-velho em litro de aguardente.

2 – Quando o paciente é do sexo feminino, aconselham-no, no tratamento da sífilis, apenas a tomar o chá de angélica (*Guettarda angelica*, Wartius).

3 – Para refrescas e limpar (depurar o sangue), como dizem, nada melhor do que o chá de vassourinha-de-botão (*Scoparia dulcis*, Lin).

4 – Para sangue sujo, usam tomar “lambedor” de sete-sangrias (*Cumphea ingrata*).

5 – Quando o sangue “enfraquece” e a pele comicha, não há outro remédio senão areia de formigueiro em fricções sucessivas.

MORDIDA E PICADA DE PEÇONHAS, MORDIDA DE CÃES HIDRÓFOBOS, ETC.

Terapêutica:

1 – Para aliviar as dores produzidas pela ferroadada do lacrau mandam a vítima beber aguardente com alho.

2 – Mastigar qualquer coisa, simplesmente, quem não tiver à mão um pouco de aguardente para tomar, é simpatia de larga aceitação popular.

3 – Aconselham que trepe a vítima numa mesa ou caixão e nele se conserve por algum tempo. Servirá para aliviar as dores. JOÃO FERREIRA LIMA aconselha: “Se estiver trepado nalguma parte, quando for picado, desça para o chão”.

Esse JOÃO FERREIRA LIMA, autor de *Segredos da Natureza* e a *Sabedoria Humana*, segue, no Nordeste, a tradição dos almanques. Em seu folhetim *Almanaque do Pensamento Para o Ano de 1961*, obra que reúne mesmo em sua indigência de páginas – pois são apenas vinte ao todo – uma predição para aquele ano e mais uma centena de conselhos, receitas medicinais, etc. No capítulo reservado à Flora Medicinal, o “cientista” de Juazeiro do Norte refere-se ao chá de couve para inflamações do estômago, ao xarope de mastruz com “eucalipto, folha de juá, cebola-branca, casca de cumaru, casca de angico e um limão partido em cruz” para gripes e rouquidões.

Sua terapêutica é estabanada. Nem mesmo certas doenças íntimas, de senhoras, deixam de receber suas informações e receitas. Mulher com ele é no tratamento forte: dezessete dias de lavagem e banhos de assento.

4 – Para mordedura de aranha não há como uma porção de moscas machucadas e aplicadas sobre a parte afetada. “Alivia dor e desfaz a inchação”. É o que se lê no jornal *O Sol*.

5 – Para picada de insetos: untar a área traumatizada com suco de alecrim.

6 – O leite do jasmim-do-pará é recomendado para evitar a perda de sangue em ferimentos produzidos por pregos, facas, etc.

7 – Evitam-se dores e padecimentos advindos da mordida de cão hidrófobo, com um curioso chá feito das penas de urubu. As penas deverão ser queimadas antes de se fazer o chá.

8 – Para idêntico fim, mandam a vítima mascar fumo e depositar a saliva em cima da mordida. O fumo e seus derivados têm a mais ampla e generalizada aplicação na terapêutica popular do sertão. Anotamos suas indicações para combater a dor de barriga das crianças, sarar feridas, etc. Para melhores esclarecimentos, achamos oportuno transcrever as palavras de IRINEU PINHEIRO: “Prescrevem o fumo, freqüente, como remédio. Aplica-se o mel de fumo (substância que escorre da corda quando é passada de um *sarrilho* para outro, como se disse atrás) nas picadas de cobras, a saliva do fumante nas inflamações, nas dores de barriga das crianças, cujos ventres são ainda defumados com baforadas de cachimbo, e o sarro deste nos lugares de extração de bichos-de-pé, nas umbigueiras de bezerros novos e nas feridas rebeldes. É o sarro a substância que se deposita no tubo, ou canudo do cachimbo. Dá-se o *torrado* em pitadas aos que sofrem de “passamentos” (vertigens)...” (*O Cariri*, p. 70).

9 – Aconselham a vítima a banhar-se no mar, de preferência na maré vazante.

10 – Para que não surjam complicações aos mordidos por cobras venenosas, aconselham tomar aguardente até que se embriaguem.

“Na província de Pernambuco observei que um método comum de cura é dar de beber ao paciente uma dose de aguardente capaz de embriagá-lo de todo, porque isto é por vezes remédio eficaz” (GEORGES GARDNER, in *Viagens no Brasil*, p. 41).

No sertão a primeira operação do curandeiro é a que anotou GARDNER (ob. cit.): a sucção da ferida produzida e cauterização com fumo. O doente, para que se salve, é preciso não receber, antes de tudo, a visita de mulheres grávidas.

Palavras cabalísticas ainda são fornecidas às vítimas de mordida de cobras, escritas num papel que deve ser enrolado à semelhança de pílulas. O mesmo GEORGES GARDNER (ob. cit.) fornece-nos um acróstico latino bastante usado no Brasil, ao tempo de sua visita ao nosso País:

S..A..T..O..R.
A..R..E..P..O.
T..E..N..E..T.
R..O..T..A..S.

que “se devia escrever num papel e dar ao animal ou homem mordido de peçonha”.

11 – Como preventivo, usam o dente de jacaré, preso ao pescoço. Afirmam, também, que o mesmo auxilia na salvação do enfermo.

JOSÉ CARVALHO (*O. Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*) registrou junto aos sertanejos que “pessoas – por exemplo – mordidas de cobras, já cegas, bastava pegarem na mão da pessoa que trazia o dente de jacaré, para imediatamente recobrar a vista”.

Essa simpatia do dente de jacaré herdamos forçosamente dos pajés. VON MARTIUS (ob. cit., p. 224) também escreveu: “... como preventivo contra a picada de cobras venenosas trazem pendurados os dentes de jacaré: as raspas dessas dentes são ingeridas com água, contra a mordedura de cobras.” Recomenda-se, entre nós, aos caçadores: “Não deixem de levar no bolso o dente de jacaré”.

No caso de mordidas de cobra coral, cascavel ou jararaca, THOMAZ DAVATZ, em 1850, no seu livro *Memórias de um Colono no Brasil* (tradução de SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, p. 65) consignou: “para uso interno”, como remédio, “aguardente de cana tomada em boa quantidade e em goles rápidos e sucessivos.”

12 – Colocar o chapéu do curandeiro na cabeça de quem foi mordido por cobras serve como remédio. Em *Curiosidades e Fatos Notáveis do Ceará*, J. G. DIAS SOBREIRA, à p. 30, oferece-nos a narrativa de um curandeiro que, ao ser chamado para atender a vítima de uma cobra, assim respondeu: “Se ainda não morreu, não morre mais. Leve meu chapéu, que eu já vou”.

13 – Contra mordida de maribondo, urina de gente. MÁRIO DE ANDRADE (ob. cit., p. 77) registrou: “Em Brodowski, São Paulo, também se usa mijo de gente com fumo, para mordida de maribondo”.

14 – Para livrar o enfermo do veneno da cobra, um indivíduo “curado”, se não o próprio curandeiro, cospe-lhe na boca. É o bastante.

TUBERCULOSE (*Doença magra*)

Terapêutica:

1 – Banha (gordura) de cascavel, derretida e servida ao doente, uma vez ao dia, é santo remédio para sertanejo.

2 – Aconselham igualmente leite de pinhão-bravo, em jejum, oito gotas, num chá de cidreira ou em água do pote serenada.

3 – Excreto de vaca, após a dejeção, friccionando no peito do enfermo, alivia-lhe as dores.

4 – Receitam, aos que sofrem do terrível mal, mascar agrião (*Spilanthes acmella*, Lin.) várias vezes ao dia.

5 – Assam uma costela de cachorro, malhando-a em seguida com pedras. Os fragmentos menores são aparados numa vasilha contendo leite de jumenta preta, de preferência, o qual vai ao fogo até ferver, servindo-se ao doente ainda morno, pelo menos.

HIPÓCRATES, entre os poderosos produtos animais de que se utilizava, receitava bÍlis e urina de touro, leite de cabra... e leite de jumenta, o que hoje ainda é observado pelos nossos homens do sertão (*La Pharmacie dans l'Antiquité*, por MAURICE BOUVET, in “Histoire Générale de la Médacine”, ob. cit., p. 570).

6 – Da casca do cumaru prepara-se um xarope muito usado pelos que se sentem “enfraquecidos”.

7 – Com erva-babosa, gonçalo-alves, mangabeira, vassourinha-de-botão, aroeira-do-campo, agrião, segundo informa o PROFESSOR DIAS DA ROCHA, defende-se o sertanejo contra a tuberculose.

UNHEIRO: “... um apostema na raiz da unha, e neste sentido é geralmente usado no Brasil.” (FENANDO SÃO PAULO, ob. cit.)

Terapêutica:

1 – Aconselham o enfermo a introduzir seu dedo acometido do apostema no ânus de uma galinha, em três vezes seguidas. Intrometer o dedo no ânus ou vagina de pessoas e animais é prática que vem dos tempos antigos.

Entre os índios Japurá, MARTIUS, segundo informa MÁRIO DE ANDRADE (ob. cit., p. 76) registrou esta interessante prática de medicina: “Indi deniue secundum flumen Yapurá habitantes contra dolores fornicaram, scolopendrarum aut scorpionum morsu concitados, siquidem ictus manus ceciderant, illarum in vaginam muliebrem immissionem optimum remedium mihi praedicaverunt.”

2 – Para que o unheiro desapareça, manda o sertanejo introduza o paciente o dedo enfermo no ânus de uma gata.

3 – Ensinam, ainda, meter-se o dedo dentro de um ovo que foi levado ao fogo até cozinhar.

4 – Quem tem unheiro deverá intrometer o dedo num buraco feito no reboco da parede e dizer: “Nunca vi unheiro verde em buraco de parede” (OSWALDO ROCHA, in *Pedaços do Sertão*, p. 101) GUILHERME STUDART, por sua vez (ob. cit., p. 314), recenseou a mesma receita, mas indicando-a, também, como remédio para panarício.

VOLVO (*nó nas tripas*)

Terapêutica:

1 – Dão a beber ao paciente azeite doce com chumbo de caça, dos miúdos.

2 – Em Guaiúba (Município de Pacatuba), sabemos de um caso em que o paciente foi posto na bandeirola da porta, de cabeça para baixo, dependurado pelos pés, o que serviu – segundo o testemunho de algumas pessoas – para o “nó” se desfazer.

3 – Costumam introduzir no ânus do enfermo uma vela benta, de altar.

DE OUTRAS ENFERMIDADES E SEUS REMÉDIOS

1 – Para dertos (herpes), inflamações dos pés, etc., aconselham envolver a parte afetada com folhas de pinhão-bravo, devidamente esquentadas.

2 – A folha de jerimum (abóbora) quente, sobre os dedos afetados, é também de grande efeito nas manifestações de darto.

3 – Para o mesmo mal não há como cuspo em jejum antes de dar bom dia.

4 – Combatem a impotência com chá de casca de catuaba (*Enythraxylon*, Sp.).

5 – Para que os espinhos saiam dos pés ou das mãos, de quem os tenha, usam emplastos de folha de chanana.

6 – Para o que chamam “privação de arrote”, receitam chá de “imbiriba”, ou seja, o embiri (*Esterhazya splendida*, Mik).

7 – Para combater as hemorróidas tomam chá de mutamba (*Fuazuma ulmifolia*, Lam.)

8 – Curam a blenorragia com chá de carrapicho-de-boi (*Trifetta semitrilobata*, Lam.).

9 – Para os que caem desastradamente, receitam “chá-de-brasa”, que se faz pilando, antes, carvões retirados ao fogo ainda acesos.

10 – Combatem o sarampo com chá de “La materia fecal blanca del perro (“azúcar del campo”) es bueno para el serampion”, é igualmente receitado no Paraguai, conforme registrou IVOLINA ROSA CARVALHO (ob. cit.).

11 – A massa da mandioca de manipeba é indicada para sarar frieira.

12 – Aconselham, para idêntico fim, a flor da cabaceira, quente.

13 – Para indigestão, mandam que se tome chá de flor de sabugo (medula de sabugueiro).

14 – Combate-se a hérnia – segundo o sertanejo – usando-se um couro de boto (*Stena tucuxi*), como cinturão, em volta do corpo.

15 – Contra azia usam tomar água de barro, fervida.

16 – Para fechar a covinha de onde se extirpou um bicho-de-pé, usam aplicar sarro de cachimbo.

17 – Combate o nosso homem do campo acessos de coqueluche nas crianças mandando-as comer coco, até que enjoem. Quando a criança vomita é sinal de que ficará curada sem precisar repetir o remédio.

18 – Para prisão de ventre usam tomar chá-de-pinto, na forma anteriormente descrita, com cupim de cumeeira de casa. Para doenças do bócio ou papo, “físicos e cirurgiões de outrora administravam aos pacientes “massa” e “água de cupim” (LYCURGO SANTOS FILHO, ob. cit., II, p. 103).

19 – Para “dor encausada” (ventosidade, gases no estômago e intestinos), usam tomar chá de caco de telha.

20 – Aos diabéticos aconselham ingerir a água em que esteve infundida a castanha da sapucaia (fruto da sapucaeira).

21 – Para limpar a cútis, de panos pretos, costumam passar sobre esses uma lagartixa morta, aberta ao meio.

22 – Para a chamada “dor-de-veado” (dor esplênica) costumam prender à cintura um raminho verde de salsa.

23 – Para “estalicite” (estalicídio ou estilicídio) lavam os pés e aproveitam a água para tomar ao nariz.

24 – Para “dor no espinhaço” (lumbargo) usam comer carne de teiú.

25 – Para barriga d’água (hidropisia), comem a carne de lagarto-verde, assada.

26 – Para desinflatarem qualquer parte do corpo, usam fricções com sebo de carneiro castrado. A respeito, por chalaça, diz-se no Nordeste: “Só serve sebo de carneiro abaixo de Deus castrado”.

27 – Para o que denominam de “arrocho no peito”, usam tomar cebola serenada com banha de galinha.

28 – Para dor nas costas, mandam que o paciente fique deitado de bruços e sobre ele passe uma filha donzela, várias vezes, fazendo cruz.

29 – Para combate panarício, aconselham que se envolva o dedo afetado com um pano velho untado de fezes humanas.

30 – Recomendam, para o mesmo fim, envolver o dedo com gema de ovo misturada com rapé.

31 – Esfregam igualmente um ovo quente, até esfarelá-lo por completo, sobre o dedo enfermo. Alivia as dores provocadas pelo mal.

32 – Para coqueluche, têm outra receita bastante difundida. Depois de batido um jenipapo, deixam-no ficar numa panela com água serenada. O líquido obtido dessa infusão deverá ser tomado em colheradas pelo doente.

33 – Para cortar a diarreia (chamam-na de “chicote”), retiram a seiva da bananeira, servindo-a ao enfermo, sem demora.

34 – Para aliviar câibra, os que pescam dentro d’água costumam marcar fumo.

35 – Contra queimadura de caravela (“... e de quando em vez algum acéfalo, zoófito, de forma engraçada, e conhecida entre nós por caravela e noutros lugares por urtiga-do-mar (*Physalia caravella*).” – ANTÔNIO BEZERRA, in *Notas de Viagem ao Norte do Ceará*, p. 371), costumam esfregar um grauçá ainda vivo sobre a parte dolorida.

36 – Para hidropisia, mandam que se faça sobre a barriga do paciente, uma cruz com cinza.

38 – Combatem a íngua da seguinte maneira: o paciente coloca o pé na trempe do fogão e com uma faca faz três risquinhos ao redor do pé.

39 – Se uma pessoa estiver engasgada com espinha de peixe, serve-lhe imediatamente, para comer, farinha seca.

40 – Se a farinha não resolve nesse transe, apanham um tição no fogo e com ele fazem uma cruz nas costas do doente, reconduzindo o tição ao fogo, onde ficará metido, agora, com a parte acesa para fora.

41 – Para que a pessoa cesse de soluçar, pregam-lhe um susto contando uma notícia de espanto. JERONIMO CORTEZ (*Fisionomia e Vários Segredos da Natureza*, p. 110), já em 1706, antes do nosso amigo sertanejo, aconselhava este “segredo para tirar os soluços em um instante: é que a quem tiver soluço lhe causem espanto de repente, ou o façam estar suipento com alguma boa, ou má nova, e no mesmo instante deixará o soluço”.

42 – Para calo seco nada mais aconselhável do que se pôr, sobre ele, constantemente, uma camada de cera de abelha.

43 – Atirar um copo d’água na parede, cheirando-a depois, faz com que se extinga o soluço.

44 – Para equimoses (o que chamam de “galo”), aconselham esquentar lâmina de uma faca e pressionar com ela a parte afetada.

45 – Para diarreia usam um chá de “olhos” de goiabeira.

46 – Leite de vaca preta, com urina, em jejum, é no sertão um remédio indicado para resolver os casos desesperadores de hidropisia.

47 – Para “catarro na cabeça” (sinusite) mandam o paciente cheirar um torrão de barro molhado, várias vezes.

48 – Para o enfermo não vomitar o alimento que lhe servem, fazem-no trancar uma fechadura e ficar com a chave presa ao pescoço.

49 – Para expulsar as bichas (vermes) não há como o chá dos “olhinhos” do ficus-benjamim.

50 – Para abrir apetite aos convalescentes, aconselham-nos a comer o fel de caranguejo. ADRIANO HELVÉCIO, médico francês,

receitava, antigamente, “um caldo peitoral” em que se destacavam, como elementos terapêuticos, “as patas e rabos de oito caranguejos” (ob. cit., p. 109).

51 – Curam panarício pondo, aberto ao meio, sobre o dedo enfermo, um galo-de-campina (*Paroaria gularis*, L.) ainda com estremecimento de vida.

52 – O fígado de urubu, assado, dado de comer ao alcoólatra, evitará que esse continue bebendo.

53 – Cura-se frieira da seguinte maneira: corta-se a cabeça de um cágado e, em ato contínuo, derrama-se o sangue sobre os dedos afetados, passando sobre eles, igualmente, a cabeça decapada.

54 – Aliviam a respiração difícil, sufocação, friccionando banha de galinha ao redor do pescoço do paciente.

55 – Levantam a campainha-caída (“alongamento hipertrófico da úvula”, segundo a descrição de FERNANDO SÃO PAULO, ob. cit., p. 197) com a introdução, na boca, de uma colher de pimenta-do-reino, pilada.

56 – Para congestão, aconselham ao paciente tomar um chá de pinhão-bravo, pisado e torrado antes com gergelim.

57 – Para destruir piolhos na cabeça das pessoas: óleo de coco misturado com a amêndoa da semente da ata (pinha).

58 – Para que nasçam cabelos em quem já os teve e perdeu por doença, aconselham friccionar a cabeça com folha da ateira.

59 – Para o mesmo fim, aconselham lavar-se a cabeça com a salmoura da carne fresca.

60 – A frieira acaba, se a pessoa que dela sofrer lavar os pés na água em que se tenham lavado também os pés de uma galinha. GUILHERME STUDART consignou antes de nós (ob. cit., p. 307): “Para curar frieiras, (a) lava-se o pé em água em que se tenham lavado os pés de três galinhas, ou (b) vai-se a casa de uma pessoa de quem se não gosta e grita-se “Oh! de casa”; respondem naturalmente “Quem é?”, e diz-se três vezes: “Minha frieira vá para teu pé.”

61 – Para acnes, mandam que se tome chá da raiz da manjerioba.

62 – Para igual fim, aconselham aplicar-se cera de ouvido.

63 – Para “espinha” carnal, mandam que se lave o rosto, três vezes, com água em que se lavou os pés.

64 – Para nascerem cabelos na cabeça, aconselham untar-se ela com gordura de galinha. Tudo indica que essa receita, bastante generalizada nos tempos antigos, foi usada pelos nossos avós portugueses. GONÇALO RODRIGUES CABREIRA (ob. cit., p. 1) registra: “Se untarem a cabeça com caldo de galinha é bom remédio, e também aproveita e sara a sarna do corpo”, depois de dizer que essa receita se destina a “tirar as bostelas que se fazem na cabeça”. Embora não seja o remédio antigo propriamente indicado para que cresçam os cabelos, guarda ponto de contato com o que se usa hoje no interior do Ceará. A propósito, vale apenas citar ainda este trecho de uma notícia do Dr. R. FOURNIER REGNEZ (*Histoire Générale de la Médecine*, p. 105) sobre a medicina dos egípcios: “La dermatologie comporte de nombreuses recettes capillaires (contre la chute ou le branchement de cheveux) aux papyrus Ebers et Hearst. Les ingrédients prescrits sont bizarres: bile d’un crabe, sang de la corne d’une vache noire, sabot rôti d’une âne, vulve d’une chinne, ongles d’une chien, etc.” Vale acrescentar, igualmente, a preferência dos antigos por animais pretos ou vermelhos (GONÇALO CABREIRA fala em “urina de cabra preta”; M. RIGOBERTO PAREDES, em pneumonia “tratada pelos bolivianos pondo sobre o pulmão enfermo um couro de gato preto”, etc.), particularidade que alcança hoje em dia a medicina popular do sertão, com a aplicação de urina de boi vermelho, testículos de bode preto, sangue de galo preto, etc., produzindo, de resto, uma famosa oração para os que desejam acertar no jogo do bicho, a “oração da cabra preta”.

65 – Para tirar estrepe do pé ou da mão, usam deitar sobre a parte afetada o bofe da lagartixa. LEONARDO MOTTA (*Crendices*, notícia publicada no *Unitário*, edição especial à sua memória, de 29 de fevereiro de 1948) registrou: “Para se tirar estrepe, não tem como se esmagar uma cabeça de lagartixa e botar em riba do espinho”. Para ferida no couro cabeludo, igualmente, anotou o

saudoso folclorista cearense: “Dentada de assassino – Lobinho, conforme já anotamos neste livro, é curado, desde que sobre ele um assassino toque com o dedo, três vezes”. As pessoas vítimas de tragédias – assassinos ou mortos – desde os tempos antigos têm oferecido meios e processos para a realização da medicina. O Dr. CABANÉS (ob. cit., p. 51) fala-nos de que “sous la terreur, la gousse de guillotiné fut l’objet d’un commerce important”, assinando que “dans son *Traité de Matière Médicale*, daté de 1608, JEAN DE RENOU vale déjà la graisse d’homme comme un excellent nervin: elle faisait partie de longuent nervin de l’ancienne pharmacopée d’Augsburg” (ob. cit., p. 52). Entre nós, segundo VIEIRA FAZENDA (LUIZ EDMUNDO, ob. cit., p. 489), o “tecido gorduroso dos enforcados era vendido por bom preço”. Lemos, ainda em LUIZ EDMUNDO: O Dr. FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES, o Mirandella, receitava para calvície – manteiga de urso, mosca ou rã queimada, dando, ainda como efficacíssimo remédio, depois de uma fricção de aguardente ou água-da-rainha-da-hungria, “untar o couro cabeludo com unto de homem que acabe da vida com morte violenta”. O Sr. FRANCIS BARRET, F. R. C., professor de química, filosofia natural e oculta, da cabala, etc., no seu livro *O Mago ou Intérprete Celeste* (veja-se em *O Romance da Feitiçaria*, SAX ROHMER, p. 43) assim se expressa, no preparo de determinados colírios: “Há certos colírios que nos fazem ver, no ar e alhures, as imagens dos espíritos. Posso prepará-los com fel humano e os olhos de um gato preto...

O tempo encarregou-se de modificar esta estranha terapia, o que resultou ficar com o criminoso o poder de curar.

66 – Para quem sofre das faculdades mentais, “um fato de ovelha preta em cima da cabeça... é meizinha que não mente fogo”, recenseou LEONARDO MOTTA.

67 – Para que a gangrena não “avance” no corpo do enfermo, na parte afetada mandam aplicar jerimum batido com goma até que forme uma papa. Dizem que a decomposição não prosseguirá.

68 – O vício da bebida, tiram de quem o tem, aconselhando tomar chá de café (que é feito do grão) com um pouco de barro.

69 – Cura-se erisipela, no interior, aplicando-se um sapo ainda vivo, aberto ao meio, sobre a parte do corpo tomada pela doença. Logo que morra o sapo o enfermo estará curado, acrescentando o sertanejo que a doença “passa pro sapo”. Na Bolívia os índios usavam a mesma prática, segundo M. RIGOBERTO PAREDES (ob. cit.): “La erisipela acostumbra curar, rosando una y outra vez, com la barriga de los sapos las placas erisipelatosas y com cuyo procedimiento, quedan contagiados estos batracios y muerem las pocas horas y dejan, en cambio, sano al enfermo”.

70 – Castanha do caju, aberta ao meio, atada por sobre a “vermelha” (erisipela), é remédio usado igualmente no Cariri.

71 – Aos ameaçados de hidrofobia dão a beber um chá obtido das penas de urubu, ressequidas.

72 – Combate-se a boubá fazendo-se com que o enfermo coma, assada, a porção de carne – quatro dedos contados – do meio da cascavel.

73 – Indigestão cura-se com chá da casca de coco-da-praia.

74 – A enxaqueca desaparece se o doente tomar um chá da castanha de caju queimada.

75 – Chá de excreto humano serve para fazer desaparecerem as cólicas intestinais.

76 – Combatem o sarampo com o chá que obtêm de uma combinação de vassourinha e grãos de milho.

77 – Evita-se o estrabismo não se olhando, nem de brincadeira, para a ponta do nariz.

78 – Tomar caldo de cana, no calor, faz a pessoa adoecer de “esquentamento” (blenorragia).

79 – Não se deve comer casca de queijo. Quem assim proceder ficará “esquecido”, de memória fraca. Anotou igualmente AMADEU AMARAL (ob. cit., p. 405): “O queijo tem, para o povo, a estranha propriedade de enfraquecer a memória de quem o come”. LINDOLFO GOMES colheu, em Minas, o modismo: “Esqueci... – Quem esquece come queijo”. Em Idanha-a-Nova, Vale do Lobo e Castelo Branco (Dr. JAYME LOPES DIAS, ob. cit., p. 181), “Comer muito queijo tira a memória”.

80 – Mulher que come mucunã fica, por algum tempo, sem menstruação. Anotamos a esse respeito, no *Formulário e Guia Médico*, de CHERNOVIZ (Paris, 1908, 18ª edição, p. 853): “Um curioso fenômeno patológico: as mulheres que se alimentam de mucunã ficam privadas de suas regras por muito tempo”.

81 – Quem sofre de linfatite, nas noites de lua, corta a íngua, simbolicamente, com uma faca virgem. RODRIGUES DE CARVALHO (ob. cit., p. XVII) recensou: “O adulto que sofre de linfatite e tem os gânglios enfartados, em vez de usar tônicos, corta a íngua à lua”.

82 – A verruga desaparece do dedo de quem passar o mesmo numa ossada branca, fazendo cruz.

83 – Quem conduz duas castanhas de caju, no bolso da roupa, jamais sofrerá de erisipela.

84 – Calor de fígado desaparece se o enfermo passar as mãos nas paredes de uma igreja.

85 – Pessoa que desmaia recupera os sentidos se lhe derem a cheirar, repetidas vezes uma pena de galinha. FAUSTO TEIXEIRA, (ob. cit., p. 22) anotou, em Minas Gerais: “... cura-se dando ao paciente, para cheirar, uma pena de galinha, queimada”.

86 – Apendicite é evitada desde que a pessoa não coma sementes de tomate, de goiaba ou quiabo.

87 – Para salvar-se alguém dos incômodos do reumatismo da “cinta”, nada melhor do que envolver-lhe o corpo com um cinturão feito com o couro de cobra-de-veado.

88 – Para tirar do pé a pulga do “olho branco” (pulga-de-bicho), pega-se um pedaço de toucinho fresco, que deverá ser amarrado, a seguir, sobre a área afetada. Dizem que a pulga-de-bicho do “olho branco”, por contato, passa do pé para o toucinho.

89 – Pessoa que cai de rede deve beber, quanto antes, um copo de cerveja preta e tomar um banho frio.

90 – Lavar a cabeça em água fria serve para curar dores-de-cabeça, mesmo que as pessoas delas acometidas se encontrem ameaçadas de febre. A propósito, vale a pena lembrar o costume que tinham os brasilíncolas de se meterem na corrente dos rios, quando atacados de febres. “Verdade é que algumas vezes lhes sobrevêm algumas febres de pouca consideração, da qual se li-

vram com facilidade, somente com o se lavarem no mais vizinho rio que encontram” (AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO, *Diálogos das Grandezas do Brasil*, p. 117).

91 – Receitam, para difteria, a aplicação de couro de sapo tirado da parte branca da barriga, em volta do pescoço do enfermo.

92 – Para “cegueira noturna” (espécie de avitaminose que se registrou em Fortaleza há algumas décadas) aconselhavam o doente a servir-se de um pedaço de fígado, conseguido de esmola nas ruas da cidade.

93 – Farinha de pipoca (“Pipoca – grão de milho-branco que arrebenta ao fogo...” – A. J. DE SAMAIÓ, *A Alimentação Sertaneja e do Int. da Amazônia*, p. 304) é santo remédio para combater a anemia. Aconselha o sertanejo: “Pra sangue pobre num tem remédio que dê sustança como a farinha de pipoca pilada no pilão do mato e torrada no caco novo de barro vermeio”.

94 – Para panarício não há melhor remédio do que a água de sal com seis pingos de leite de banana num angu de farinha, informa-nos ROQUE DE MACEDO.

95 – Desaparecem as aftas da boca com bochechos de água de romã.

96 – A frieira se acaba com fricções de fumo de cachimbo.

97 – O homem espanta qualquer doença se tiver o cuidado de, em três sextas-feiras seguidas, trazer água do mar para casa, derramando-a embaixo da rede em que dorme.

98 – As manchas do rosto (pano preto) desaparecem desde que se esfreguem elas um osso de galinha, encontrado por acaso.

GETÚLIO CÉSAR (ob. cit., p. 173) recenseou receita mais completa em Pernambuco: “Quem tem manchas no rosto – pano – ficará bom sobre as mesmas esfregar uma pedra, osso ou uma tapioca e a jogar para trás, seguindo o caminho sem se virar”.

99 – Motorista nenhum dormirá na direção do carro se tiver o cuidado de tomar, três vez ao mês, o chá do fígado de tetéu.

100 – Água de sal (segundo, ainda, ROQUE DE MACEDO) fervida em panela nova, esquentada em fogo de gravetos de marmeleiro, cura tudo e socorre a pessoa em qualquer aflição.

101 – Para facilitar a dentição, nada mais aconselhável do que o chá de ipecacuanha.

102 – Toucinho cru, salgado, para impingem no rosto, é remédio de uso generalizado, em Juazeiro do Norte. Deve ser aplicado no rosto três dias seguidos.

103 – Cura-se antraz com fezes de gente, ainda quentes.

104 – As acnes desaparecem passando-se nelas uma rede suja, na ausência do dono (receita conhecida em quase todo o Nordeste).

105 – Para hemorragia nasal, nada melhor do que o doente lavar a cabeça com água fria.

106 – Para “pescoço duro” aconselham envolver a parte dolorida com meia de mulher, sendo do sexo masculino o doente. Caso contrário, meia deve ser de homem.

107 – Combatem coqueluche dando a beber às crianças querosene com chá de cidreira. Anotou SEBASTIÃO ALMEIDA OLIVEIRA (*Expressões do Populário Sertanejo*, p. 191): “Para debelar esse incômodo, que tanto prejudica as crianças, dá-se ao doente café com querosene...”

108 – Para indigestão, nada melhor do que o tomar-se um chá feito da comida ou fruta que provocou o mal. J. G. DIAS SOBREIRA (ob. cit., p. 108) assinalou: “... toma-se meia colherinha dela, da comida ou da bebida, põe-se em uma xícara, deita-se água fervente e cobre-se durante cinco minutos. Passados eles, decanta-se, mudando para outra xícara, com cuidado para não toldar; põe-se açúcar, enche-se e bebe-se”.

109 – Contra “mijada” de potó, aplicação de uma papa que se faz da rapadura.

110 – Trata-se de bicho-de-pé enchendo-se-lhe a cova de onde foi extirpada a pulga com raspa de tijolo vermelho.

111 – Para combater o sarampo, toma o sertanejo um chá que se obtém dos grãos de milho.

112 – Para as infecções intestinais é aconselhado o chá das cinzas de papel de embrulho. “Quanto mais grosso o papel, melhor” – diz-se.

113 – Para disenteria encontramos em *O Sol* (exemplar do dia 23 de fevereiro de 1862) a seguinte receita: “Faça-se uma sopa de pedaços de papel branco, fervidos em leite com um pouco de açúcar branco; bastarão três ou quatro sopas para a cura”.

114 – Para ferida que custa a sarar: aplicação da massa de mandioca, morna.

115 – A quem sofre de forte dor de garganta, deve-se dar a beber o caldo obtido da carne de uma lagartixa.

116 – O sumo da malva-do-reino, levada ao fogo até ferver, bebido com mel de abelha, é indicação segura contra tosse.

116 – Galinha que canta como galo, no terreiro da casa a que pertencer, deve ser morta e atirada longe, pois se continuar viva estará agourando pessoa da família.

117 – Quem se sentar na boca de um pilão, numa sexta-feira, fica de “corpo aberto”, isto é, sujeito aos malefícios de terceiros.

118 – Para dor de dente recomenda-se o gargarejo do rescaldo de cinza morna.

119 – Não se deve pronunciar a palavra “macaco” perto de uma criança com menos de trinta dias de nascida, pois se tal acontecer ela não terá um futuro tranqüilo.

120 – Para a criança não sofrer na fase da dentição deve trazer ao pescoço, atado por um cordão, um dente de cutia.

MEDICINA POPULAR

Justo Juiz de Nazaré, filho da Virgem Maria que em Bethlem foste nascido, entre as idolatrias, eu vos peço, Senhor, pelo vosso sexto dia, que meu corpo não seja preso nem ferido, nem morto, nem nas mãos da justiça envolto.

(Fragmentos da Oração do Justo Juiz, em *Coiteiros*, de JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA, p. 79).

Não sendo a prece nascida
Das fibras do coração,
Não poderá Deus ouvi-la.
Não tê-la por oração,
Para o céu não tendo nunca
A mínima aceitação!

(Versos do folhetim
Recordação e Homenagem do Rev. Padre Cícero Romão,
de JOSÉ BERNARDO DA SILVA.)

PELAS ORAÇÕES

A FORMAÇÃO religiosa do sertanejo, incompleta e falha, calcada pela influência de fanáticos que se contam às dezenas na história sócio-religiosa do Nordeste, sua índole como que ardentemente preparada para se deixar vencer facilmente pelas superstições e credences, teriam de resultar para ele num comportamento exageradamente místico em face das entidades divinas que cria com estupefaciente facilidade, depositando sua fé em taumaturgos, em pseudo-enviados de Deus, lutando sinceramente pelo Cristo-Rei, que para ele representa a figura do usurpado, encarnando-o como motivo de reação, ao mesmo tempo que segue o fanático mais vulgar, acreditando em suas palavras, atento às profecias, aos avisos do sobrenatural e pondo toda a sua crença em orações as mais absurdas que surgiram e continuam surgindo não se sabe como.

Até o cantador é tocado pelo entusiasmo dos que esperam a vinda do Cristo-Rei, de volta à Terra, para castigar os injustos. Alguns, em promessas, chegam a mudar o nome, como o fez o “historiador” JOÃO QUINTO SOBRINHO. “Achando-me gravemente enfermo, sem esperança de cura, recorri a Cristo Redentor no sentido de curar-me, com promessa de mudar meu nome. Acho-me hoje são, pelo que, em sinal de gratidão, meu nome é JOÃO DE CRISTO-REI em vez de JOÃO QUINTO SOBRINHO”.

Desde as conversas mais simples, a propósito de qualquer assunto, a presença da entidade divina está sempre atuante. Ao tomar um susto com a “Nossa Senhora!”, ao se admirar diante da miséria alheia com um “Deus do céu”, “Pai Nosso!”, despedindo-se do filho com a última mensagem de um “Deus te guie, Nossa Senhora te proteja”, o sertanejo não se afasta jamais de sua crença nos poderes divinos. As interjeições, as frases que em outra zona geográfica possam ter apenas reminiscências dessa situação de temor a Deus, de invocação aos bons espíritos, no Ceará, se não em todo o Nordeste – assumem todo o esplendor de sua intenção.

E o que dizer das orações? São elas, de resto, para simplificar, o meio de defesa do sertanejo que se encontra em luta com os

espíritos do mal. Proliferam facilmente as orações. São encontradas em todas as regiões, entre os mais religiosos ou os mais ímpios, feitas para repousarem dentro de um saquitol, costuradas na dobra do casaco ou no vestido, metidas na carteira de cédulas ou dentro do forro do chapéu. Muitas dessas orações guardam certa similitude com trechos bíblicos, obedecendo a uma forma cuja preocupação é rimar as palavras, facilitando, destarte, que as pessoas as pronunciem com uma voz quase cantante, o que, quando ouvida, dá a impressão de lamento.

As chamadas missões (pregações anuais nos sertões), longe de alcançarem os seus devidos fins, concorrem muitas vezes para agravar o sentido mítico do sertanejo, adotando procissões e romarias um tanto lúgubres (como verificamos, na infância, em Pacatuba), em que se contavam as caminhadas ao cemitério, em visita aos mortos, empunhando cada pessoa uma vela acesa, enquanto vozes medrosas de toda uma multidão se transformam num coro desajustado e aterrador.

As procissões – nem por serem a demonstração coletiva de maior importância numa cidadezinha do interior – não ficaram a salvo da ridicularia dos mais descrentes. Ouvimos e registramos, ainda em Pacatuba, estes versos bastante irreverentes, entoados na música de conhecido bendito, em que uma penitente queria conhecer a sorte do jogo-do-bicho:

*Cumpadre da ferente,
Maior do que eu...
Me veja na pedra
O bicho que deu...*

E a comadre, até então contrita na procissão, teria respondido no mesmo tom, depois de olhar na lousa da mercearia o número do bicho sorteado:

*Ave, ave, Avestruz...
Ave, ave, Avestruz!*

Ilustrando ainda o que aqui foi dito, é bom que se ofereça um novo exemplo de perguntas e respostas, troca de desaforos, que corre na boca do povo, sob a inspiração das procissões ao tempo das missões. Uma fiel, bastante convicta, viu de repente, para desprazer seu, que a comadre que lhe vinha atrás, por despeito, pisava o seu bonito fichu, espécie de mantilha ainda usada pelas senhoras sertanejas como nota de seriedade e em substituição ao véu. Zangada, e sem poder brigar com a companheira, a comadre aproveitou também a música do bendito que se cantava, para entoar, de viva voz, a sua revolta. E ouviu-se exatamente isto:

*Não pise, no meu fichu...
Não pise, torno a dizer,
Ora, por que você não vai querer
Pisar no fichu da mãe...
Pisar no fichu da mãe..."*

Mas a oração, repasto a improvisações e achincalhes na irreverência do povo, existe também deturpada, como no caso dos pelos-sinais, em que, de permeio com as palavras da oração, o sertanejo acrescenta, a seu modo, toda uma série de pedidos a favor do inverno, contra seus inimigos, pedindo chuva ou, simplesmente, desancando um rival ou acanalhando uma situação, como exemplificamos a seguir no "Pelo-Sinal dos Cangaceiros" (GUSTAVO BARROSO, ob. cit., p. 399):

*O sertão da Paraíba
está cheio de cangaceiros,
Más nós que somos ordeiros*

Pelo-sinal,

*Rogamos ao Federal
Governo desta Nação
Que nos livre do facão*

Da-santa-cruz!

No entanto, jamais se afastará das orações o sertanejo. Qualquer frase – não se assustem os desavisados – poderá ser convertida numa mensagem de fé, desde o “Deus proteja essa casa contra os raios e o trovão”, que nos é dado a observar por trás das portas das casas, até as bastante extensas orações que são pronunciadas ou carregadas, como frisamos anteriormente, em saquitel, como verdadeiros talismãs. Quando o sertanejo adoece, deixa suspenso, de logo, um angustioso problema: se adoeceu é porque esqueceu de sair ao campo sem levar a sua milagrosa oração. E, às vezes, para restituir-lhe a fé perdida, são colocadas em suas vestes, com alfinetes ou grampos de segurança, novas orações que os amigos recomendam e que lhe dão poderes sobrenaturais. A importância do ensalmo, do saquitel com a fita da medida de um santo milagroso, um fragmento de uma imagem, alcança-nos – como é do conhecimento geral – a nós outros civilizados. É tão forte essa influência, que o homem, mesmo sob nova orientação social, com uma formação religiosa mais firme, não abandona o talismã, a oração sagrada que lhe vem dar um novo sopro de energia vivificadora. E chega um momento em que ele necessita do talismã, da oração, para ter sorte no jogo, para ser feliz nos amores, para derrotar um inimigo, para fazer chover, para ganhar dinheiro de herança... Daí a variedade de orações. Conhecemos talvez mais de uma centena de orações para fins os mais diversos, sendo de destacar que algumas delas servem para determinadas moléstias ou situações desagradáveis em face de um vício persistente, de uma mulher fatal ou de um assassino. Quase todas vivem na tradição oral do povo, sobrando pequena parte, que é possível encontrar em livros que se editam no interior do Estado e na própria capital, reunindo as mais curiosas.

No entanto, temos observado que as orações, proferidas em determinado lugar, são noutras partes apresentadas quase com as mesmas palavras, o que nos leva a encontrar apenas alterações de vocábulos ou acréscimo de frases. Embora não seja do objetivo desse estudo, catalogamos aqui uma relação mais ou menos satisfatória das orações mais popularizadas no Ceará, se não mesmo no Nordeste, para todos os fins:

- 1 – Salmo 90;
- 2 – Oração de São Roque (para proteger os pobres);
- 3 – Oração contra os inimigos (invocando Santa catarina);
- 4 – Reza contra os males físicos;
- 5 – Reza pra aplacar o sangue;
- 6 – Oração da cabra preta (para mostrar a sorte no jogo);
- 7 – Oração de São Cipriano;
- 8 – Oração de mar sagrado;
- 9 – Oração contra febres;
- 10 – Oração do Soldado 33;
- 11 – Oração para curar erisipela;
- 12 – Oração a São Campelo (para os que desejam ter sorte no jogo);
- 13 – Oração para defumar a casa;
- 14 – Oração contra o mau-olhado;
- 15 – Oração para fazer um gatuno entregar as coisas roubadas;
- 16 – Oração para assistir aos artifícios de certa mulher perigosa;
- 17 – Oração para cura de sezão (maleita).

Há outras, como, por exemplo: para estancar o sangue; para prender assassinos; para defender animais; contra o perigo de arma de fogo; para a ocasião do banho; para separar o sangue puro do impuro; contra hemorragia do útero; para o que chamam “sol na cabeça”; para congestão (“moléstia do tempo”); para queimadura de fogo; para dor de dente; para cobreiro; para fazer vir a placenta; contra espinhela caída; para dores nas costas; para carne trilhada ou simplesmente para desengasgar. Há milhares de orações outras, que escaparam a essa exemplificação. Mas pelo menos as que nos pareceram mais importantes, justamente porque mais usadas pelo sertanejo no tratamento às doenças ou para safar-se de uma situação aflitiva, aí foram enumeradas. Umas só realizam milagres quando pronunciadas cabalisticamente pelos curandeiros e rezadores, principalmente escritas num papel e guardadas com fé.

JÉRÔME-ANTONIE RENY, ao esclarecer que a cerimônia mágica é “absolutamente coercitiva”, aludiu ao fato de, “no Oriente antigo

e sobretudo no Egito, o mágico compêlir os próprios deuses a executar suas ordens”. A prece bem intencionada não tem a força da oração mágica que pretende sempre um resultado imediato a favor ou contra determinada pessoa. Daí a razão por que as orações chamadas misteriosas, principalmente as que fogem da normalidade, são acolhidas pelo povo que as repete, emprestando-lhes sabedoria e poderes especiais. Diante delas é que sabemos, contristados, quanto é poderoso esse sentido mágico que anima o nosso povo, principalmente o sertanejo. Raramente o nordestino procura refúgio nos ensinamentos que aprendeu nas igrejas. E isso não se deve ao seu espírito pouco receptível à obra de Deus, à obra cristã, mas, determinadamente, ao fato de que é preciso compêlir os deuses, forçar os elementos ocultos, que supõe manejar o mundo a uma atitude favorável ao seu desejo.

Não é a oração normal que perseguem, é a oração cabalística, referta de mistérios, em que adivinham força suficiente para dobrar a vontade dos espíritos. É o caso da oração “Conjuro Maravilhoso” para evitar que o suplicante seja ferido por armas:

Eu conjuro a toda espécie de armas, lanças, espadas, facas, punhais, flechas e em geral toda classe de armas constantes, pelo Pai, Filho e Espírito Santo, pela virtude infinita e seu poder supremo; eu vou conjuro pela lança que o soldado Lunguim traspas-sou o peito de Deus, Joth, Heth, Vari Aee, para que não façais feridas em mim que sou humilde servo de Deus, nem derrameis meu sangue. Eu vos conjuro, armas de todo gênero, pela virtude dos santos nomes de Deus, etc., etc.

JOSÉ LIMA em seu livro “A Festa de Ogun”, interessante contribuição ao estudo do folclore baiano, dentre tantas orações que recenseou, anotou uma oração para curar mordedura de animais peçonhentos em que se verifica a influência nitidamente cabalística:

Láia, ladáia, lamana, Sabatana, Ave-Maria. Oh! meu Deus, permiti que por meio desta palavra se

extinga o veneno deste bicho mau peçonhento do corpo desta criatura (animal), que é Linbo, Lami, Isaaó. Bilamin, Sabatana, Ave-Maria.

A maioria dessas orações é pronunciada sob comprometimento mágico. Há instruções para cada uma delas, devendo seguir o suplicante, muitas vezes, uma série de instruções. Na chamada “Oração do Soldado 33”, a pessoa deve fazer o sinal de Salomão no chão onde estiver, e colocar sobre ele uma vela acesa. Depois do que deverá rezar cinco P. N., cinco A. M. e cinco P. P. e uma Salve Rainha, chamando trinta e três vezes seguidas o soldado miraculoso. A recomendação maior é que se deve proferir a oração ao soar meia-noite, e numa encruzilhada. Quando uma criatura, por exemplo, é perseguida por um invejo, deste poderá livrar-se facilmente se carregar na mão um punhado de terra e o salmo número sete, recitando outra complicada oração.

O que fica demonstrado de maneira inequívoca é aquela capacidade coercitiva da oração, de que nos fala JÉRÔME-ANTOINE RENY, quase sempre desrespeitosa, procurando abrigar os santos a se decidirem a favor de quem deseja alcançar uma graça.

A oração denominada “As Forças de Santo Antônio”, aconselhada para “amarrar o coração de alguém” espelha bem o desrespeito que anima a alma dos que se deixam empolgar pelas fórmulas mágicas:

Pela alma de vosso pai, vos peço; pelo leite que mamaste, vos peço, que assim como não paraste, não dormiste nem cegaste, enquanto vosso pai da força não livraste, assim háis de me livrar da aflição em que me acho. Hei de vencer e vencerei, meu glorioso Santo Antônio, e vós acordando... para dormir, não parar nem socegar, enquanto não fizer... (faz o pedido), São Simeão, com a força que Jesus Cristo lhe pôs nas mãos e com a oração de Santo Antônio, fazei-me esta amarração no coração de ... (nome da pessoa). Amém.

De um modo geral os santos que desfilam nas orações populares – principalmente nas de influência mágica – são fustigados ou tonteados por palavras e exigências disfarçadas muitas vezes por exagerados elogios às suas virtudes. Mas, continuemos...

Apesar de admitirmos, como muitos estudiosos, a hipótese de existirem orações de inventiva particular, jamais as encontramos, todavia, em nossos estudos, para a presente edição deste livro. Conversando com catimbozeiros ou pessoas crédulas, pensávamos, muitas vezes, ter encontrado orações criadas especialmente por elas. Logo mais, o ineditismo das orações que julgávamos ouvir pela primeira vez se rendia ao contato e semelhança com ensalmos pronunciados, tanto no Ceará, como em outras superfícies geográficas.

Entre os negros feiticeiros do Rio de Janeiro, segundo JOÃO DO RIO, foi encontrado por ele o *Livro de São Cipriano*, como indicador das normas a seguir. “Mas o que não sabem, os que sustentam os feiticeiros, é que a base, o fundo de toda a sua ciência é o *Livro de São Cipriano*. Os maiores alufás, os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre as tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do “São Cipriano”. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais, “os negros soletram o *São Cipriano*, à luz dos candeeiros” (LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, ob. cit., p. 38).

Como declara este último autor, também jamais deparamos entre os nossos curandeiros, rezadores ou mesmo mestres de catimbó o *Livro de São Cipriano*, encontradiço nas livrarias de Fortaleza. Os estudos comparativos que fizemos entre os diversos livros de cartomancia, bruxedos, etc., publicados no Ceará (na capital e interior) e os até então editados no Rio de Janeiro – como o *Livro da Bruxa*, *O Grande e Verdadeiro Livro de São Cipriano* – deram-nos a impressão de que, nesses últimos tempos, as edições brasileiras, principalmente as mais recentes, tomaram a si a difusão de orações que já estão no domínio público, principalmente vulgarizadas no nosso *binterland*, região que escolhemos, por conhecer mais diretamente, para os nossos estudos.

Basta que se leiam atentamente os livros pré-citados para que se veja que os assuntos neles tratados são de pasmar, encontrando-se, muitas vezes, histórias de sabor antigo, em civilizações remotas, entremeadas com narrativas de brasileiros ou portugueses, vividas aqui no Brasil, donde se conclui que, por interesse de venda, em cada edição, o livro é dado ao público com mais adulterações de caráter regional.

O curandeiro, entre nós, prescinde de manual. Não é um feiticeiro capaz de ter curso, estribar seus conhecimentos em compêndios que falem e esclareçam os mistérios da Magia. No seio de sua coletividade, desde pequeno, o nosso rezador ou curandeiro mostrou-se diferente dos demais, com certos poderes: picado por cobra venenos, reagiu bem. Sarou. Exibe, embaixo da língua, os dois pontos pretos, privilégio dos que são “curados de cobra”. Cresceu mais afoito, desembaraçado, cômico de um poder sobrenatural, reforçado futuramente com as orações que procurou aprender entre os de sua família. Agora, ao chegar à idade provecta, é homem santo, capaz de revolucionar os seus companheiros da vila onde mora, assombrando a todos com as curas maravilhosas, que julgam terem surgido à sua inspiração. Reservado, sóbrio, não gosta de passar a terceiros o que aprendeu. Por analfabetismo ou por outra incapacidade, nega-se peremptoriamente a escrever as orações que sabe.

Das dezenas de ensalmos que conseguimos coligir para esse trabalho, e de outros tantos que lemos em livros onde fomos tomar ensinamentos, poucos poderão ser encontrados nas obras a que nos referimos. O que existe – e aqui acreditamos situar a diferença – é que, enquanto no Rio de Janeiro, se improvisam os curandeiros, os feiticeiros, levados quase sempre pelo desejo de explorar o próximo, no sertão do Ceará – poderemos dizer: do Nordeste – o curandeiro obedece simplesmente ao seu próprio instinto: de ser, na velhice, um feiticeiro de poderes mágicos, porque desde a infância lhe assiste a vocação irresistível de curar os que precisam de seu auxílio.

Lamentamos não conhecer os trabalhos mais antigos editados em Portugal compendiando orações que encontramos nas

modernas edições do *Livro de São Cipriano*. Mas defendemos a observação de que são esses e os demais livros editados entre nós que estão incorporando ao seu patrimônio, de sabor europeu, as orações que já se encontram presentemente firmados pela sabedoria do nosso homem do povo.

Como sinal característico do esconjuro, que vai da mais baixa prática de magia aos ensalmos, há a necessidade de uma atitude firmada pela fé ou simplesmente a presença de substâncias ocasionais as mais diversas, como sal, farinha, brasa, ramos verdes, etc. “O esconjuro compreende os exorcismos e os ensalmos, e para a sua execução empregam-se, entre outras substâncias, água, azeite, sal, ramos de certas árvores, carvão; com eles se relacionam amuletos e a cruz (que afugenta as potências diabólicas)”. É o que lemos também em J. LEITE DE VASCONCELOS, *Ensaio Etnográfico*, Vol. III, p. 179-180, em seus estudos sobre o povo português.

Desde a infância, levados pelo ensinamento dos mais velhos, iniciamos o nosso aprendizado no domínio dos ensalmos. Palavras de efeito mágico proferimos quando extraímos o nosso primeiro dente, chamado “dente de leite”:

*Mourão, mourão,
Toma o teu dente podre,
Me dá o meu são,
Me dá o meu são.*

Herdamos a prática, certamente, dos nossos avós portugueses. Em Alentejo, por exemplo (J. LEITE DE VASCONCELOS, ob., cit., p. 223), diz-se, em geral circunstância:

*Telhado, telhadão,
Toma lá mê dente podre
E dá cá o tê são.*

Em Vale do Lobo e Idanha-a-Nova, pratica-se a mesma coisa, devendo a criança jogar o dente na cinza da palheira, proferindo nesta ocasião as seguintes palavras:

*Palbeirinba, palheirão,
Tome lá este dente podre
E dá cá um são.*

Em Castelo Branco há outra variante, conforme anotou o Dr. JAYME LOPES DIAS em seu *Etnografia da Beira*:

*Cinza, cinzão,
Toma lá este dente podre,
Dá cá um são.*

Outros ensinamentos vão-se acrescentando, pela experiência dos mais velhos, na luta contra os maus espíritos. Simples frases, ditas com fé, têm um poder miraculoso para quem as profere num momento de angústia, de sofrimento. Em qualquer situação mais vexatória da enteralgia, por exemplo, aconselha o sertanejo que se recite a seguinte oração:

*Sai dor de barriga que está aí,
Que a Cruz de Cristo está aqui.*

Há certos achaques, certas doenças, que não encontram remédios para o seu tratamento. É o caso da espinhela caída. A benzedura assume, então, a responsabilidade total para a cura do enfermo. Com modificações de pequena monta, as orações que correm o sertão, quase todas, guardam estreitos pontos de contato. Anotamos uma, no Ceará, que tudo indica ter sofrido apenas sensível diminuição de palavras, o que facilitou certamente a sua fácil difusão entre nós:

*Espinhela caída, ventre derrubado,
Espinhela caída, ventre derrubado.
Eu te ergo, eu te curo, eu te saro...
Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo,
Da espinhela caída tu estás curado...*

LUIZ EDMUNDO (*O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis*, p. 474) registrou:

*Na casa em que Deus nasceu
Todo mundo resplandeceu
Na hora em que Deus foi dado
Todo mundo iluminado
Seja em nome do Senhor
Esse teu mal curado
Espinbela caída e ventre derrubado
Eu te ergo, curo e saro
Fica-te, espinbela, em pé!
Sant'Ana, Santa Maria, em nome do Padre, do Filho e
[do Espírito Santo.*

Em Pernambuco, GETÚLIO CÉSAR (ob. cit., p. 159) recensou esta variante:

*Eu entro na palavra de Deus-Padre.
Com as palavras de Deus-Filho
E de Deus-Espírito Santo;
Espinbela caída eu te levanto
Com arcas e tudo,
Com os poderes de Deus-Padre,
Com os poderes de Deus-Filho,
Com os poderes de Deus-Espírito Santo,
Amém.*

No Maranhão, as pessoas sofrem de espinhela caída, de conformidade com a quantidade de peso que pegam diariamente. Para levantar a espinhela o doente deverá procurar o nascente, de manhã cedo, pendurar-se no frechal da casa e pronunciar as seguintes palavras:

*Deus quando andou no mundo,
Arca e espinhela levantou.
Levantai, Senhor, a minha,
Pelo vosso amor.*

Os benzedores têm interessante oração, bastante conhecida no sertão, para quando se torce um pé. Apanham um novelo de fio e com uma agulha, fazendo os movimentos naturais de quem está cosendo, proferem as palavras que se seguem, fitando atentamente o enfermo:

*Carne trilhada, nervo retorcido...
Osso e veia, até cordoveia,
Tudo isso coso, com graça e louvor
de meu São Frutuoso.*

LOURENÇO FILHO (*Juazeiro do Padre Cícero*, p. 188) registrou uma variante, sem apreciável modificações:

*Carne trilhada,
Nervo torcido,
Ossos e veias
E cordoveias,
Tudo isso eu coso
Com louvor
De São Francisco.*

Decididamente, como dezenas de outras, o estranho ensalmo veio-nos, decerto, de Portugal. Em alijó encontramos-lo assim:

– *Eu que coso?*
– *Pé aberto, fio torto*
– *Isso mesmo é que eu coso.*

(Reza-se um padre-nosso e uma ave-maria).

E outra interessante variante, que se aproxima da que anotamos no sertão do Ceará, é-nos fornecida ainda por J. LEITE DE VASCONCELOS:

– *Eu que coso?*
– *A carne aberta e fio torto.*
– *Isso mesmo é que eu coso,*
Em louvor de São Gonçalo,
Pra que torne o pé ao seu estado.

Vale a pena lembrar que, na medicina latina antiga, “contre les luxations” mandavam proceder-se assim: “Cuupez un roseau vert; que deux hommes le tiennent sur vos cuisses e chantez: “*Santias fracto notas vaetas daries dadaries astata taries die una paries*” (*La Médecine Latine*, pelo Dr. PAUL SEIDMAN, in *Histoire Générale de la Médecine*, MCMXXXVI, p. 357).

Anotamos uma outra variante da oração para “desmentimentos”, colhida por nós na Barra do Ceará:

- *O que eu coso?*
- *Carne “triada” e osso desconjuntado e também nervo retorcido.*
- *Isso mesmo é que eu coso.*

Conforme frisamos várias vezes, nordestino jamais abandona a prática de carregar consigo, num saquitel, uma oração milagrosa, um “breve”, como se conhece pelo sertão. E a propósito desses “breves” (duas ou mais frases quase sempre de simplicidade e efeito inoperante), há uma história que corre o Ceará e que, na primeira edição deste livro, desavisado, demos como coisas de nossa terra, tendo acontecido ao PADRE VERDEIXA. Eis a versão que corre, de boca em boca, com as características de história verdadeira, não faltando quem a conte nomeando como testemunha o próprio avô, contemporâneo do irrequieto padre.

Quantas primíparas estivessem às dores do parto, quantas, forçosamente, teriam de ter ao pescoço a oração do Padre VERDEIXA. A referida oração, escrita num pedaço de papel, estava metida num saquitel que ia atado ao pescoço das parturientes, aliviando-lhes as dores do parto. Um dia, no entanto, de tão amarfanhado, o saquitel abriu-se e os curiosos puderam ler as estranhas palavras. Diziam elas:

Eu e meu cavalo passando bem; quem quiser parir que faça por isso, e, se não puder, que morra entupida.

Conhecemos, em versos, interessante variante dessa famosa “oração”:

*Breve me pedes,
Breve te dou.
Me dê meu garrote,
Que breve me vou.*

Revedo cuidadosamente o que escreveu LOPES GAMA, em seus artigos em *O Carapuceiro*, em 1838, e citado pelo autor de *Folclore Pernambucano*, lá encontramos duas versões da história de um homem que pediu pousada numa casa e que recebeu, em troca do abrigo que lhe ofereceram, um milagroso “breve” para a mulher de seu hospedeiro, que aguardava a “visita da cegonha”. Como na narração do Padre VERDEIXA, o saquitel também se rompeu... e surgiu a “oração”:

*Tenha eu rancho
E o meu cavalo,
Que para a burra
Não dá-me abalo.*

Vale a pena registrar a coincidência de uma variante símile da que anotamos em nossa superfície geográfica, esclarecida na primeira história, isto é, naquela em que surgem como personagens o missionário e o capitão-mor:

*Breve me pedes,
Breve te dou;
Dá-me um garrote
Qu’eu breve me vou.*

Decididamente o PADRE ALEXANDRE FRANCISCO CERBELON VERDEIXA, ordenado em 1831, no Seminário de Olinda (*Dicionário Biobibliográfico Cearense*, Dr. GUILHERME STUDART, p. 23) não é autor desse “breve”, que tem a mais vasta divulgação em todo o sertão como interessante anedota. O espírito crítico do povo apenas vinculou a anedota, no Ceará, ao Padre que passou à posteri-

dade legando-nos histórias que realmente ocorreram consigo e outras que lhe são, como esta, imputadas pelo povo. Vítimas da irreverência do público ou não, os “breves” existem e têm o seu papel muito importante na arte de curar.

Mais pela preocupação de não sofrer as doenças do sol, do que propriamente furtar-se aos seus raios quentes, usa o sertanejo um chapéu de palha, desde pequeno, quando sai ao campo. Realmente é raro ver-se um sertanejo sem um chapéu de palha na cabeça. Sim, porque o sol é responsável por uma dor de cabeça terrível que acomete as criaturas. É crença de que o sol quente de meio-dia é responsável pelas suas manifestações, introduzindo-se, sem que perceba o doente, em seu cérebro. Explicava-me um negro, excessivamente pernóstico, que o sol, entrando na cabeça do homem, poderia produzir “humores estranhos”, influência decisiva, anotamos mais uma vez, no “Lunário Perpétuo”, onde, às páginas 224-226, encontramos explicações sobre “humores melancólicos e pesados”, “humores grossos”, etc. (*Lunário e Prognóstico Perpétuo*, por JERONYMO CORTEZ, Valenciano, 1946).

Esta é a oração que se reza diante do enfermo:

Deus fez o Sol, Deus fez a Lua... Deus fez toda a claridade do Universo grandioso. Com a sua graça eu te benzo, eu te curo. Vai-te sol da cabeça desta criatura (diz o nome da pessoa) para as ondas do mar sagrado, com os santos poderes do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Em seguida reza-se um padre-nosso, se é mulher; uma ave-maria, se do sexo masculino o paciente.

Deve haver, por certo, apreciável influência bíblica nestas orações trazidas ao Brasil pelos colonizadores.

Na *Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo* (Diversos – Vol. III, p. 57, 1894), encontramos esta “benssan do ar” – que ALCÂNTARA MACHADO (*Vida e Morte de um Bandeirante*, p. 104) insinua como sendo a bênção dos caminhos a serem percorridos pelos bandeirantes – onde, entre outras coisas, se nos depara o “mar sagrado”.

Em nome de Deus-Padre, em nome de Deus-Filho, em nome do Espírito Santo: ar vivo, ar morto, ar de estupor, ar de perlazia, ar arrenegado, ar excomungado, eu te arrenego. Em nome da Santíssima Trindade, que saias do corpo desta criatura, ou animal, e que vás parar no mar sagrado para que viva são e aliviado. – Padre-nosso, ave-maria, credo.

O “mar sagrado” surge em dezenas e dezenas de orações que tivemos oportunidade de ouvir recitadas. Inicialmente, pensamos estar na Bíblia a sua origem, mas nada conseguimos para robustecer essa hipótese. O folclorista DR. MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO, solicitado por nós, assim se manifestou: “A princípio pode parecer que se trata de uma sobrevivência bíblica, mas não é, é puro candomblé, do bom. Trata-se de uma talassolatria (adoração ao mar), e que nos deuses do mar, na mitologia negra são freqüentes”. E assinala esta quadra de candomblé, de seu conhecimento:

*Faz três dias que ando
chorando à beira do mar;
às águas do mar sagrado
é a quem me vou queixar.*

GETÚLIO CÉSAR (ob. cit., p. 151) registrou, também, em Pernambuco, a oração que se segue, para o sol na cabeça, dor de cabeça forte:

Deus é o sol, Deus é a luz, Deus é toda a claridade! Sai-te daqui sol de cabeça e sereno e vai-te para as ondas do mar sagrado, com os poderes e Deus-Padre, com os poderes de Deus-Filho, e do Divino Espírito Santo, Amém.

Para o curandeiro poder afugentar o sol que se intrometeu na cabeça do paciente, utiliza-se este estranho processo: apanha uma pequena toalha ou guardanapo e coloca-a na cabeça do enfermo. Sobre ele – em pé – põe uma garrafa cheia d’água, sob o

sol mais forte do dia. Em seguida principia a proferir sua milagrosa oração. JOÃO DORNAS FILHO (*Influência Social no Negro Brasileiro*, p. 56-57) recenseou uma das mais interessantes orações utilizadas neste processo de cura em Minas Gerais:

Deus quando pelo mundo andou muito sol e calor apanhou. Encontrou com Nossa Senhora com que o sol se tiraria com um guardanapo de olhos e um copo d'água fria. Sim, como faço a verdade torna o sol a seu lugar; vai esta Senhora pelo abaixo com o copinho d'água fria, o mal que ela tem no corpo e na cabeça tire de Deus e da Virgem Maria.

Nessa região do Brasil a garrafa d'água é substituída por um copo d'água, de acordo com as próprias palavras da oração.

Já vimos que, afora os emplastos e *sida rombifolia* ou *sida acuta*, não há mezinhas próprias para se curar o mal a que chamam de cobreiro. A oração, mais uma vez, ganha aqui sua força, sendo responsável pelas curas que se processam. SÍLVIO ROMERO registrou o ensalmo que se lê a seguir:

– Pedro, que tendes?
– Senhor, cobreiro.
– Pedro, curai.
– Senhor, com quê?
– Água das fontes,
Ervas cos montes.

Ainda com indicação para herpes-zoster, em Pernambuco, segundo GETÚLIO CÉSAR, os curandeiros recitam outra oração não menos interessante, como esta:

Estava Santa Sofia detrás de uma pedra fria, chegou Santa Pelonha (Apolônia) e perguntou: – Sofia, com que se cura empinge, cobrero-brabo, ardor, fogo-selvage, queimadura, sarna, cominchão e queimô? – Com água da fonte e ramo do monte, assim curou a sagrada e sempre Virgem Maria. Amém.

E entre os sertanejos cearenses reza-se a oração com um padre-nosso e uma ave-maria oferecidos a Santa Sofia. Ao proferir as palavras cabalísticas, o curandeiro, com um ramo embebido em água, vai aspergindo-a em cruz sobre a parte vermelha do corpo do enfermo. Colhemos uma variante na Serra da Aratanha, em Pacatuba:

Deixa, cobrero, fulano (nome do doente) livre. Assim quer o Senbô. Eu te benzo, eu te curo, com a vontade de Deus, amém.

A incidência da *erva do monte* e *água da fonte* em todas as orações colhidas é um atestado de que elas têm muito em comum e são todas nascidas da mesma origem. Em Guifões, Portugal, reza-se um ensalmo que tem seu ponto de contato com os que aqui registrados foram:

*Em Jesus, nome de Jesus seja!
Em que talho? Ezipela
Com a esperto do monte
E água da fonte;
Que logo lhe abrandará.*

(J. LEITE DE VASCONCELOS, ob. cit., p. 196).

Em certas doenças, somente como auxílio de ensalmos será possível restituir a saúde ao enfermo. Daí, naturalmente, o interesse dos mais humildes em aprenderem as chamadas orações milagrosas para delas se valer nessas circunstâncias. Hoje em dia – tivemos a ocasião de averiguar – em forma de cartão são vendidas, em Fortaleza, determinadas orações apropriadas para ser conduzidas na carteira de notas ou numa pequena bolsa. O comércio da medicina popular não fica apenas nas raízes, nos defumadouros de efeito miraculoso; vai mais adiante: compreende as próprias orações impressas ou os sinais cabalísticos dos que começam a explorar a ingenuidade das massas.

Abordemos, agora, outros ensalmos que nada mais são do que frases esparsas de orações deturpadas e esquecidas pelo povo. Inicialmente, falemos desta que ouvimos, para combater engasgos:

*Homem bom.
Mulher ruim;
Esteira velha,
Chiqueiro de cabra.*

Essas estranhas e curiosas palavras, proferidas em voz baixa por uma curandeira e Aracati, portadora e milagrosa mensagem e auxílio aos que se engasgavam com espinha de peixe, etc., tem sua história. Ei-la, em sua ingenuidade, conforme ouvimos:

“Andava Nosso Senhô no mundo, mais São Pedro. Um dia, chegaro numa casa, na borinba em que o dono dela ia botando o pé no estribo do cavalo, pra partir de viagem. Aí São Pedro olhou pro homem e lhe disse: “Nós queremos pousada”. O homem, que era bom, mas ia viajar, disse: Pode falar com a minha muié”. Mas a muié, quando o homem saiu, recebeu Nosso Senhô e São Pedro muito mal. E quando São Pedro perguntou se tinha um lugarzinho pra comerem, ela disse que tinha um, lá no chiqueiro de cabra. Aí São Pedro perguntou se tinha qualquer coisa pra eles forrarem o chão pra dormirem. Ela respondeu zangada que lá no chiqueiro tinha uma esteira velha. E foi nessa esteira velha e no chiqueiro de cabra que Nosso Senhô e São Pedro dormiram. No outro dia Jesus e São Pedro agradeceram a hospedage e viajaro. Quando o marido da muié ruim voltou, encontrou a muí engasgada com uma espinha. Aparreou-se procurando um remédio e num achou pra livrar a muié dele daquele aperreio. Então se lembrou de pedir ajuda daqueles viajantes que tinham dormido em sua casa. Montou cavalo e correu até se encontrar com Nosso Senhô e São Pedro. Sabedor da história toda, disse Nosso Senhor: “Volta e diz pra tua muié:

*“Homem bom,
Mulher ruim;
Esteira velha,
Chiqueiro de cabra”.*

E assim fez o homem. E logo que recitou a oração, a espinha – zás – se desastravessou e ela ficou boa, arrependida de ter sido mulher ruim...”

As palavras são, naturalmente, de um ensalmo bastante popular, já anotado por SÍLVIO ROMERO (vede *Antologia de Folclore Brasileiro*, LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, p. 228), recitado para fazer sair espinha da garganta. A reza é esta, conforme se lê no citado autor:

*Homem bom,
Mulher má,
Casa varrida,
Esteira rôta;
Senhor São Brás
Disse a seu moço
que subisse
Ou que descesse
A espinha do pescoço.*

Interessante, de resto, a história criada pela rezadeira, procurando interpretar as suas palavras com uma verdadeira parábola. Não sabemos de onde essa mulher – já falecida, e que por muitos anos morou na Mutamba, em Aracati – foi arranjar a história que a muito custo resolveu contar, dizendo que assim fazia mas na certeza de que “perderia suas forças”.

Sobre o assunto do Dr. ANTÔNIO CASTILHO DE LUCAS, folclorista de conceito internacional, esclareceu-nos em carta: “En la obra de *Medicina Popular* que estoy escribiendo, le cito muchas veces por el folclore comparativo e a la vista tengo por ejemplo la oración que en Adalucía rezan a San Blás cuando se atraviesa una espinha en la garganta y que es completamente igual a la que V. cita en la

página 167, que a la vez la suscribe el gran maestro orgulho d elas letras brasileiras D. LUÍS DA CÂMARA CASCU DO, también la refiere SÍLVIO ROMERO en 1897:

*Hombre bueno
mulher mala,
serón roto
albarda moja
cúram la garganta
señor San Blás,*

fórmula que así explicaba RODRIGUEZ MARÍN, mi glorioso maestro: Cúestase, que yendo San Blás de viaje una noche lluviosa, pidió hospital en un casarío; el dueño se lá dió, a disgusto de su mujer e ésta le púso por toda cama uns almohada mojada y un serón roto.

A media noche, la mujer que padecia de la garganta, se emperó mucho. Levantose San Blás y mojando el dedo en aceite del velón, la hizo cruces en la garganta como queda dicho, recitando los versillos antedichos, para rexordar a la mulher su mala acción y enseñaria que se debe volver bien por mal. La mulher sanó como por ensalmo”.

Jesus Cristo e São Pedro, como começamos a ver linhas atrás, alcançam numerosas citações nas orações milagrosas no Nordeste brasileiro, como nesta aconselhada para sarar o ventre caído de criança:

*Quando Deus andou no mundo
Três pés de árvores plantou:
Ventre e arca caída
Jesus Cristo levantou!*

E nesta outra, para curar dores nas costas: “São Pedro deitou-se e levantou-se. Com Jesus Cristo encontrou-se. Para onde

vai, Pedro? Vim atrás do Senhor para curar dor de pancada, dor nas costas e toda dor “encausada”.

Para destroncamento (“desmentimentos”, luxações etc.), a velha rezadeira de Aracati recitava as seguintes palavras, em voz baixa, mas que, quando proferidas em tom mais alto, faziam corar, se não decepcionar, o próprio paciente:

*Carne triada, osso rendido,
Raposa magra, do c... franzido*

Contra o mau-olhado há toda uma série de ensalmos bem interessantes. Conforme tivemos a oportunidade de referir, na primeira parte deste livro, o temor ao olhar do invejoso, ao olhar que faz as plantas murcharem, que faz morrerem misteriosamente os animais de estimação... e que debilita uma criança em plena robustez, faz com que o nosso sertanejo se preserve de sua maldade, de seu poder amplamente morbífico, com as figas e orações.

Há prática especial para cortar o mau-olhado. Não fica apenas na oração, que se proferir com bastante fé. É necessário afastar a pessoa que tem a vista malsinada para bem longe, cercar o que sofre de todos os cuidados, aspergindo água benta nas paredes da casa em que morar e queimando ervas para afugentar o “azar”, a “urucubaca”.

No breviário dos sertanejos do Cariri (*Segredos da Natureza e a Sabedoria Humana*, p. 26) encontramos a oração, muito conhecida nessa zona do Ceará, assinalada fortemente pela influência do PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA:

Leva o que trouxeste. Deus te benza com a sua santíssima cruz. Deus me defenda dos maus olbos e maus-olbados e de todo o mal que me quiserem fazer, e tu és o ferro e eu sou o aço, tu és o demônio e eu o embaraço. Reza-se um Credo, logo a seguir.

Convém notar que em oração dessa natureza há infalivelmente um confronto de poderes, ficando a pessoa que sofreu o

mau-olhado sempre na posição do “aço” e do “embarço”, contra as forças dos maus espíritos, que são mais fracas diante da invocação divina. Vejamos, para melhor exemplificar, esta outra oração que tivemos a oportunidade de registrar:

Leva pra longe o mal que tu tens. Deus me benze e me protege de tudo. Deus defende meus olhos dos maus-olhados, contra todo e qualquer malefício, porque tu és a madeira e eu sou o machado, tu és a fera e eu sou a espada.

Dona Chiquinha – a rezadeira que focalizamos no primeiro capítulo deste livro – acha que nada mais forte e decisivo contra o mau-olhado do que uma figuinha. A oração ajuda – em suas palavras –, mas a figuinha é que “trapaia” o mau. Com todas as rezadeiras profissionais, sabe repetir dessas orações que encontramos amiúde. Há, no entanto, de uma para outra oração, apenas a mudança de palavras ou inversão de frases. O sentido é o mesmo, principalmente o antagonismo dos poderes que se representam no ensalmo, ora no machado que corta a madeira mais frágil, ora na espada que, inapelavelmente, prostra a fera, vendendo-a.

Original e não menos interessante é o tratamento que a seguir anotamos na cura do quebranto. Se a vítima é uma criança, deve ser colocada em cima de uma cama ou de um caixão de querosene, enquanto a pessoa “reza”.

Fulano (nome da criança), tu tens quebranto e mau-olhado; quem te botou foi um olho imundo. Botou com o olho e eu tiro com a bunda.

Proferidas essas palavras a pessoa que “rezou”, ou a própria mãe, senta-se em cima do rosto da criança, três vezes seguidas.

Se a criança continua a definhar, com quebranto, de ventre caído e pálida, só poderá restabelecer-se se alguém recitar esta oração:

Jesus Cristo foi a Roma:

E lá se encontrou com São Pedro.

– Para onde vai você, Pedro?

*– Ia atrás do Senhor, para aprender a curar quebranto,
ventre caído e mau olhado.*

(Contemplar o doente bem nos olhos, dizendo em seguida...)

Fulano, se você tiver quebranto, ventre caído

ou mau olhado, com um te botaram,

com dois eu tiro!

*E vá o mal par a casa de quem como e não reza, para a
casa do mal casado e para as ondas do mar sagrado.*

(Repetir três vezes, acrescentando mais uma unidade: com dois e três botaram e com três e quatro eu tiro!)

Dizem que se a oração não alcançar o êxito esperado, deve-se dependurar, no pescoço do menino ou menina que sofre, a chave da mala de guardar roupa, só tirando-a quando completar três sextas-feiras.

Oswaldo Orico lembra-nos trechos de um ensalmo que ouvimos na infância distante:

Em nome da Virgem,

Quebranto, mau-olhado,

Sai-te daqui,

Que este menino

Não é pra ti.

(*Vocabulário de Crendices Amazônicas*, p. 208).

Tivemos a oportunidade de assistir a várias cenas de sangue no interior, surgidas muitas vezes de discussões aparentemente pueris, mas que, afinal de contas, redundavam na morte ou

ferimento grave de um dos contendores ou de ambos, às vezes. Em ocasiões como esta, quando se constata hemorragia, há sempre as pessoas que se lembram de, pelo menos, uma oração bastante difundida em todo o nosso *hinterland* para estancar o sangue ou simplesmente para “apartá-lo”.

Pronuncia-se ela após fazerem-se cruces com a mão com todo o respeito:

No sangue de Adão nasceu a morte. No sangue de Cristo nasceu a vida. Terás angue como Jesus teve em si. (Cruz) terás sangue nas veias como Jesus teve na ceia. (Cruz outra vez) Terás sangue no corpo como Jesus teve no horto para sempre, amém.

A oração, para surtir o efeito desejado, deverá ser recitada três vezes seguidas.

Guardando visível semelhança, em Pernambuco, GETÚLIO CÉSAR (ob. cit., p. 149) também anotou:

PARA APARTAR SANGUE: *Sangue, põe-te em ti, assim como Nosso Senhor Jesus Cristo pôe-se em si; sangue, põe-te nas veias, assim como Nosso Senhor Jesus Cristo pôe-se na hora da ceia; sangue, põe-te rijo e forte, assim como Nosso Senhor Jesus Cristo pôs-se na hora da morte. Passa rio e passa o dia, por aqui passa, amém.*

PEREIRA DA COSTA (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, p. 127) muito antes de nós já registra a oração “para tomar o sangue por palavras:

*Sangue tem-te em ti,
Como Nosso Senhor Jesus Cristo
Teve em si.
Sangue tem-te na veia,
Como Nosso Senhor Jesus Cristo
Teve na ceia.*

*Sangue tem-te no corpo,
Como Nosso Senhor Jesus Cristo
Teve no horto.
Sangue tem-te firme e forte,
Como o teve Jesus Cristo
Na hora da morte.*

Finalmente no livro *Orações Misteriosas*, editado em Fortaleza, à página 13, está registrado:

Expanda a Virgem Maria que vejo sangue, sangue tem-te em ti, assim como Nosso Senhor Jesus teve em si, sangue, tem-te nas veias de (Fulano) assim como Jesus Cristo teve na ceia, sangue tem-te no corpo de (Fulano) assim como Nosso Senhor Jesus Cristo teve no horto, amém.

Todas irmãs, naturalmente, simples variantes e sem grandes alterações.

Conhecemos outras orações tidas como fortes para salvar pessoas mordidas por cobras venenosas. No entanto, chamou-nos a nossa atenção, pelo ritual a cumprir, a que comumente é adotada no Vale do Cariri e que se encontra às páginas 142 e 143 e *Segredos da Natureza e a Sabedoria Humana*:

“Vire-se para o lado que estiver o enfermo, longe ou perto. Se estiver na presença da vítima, cuspa na boca (da pessoa ou animal), rodeando da direita para esquerda 3 vezes e rezando o Credo. Arregace a boca das calças fazendo 3 dobras. Dobrando também 3 vezes as mangas da camisa. Cruze o pé direito por cima do esquerdo e o dedo polegar por cima do indicador. Retire algum aço, ferro ou dinheiro, e inicie a seguinte oração:

Ob! Estrela gloriosa e preciosa, que Deus criou como defensora do veneno de fulano. Permita Deus

que este veneno se transforme em sangue para sustento de seu corpo, em nome dos 7 mistérios divinos, para sempre, amém. (Jesus, 5 vezes. Cada vez um padre-nosso, uma ave-maria, uma glória ao Pai em intenção dos sete mistérios divinos e das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo). Assim como Jesus Cristo está salvo e são das suas 5 chagas, salvo seja fulano do veneno desta serpente, que Deus pode, Deus quer, Deus faz tudo quanto quer, assim será feito tudo com o nome de Deus, para o bem da caridade.

E há um lembrete todo especial dirigido àqueles que vão pronunciar a referida oração: “Cuidado para não errar. Errando, o enfermo não escapará. Não dê nem água por remédio”.

É um testemunho de que raras vezes se misturam os tratamentos. O matuto ou apela diretamente para os remédios, buscando-os em sua terapêutica popular, ou se entrega exclusivamente à fé, na sua oração milagrosa. A prova está aí: nem água se deve oferecer ao enfermo, ao mordido de cobra. Bastará a oração. Ela terá forças para afastar o efeito mortal do terrível veneno. Acontece, no entanto, que em certos casos a cobra, ao picar a sua vítima, não conduz mas veneno e, se o conduz, é em pequena quantidade, que não irá provocar no enfermo senão os sintomas iniciais de envenenamento. Em outras ocasiões, na confusão que se generaliza dentro da capoeira, ao se sentir picada, a vítima pensa enxergar logo – para desespero seu – uma jararaca ou uma cascavel, os mais terríveis ofídios dos campos nordestinos. Daí o terem, pessoa de senso, visto os mordidos de cobra (de pretensas cobras venenosas) salvarem-se sem nenhum tratamento, apenas sob a inspiração da oração que vimos atrás.

Para afugentar cobras diz-se, enquanto se anda pelas matas:

*Senhor São Bento,
Livrai-me de cobra,
E de bicho peçonhento.*

Há, também, uma variante que registramos em Pacatuba com pequenas modificações:

*Pela primeira chaga de Cristo,
Livrai-me São Bento;
Pela segunda chaga de Cristo,
Livrai-me São Bento;
Pela terceira chaga de Cristo
Livrai-me São Bento;
Pela quarta chaga de Cristo,
Livrai-me São Bento;
Pela quinta chaga de Cristo,
Livrai-me das cobras e de bicho peçonhento.*

Em São Luís, Maranhão, segundo me relata MANUAL LOPES, invoca-se igualmente São Bento, mas a variante é esta do citado ensalmo.

*São Bento, água benta,
Jesus Cristo no altar,
Benzei estes caminhos,
Que neles eu quero passar.
(Ave-Maria)*

(Contra a eripisela (zipra) anotamos no Ceará esta curiosa oração:

*Jesus e João iam, os dois, por um caminho. Jesus perguntou a João:
– João, tu viste alguma coisa em Roma?
– Eu vi zipra, queimadura, vermelhão no corpo.
– E que mais viste?
– O povo morrendo de zipra, queimadura e vermelhão no corpo.
– Então, volta, João. Com os poderes de Deus, da Santa Virgem Maria, volta lá e atalha a zipra, queimadura ou vermelhão no corpo.*

(Se o paciente for mulher, deve rezar-se um padre-nosso. Se homem for, uma ave-maria).

GETÚLIO CÉSAR, que nos oferece significativa colaboração no tocante ao estudo de ensalmos no Nordeste, registrou uma variante da oração que apanhamos no Ceará:

*Ia Jesus e João, vai Jesus pergunta a João:
– Ó! João, tu que viste em Roma?
– Eu vi, Senhor, queimadura de fogo.
– Volta, João, e vai curar; cura com os poderes de Deus e da Virgem Maria, com folhas de pimenta e água fria.
– Água não tem frio nem Jesus tem Senhor; curo eu, com folha de pimenta e água fria, amém.*

Os portugueses de Guifões certamente deram aos caboclos do Nordeste todas as palavras que compõem a oração contra erisipela e que, durante o tempo, veio sofrendo radicais modificações. Se não, vejamos:

*Pedro Paulo foi a Roma,
Jesus Cristo encontrou.
Jesus Cristo lhe perguntou:
– Donde vens, Pedro Paulo?
– Venho de Roma.
– E que vai por lá?
.....
– Torna atrás, Pedro Paulo,
Vai curar esses males:
Sapo e sapão,
Couxo e couxão,
Bicho de toda nação,
Eu te corto pelo rabo,
Pelos pés e pela cabeça
E pelo coração.*

Se esta não bastasse para ilustrar nossas palavras, teríamos, na que segue, pontos de contato e de semelhança mais nítidos e satisfatórios:

*Em nome de toda a virtude,
Pedro Paulo foi a Roma
Jesus Cristo encontrou
E Ele lhe perguntou:
– Pedro Paulo, que vai por lá?
Senhor, morre muita gente
de zipra e ziprão.
Torna lá, Pedro, e talha
Com azeite da oliva
E a lâ da ovelha viva
A zipra mais não lavraria
E da Virgem Maria, etc.*

(Reza-se um padre-nosso e uma ave-maria pelas almas. In J. LEITE DE VASCONCELOS, ob. cit., p. 196).

Vimos que surgem modificações quanto ao nome dos santos invocados, notando-se a predileção, em cada região, por determinados santos protetores. Ainda em Portugal, na Orca (DR. JAYME LOPES DIAS, ob. cit., p. 170) reza-se assim:

*São Pedro vinha de Roma
E a Virgem ia para lá
E a Virgem lhe procurou:
– Pedro, que vai por lá?
– Muita peste, muita malina,
Muita zipra, muito ziprão.
– Benzendo-se, se atalharão
Com azeite virgem e corda do Maranhão.*

Em quase todos esses ensalmos predomina a pergunta: com que se cura? E a resposta, que fica a cargo de cada curandeiro: com sabugueiro, com óleo-de-olia, com água fria, etc.

Obtivemos no Mucuripe, praia de Fortaleza, do próprio punho de certa curandeira, uma oração para curas gerais. A referida

mulher é chamada para tratar de quantos males afligem os pescadores cearenses. E aqui está o seu ensalmo:

O nome de Jesus ajuda: onde eu puser minha mão, ponha Deus Sua santa Virtude; Cristo reina, Cristo vive, Cristo te ilumine, Cristo te defenda, aleluia, aleluia, aleluia; se esse mal tiver na tua cabeça, Senhora Santa Teresa te ajude; se tiver por esta banda, Senhora Sant'Ana te ajude; se tiver na tua frente, Senhor São Vicente te ajude; se esse mal tiver atrás, meu Senhor São Brás te ajude; se esse mal tiver no fundo, Nosso Senhor seja por todo mundo.

Sua oração para “curar malefício” é sobremodo interessante:

Nosso Senhor me perguntou: – De que trata, Maria? (Reparem aqui a semelhança com as orações que nos chegaram de Guifões, por exemplo, trazidas pelos portugueses) – Eu trato de aquisidade, gotacoral, de feitiço, malefício, caboje, azar, se por acaso fulano tiver algum desses mal, os tais mal, na areia do rio vaiparar; eu te curo Fulano se o mal tiver na cabeça, se tiver nesta banda, na tua frente, desse lado e no fundo, pois Nosso Senhor Jesus Cristo é por todo mundo (Reza três ave-marias, a seguir).

Ainda de suas rezas é esta oração para curar dor de dente:

Minha Santa Apolônia, eu vos peço, pelas dores de dente que vós sofrestes, que façais essa dor passar, vós quereis vir tocar com vossa santa mão, e mandai essa dor para na pancada do mar, amém.

Profere o sertanejo oração bastante conhecida em todo o sertão, escrevendo suas frases na areia, apagando os versos à proporção em que os mesmos vão sendo escritos. Tomamo-la de empréstimo do livro *Terra de Sol*, de GUSTAVO BARROSO, por não termos anotado variante digna de registro especial:

São Nicodemo, sarai esse dente!

Sarai este dente!

Sarai este dente!

Este dente!

Este dente!

Dizem que as índias desaparecem das pessoas que delas sofrem, com estas palavras:

Uma, duas, três,

Íngua nenbuma.

Uma, duas, três,

Íngua nenbuma.

Corre sertão esta bem conhecida oração contra usagre:

Eu te benzo em cruz, com a luz,

E com o sangue de Jesus

Usagre, fogo-selvagem, vai-te daqui...

Que eu sinto nojo de ti.

Já vimos, em capítulo anterior, os cuidados que cercam a parturiente. Quase todas as comadres que vão “pegar” a criança sabem interessantes orações, às quais atribuem poder excepcional. Para expelir a placenta, por exemplo, recitam o seguinte ensalmo:

Com todos os poderes de Deus-Padre e do Espírito Santo, ficai de toda livre... ficai de toda livre. Enquanto isso, a parturiente, muitas vezes soluçando de dor, há de rezar em voz alta: Oh, minha Santa, minha Santa Margarida. Não estou prenha nem parida. Tirai de vez o que está na minha barriga. Oh, valei-me, Santa Margarida. Não estou prenha nem parida... não estou prenha nem parida. Livrai-me tu com os poderes de Deus e também da poderosa Virgem Maria.

Para dor de madre (provavelmente cólicas uterinas), costumam rezar:

Madre! É tempo de teres o teu lugar. Madre! Alivia esta pobre mulher. São teus estes cinco padrenossos com cinco ave-marias, em lembrança das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim como o Senhor salvou-se, assim há de querer que Dona Fulana se salve desta dor de madre. Madre, volta ao teu lugar. (Rezam-se então cinco padres-nossos e cinco ave-marias).

Para eliminar-se uma verruga, processa-se da maneira seguinte: jogam-se três pedras de sal no fogo, dele se afastando em desabalada carreira, levando as mãos ao ouvido para não ouvir o sal “estalar”. Durante a carreira, o que tem verruga, deve gritar:

*O sal está queimando,
A verruga se acabando.
O sal está queimando,
A verruga se acabando.*

O argueiro sai do olho, quando se diz:

*Corre, corre, cavaleiro
Pela porta de São Pedro,
Vai dizer a Santa Luzia
Que me mande o lenço branco
pra tirar esse argueiro.*

Em Alijó, Portugal (J. LEITE DE VASCONCELOS, ob. cit., p. 203). diz-se o mesmo:

*Corre, corre, cavaleiro,
Pela porta do ferreiro,
Que lá vem Santa Luzia
Pra me tirar esse arujeiro.*

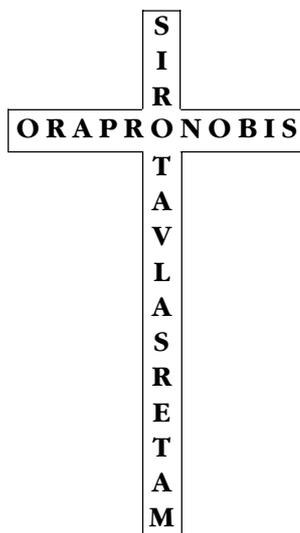
Para curar línguas, recita-se a seguinte oração, fitando uma estrela no céu e repetindo três vezes:

*Minha estrela rica e bela,
Esta íngua diz que morra vós e viva ela
Mas eu digo que viva vós e morra ela.*

Para dor de barriga, de crinaça, na fase de aleitamento:

*Água fria corre, corre,
toda noite, todo o dia...
Aqui passou Deus Nosso Senbor
Jesus Cristo
Filho da Virgem Maria.*

Em 1862, em Fortaleza (CE), por quarenta réis, podia ser adquirido na tipografia que imprimia *O Sol* – tantas vezes citado no decorrer desta trabalho – a “Cruz Milagrosa”, quinze letras cabalísticas que evitavam a peste:



O jornal referido, a respeito da “Cruz Mialgrosa”, informava: “As 15 letras que formão a haste da Cruz representão quinze Misterios do Rozario de Maria Santíssima, a saber: cinco gozozos, cinco dolorosos e cinco gloriozos; e as dez letras que formão o braço os dez Mandamentos da Lei de Deos. Todos aquelles pois, que diariamente com devoção e fé rezar o Rozario de Maria, e observar os Mandamentos de Deos, não tema, que o cholera lhe seja fatal”.

São recomendações dessa natureza, trechos de ensalmos e orações distorcidas pela imaginação popular, que recitadas com freqüência, tanto na capital como no interior dos estados nordes-tinos, afiançam até quando podem ingenuidade e fé.

Fizemos o possível de selecionar e rever para a terceira edição deste livro apenas as orações que, realmente, continuam sendo utilizadas pelo sertanejo, que as usa para defender-se dos espíritos do mal, para “fechar o corpo” aos perigos da natureza circundante, para invocar a si o amor de uma mulher, ou tornando-se livre da inveja do próximo.

O Nordeste brasileiro acolhe ainda, por tradição, um povo simples e endurecido pela luta, onde não faltam os penitentes e os exacerbados.

Nessa região castigada pela inclemência das secas ou pela ação devastadora de invernos copiosos, em qualquer circunstância, o sertanejo é o mesmo homem que carrega consigo as duas armas de sua preferência: o punhal e a oração.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – A. CASTIGLIONI. *Histoire de la Médecine*. Tradução de J. BERTRAND, Paris, 1931.
- 2 – A. GAVIÃO GONZAGA. *Climatologia e Nosologia do Ceará*.
- 3 – A. J. SAMPAIO. *A Alimentação Sertaneja e do Interior da Amazonia*, Companhia Editora Nacional, 1944.
- 4 – ADRIANO HELVÉCIO. *Tratado das Mais Freqüentes Enfermidades e dos Remédios Próprios para se Curar*, tradução de ANTÔNIO FRANCISCO COSTA, Vol. II, 1747.
- 5 – ALCÂNTARA MACHADO. *Vida e Morte do Bandeirante*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1943.
- 6 – ALFREDO DA MATA. *Vocabulário Amazonense*, Manaus, 1939.
- 7 – AMADEU AMARAL. *Tradições Populares*, Instituto Progresso Editorial S.A.
- 8 – AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO. *Diálogos da Grandezas do Brasil*, Edições Dois Mundos Editora Ltda., Rio de Janeiro.
- 9 – ANDRÉ THEVET, Fr. *Singularidades da França Antártica*, tradução do professor ESTÊVÃO PINTO, Companhia Editora Nacional, 1944.
- 10 – ANTÔNIO BEZERRA. *Notas de Viagem ao Norte do Ceará*, 2a. edição, Lisboa.
- 11 – ARTUR RAMOS. *As Culturas Negras no Novo Mundo*, Civilização Brasileira S. A., 1937.
- 12 – AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE. *Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, Companhia Editora Nacional, 1938.
- 13 – AUGUSTO MEYER. *Guia do Folclore Gaúcho*, Gráfica Editora Aurora, Rio de Janeiro, 1951.
- 14 – BREWTON BERRY. *Você e Suas Superstições*, tradução de HEMENGARDA LEME LEITE, Editora Universitária Ltda., São Paulo.

- 15 – C. TESCHAUER, S. J. *Avifauna e Flora nos Costumes, Superstições e Lendas Brasileiras e Americanas*, Livraria Globo, 1925.
- 16 – CABANÉS, Dr. *remèdes d'Augrefois*, Paris, 1905.
- 17 – CARLOS FRIEDRRICH PHIL. VON MARTIUS. *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*, tradução, prefácio e notas de PIRAJÁ DA SILVA, Companhia Editora Nacional, 1939.
- 18 – CÉSAR CANTU. *História Universal*, tradução de DOM NEMÉSIO FERNANDEZ COSTA, 1875.
- 19 – CHERNOVIZ. *Formulário e Guia Médico*, 18a. edição, Paris, 1908.
- 20 – CORDEIRO DE ANDRADE. *Cassacos*, Anderson Editores, Rio de Janeiro, 1934.
- 21 – DIAS DA ROCHA. *Formulário Terapêutico da Plantas Mediciniais Cearenses, Nativas e Cultivadas*, 1947.
- 22 – F. CALUCCIO e G. SCHIAFFINO. *Folklore y Nativismo*, S. A. Editora Bell, Buenos Aires.
- 23 – FAUSTO TEIXEIRA. *Estudos de Folclore*, Edições Calazans, Belo Horizonte, 1950.
- 24 – FERNANDO SÃO PAULO. *Linguagem Médica Popular no Brasil*, Barreto & Cia. 1936.
- 25 – FERNÃO CARDIM, Padre. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, Companhia Editora Nacional, 2a. edição, 1939.
- 26 – FRANCISCO FONSECA HENRIQUEZ. *Anchora Medicinal para Conservar a Vida com Saúde*, Lisboa, 1621.
- 27 – FRANZ MÜLLER, Padre S. V. D. “O Vegetal como Alimento e Medicina do Índio”, in *Revista do Arquivo Municipal*, Ano VII, vol. LXXVI.
- 28 – G. SCHIAFFINO. Ver F. COLUCCIO.
- 29 – GABRIEL SOARES DE SOUZA. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, Livraria Martins, 3a. edição, 1938.

- 30 – GARCIA DE ORTA, Dr., Físico d'El-Rei Dom João III. *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Mediciniais da Índia e assim de algumas Frutas Achadas Nela*, 2a. edição, 1872.
- 31 – GEORGES GARDNER. *Viagens no Brasil*, tradução de ALBERTINO RIBEIRO, Companhia Editora Nacional, 1942.
- 32 – GETÚLIO CÉSAR. *Crendices no Nordeste*, Pongetti, 1941.
- 33 – GILBERTO FREYRE. *Casa Grande & Senzala*, Maia & Schmidt Ltda., Rio de Janeiro, 1933.
- 34 – Id. e Outros. *Novos Estudos Afro-Brasileiros*, Biblioteca de Divulgação Científica, Civilização Brasileira S.A., 1937.
- 35 – GONÇALO RODRIGUES CABREIRA. *Compêndio de Muitos e Vários Remédios de Cirurgia & Outras Cousas Curiosas Recopiladas do “Tesouro dos Pobres” e Outros Autores*, Lisboa, 1671.
- 36 – GUILHERME STUDART, Dr. *Dicionário Bibliográfico Cearense*, Fortaleza, 1903.
- 37 – GUSTAVO BARROSO. *Terra do Sol*, Livraria Francisco Alves, 1930.
- 38 – Id. *Através dos Folclores*. Companhia Melhoramentos de São Paulo.
- 39 – Id. *Ao Som da Viola*.
- 40 – HERBERT BALDUS. *Ensaio de Etnologia Brasileira*, 1939.
- 41 – HERNANI IRAJÁ. *Feitiços e Crendices*, Livraria Editora Freitas Bastos, 1932.
- 42 – HILDEGARDES CANTOLINO VIANNA. *Breviário de Uma Sendeirona* (Comunicação à CNFL).
- 43 – IRINEU FILHO. *O Cariri*.
- 44 – IVOLINA ROSA CARVALHO. *Folklore Paraguaio*, com introdução e sistematização de PAULO DE CARVALHO NETO (Doc. de 9 de agosto de 1951), Assunção.
- 45 – J. G. DIAS SOBREIRA. *Curiosidades e Fatos Notáveis do Ceará*, Tipografia Desembargador Lima Drumond, Rio de Janeiro, 1921.

- 46 – J. LEITE VASCONCELOS. *Ensaio Etnográfico*, Vol. III, 1906.
- 47 – JEAN BAPTISTE DIBRET. *Viagens Pitorescas e Histórias ao Brasil*, tradução de SÉRGIO MILLET, Livraria Martins, Vol. II.
- 48 – JERONYMO CORTEZ. *Fisionomia e Vários Segredos da Natureza*, 1706.
- 49 – Id. *Lunário e Prognóstico Perpétuo para todos os Reinos e Províncias*, 1945.
- 50 – JOÃO DO NORTE (GUSTAVO BARROSO). *O Sertão e o Mundo*, Editora Livraria Leite Ribeiro, Rio de Janeiro, 1923.
- 51 – JOÃO DORNAS FILHO. *A Influência Social do Negro Brasileiro*, Editora Guaíra Ltda., 1943.
- 52 – JOAQUIM ALVES – *Juazeiro, Cidade Mística*, separata da Revista *Clã*, n. 8 e 9, 1949.
- 53 – JOAQUIM RIBEIRO – *Folclore dos Bandeirantes*, Livraria José Olympio Editora, 1946.
- 54 – Id. – *Introdução ao Estudo do Folclore Brasileiro*, Edições ABA, Rio de Janeiro.
- 55 – JOSÉ A. TEIXEIRA – *Folclore Goiano*, Companhia Editora Nacional, 1941.
- 56 – JOSÉ CARVALHO – *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, 1930.
- 57 – JOSÉ LIMA – *Folclore Baiano*, Bahia.
- 58 – KURT SPRENGEL – *Histoire de la Médecine*, tradução do alemão por A. J. JOURDAN, Paris, 1815.
- 59 – LOURENÇO FILHO – *Juazeiro do Padre Cícero*, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 2ª edição.
- 60 – LUÍS DA CÂMARA CASCUDO – *Antologia do Folclore Brasileiro*, Livraria Martins Editora.
- 61 – Id. – *Melegro*, Livraria Agir Editora, 1951.

- 62 – LUIZ DE HOYOS SÁINZ e NIEVES DE HOYOS SANCHO – *Manual de Folklore*, “Manuales de la Revista de Occidente”, Madri.
- 63 – LUIZ EDMUNDO – *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis*, Imprensa Oficial, Rio de Janeiro, 1932.
- 64 – LYCURGO SANTOS FILHO – *História da Medicina no Brasil*, Editora Brasiliense Ltda., 1947.
- 65 – M. RIGOBERTO PAREDES – *Mitos, Supersticiones y Supervivencias Populares de Bolivia*, La Paz, 1920.
- 66 – MÁRIO DE ANDRADE – *Namoros com Medicina*, Livraria Globo, 1939.
- 67 – MAXIMILIANO – *Viagem ao Brasil*, tradução de EDGARD SUSSEKIND DE MENDONÇA e FLÁVIO POPPE DE FIGUEIREDO, Companhia Editora Nacional, 1940.
- 68 – MEIRA PENNA – *Dicionário Brasileiro de Plantas Medicinais*, Oficinas Gráficas d’A Noite, Rio de Janeiro, 1941.
- 69 – NIEVES DE HOYOS SANCHO – (Ver LUIZ DE HOYOS SÁINZ).
- 70 – NUNO MARQUES PEREIRA – *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1939.
- 71 – OSVALDO ORICO – *Vocabulário de Crenças Amazônicas*, Companhia Editora Nacional, 1937.
- 72 – OSWALDO ROCHA LIMA – *Pedaços do Sertão*, Livraria A. Coelho Branco Filho, 1940.
- 73 – RENÉ POTTIER – *Initiation à la Médecine et à la Magie en Islam*, Paris, 1939.
- 74 – RODRIGUES DE CARVALHO – *Cancioneiro do Norte*, Militão Bivar & Cia., Fortaleza, 1903.
- 75 – SAX ROHMER – *O Romance da Feitiçaria*, tradução de LEONEL VELANDRO, Livraria Globo, 1940.
- 76 – SEBASTIÃO ALMEIDA OLIVEIRA – *Expressões do Populário Sertanejo*. Civilização Brasileira S. A., Rio de Janeiro, 1940.

- 77 – STÉPHEN-CHAUVET, Dr. – *La Médecine chez les Peuples Primitifs*, Paris, 1936.
- 78 – THOMAS DAVATZ – *Memórias de um Colono no Brasil*, tradução de SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA.
- 79 – VERÍSSIMO DE MELO, Dr. – *Extrato dalla Rivista Folklore*, Ano V, nos. 1 e 2, Tipografia R. Pironti Figli, Nápoles, 1950.
- 80 – WILLIAM J. FIELDING – *Estranhas Superstições e Práticas de Magia*, Editora Assunção Ltda.
- 81 – *A Medicina Caseira, separata de Douro-Litoral*, nos. 7 e 8, 4ª série, Porto.
- 82 – *Etnografia da Beira*, 1º vol. 2ª edição, Lisboa.
- 83 – “Folclore Pernambucano”, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Imprensa Oficial, 1908.
- 84 – *Histoire Générale de la Médecine, de la Pharmacie, de l'Art Dentaire et de l'Art Vétérinaire*, vol. I, Paris, 1936.
- 85 – *Orações Misteriosas (católicas, espíritas e esotéricas)*.
- 86 – *Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, vol. III, São Paulo, 1894.
- 87 – *Revista Brasileira de História da Medicina*, vol. I, nº 3, Rio de Janeiro, 1950.
- 88 – *Unitário*, edição de 29 de fevereiro de 1948, Fortaleza.
- 89 – “O Sol” – Ano VI, CE, edições de 24-fev-1862, 31-maio-1863.
- 90 – JOÃO FERREIRA DE LIMA – *Almanaque do Pensamento Para o Ano de 1961* – edição popular, Juazeiro do Norte.
- 91- VENÂNCIO WILLEKE, O. F. M. – *São Francisco das Chagas de Canindé* – Editora Mensageiro da Fé Ltda., Salvador, Bahia, 1962.

MEDICINA POPULAR DO NORDESTE

ESTUDO SOBRE O AUTOR E O LIVRO

PREFÁCIO DA 1^A EDIÇÃO
por Fran Martins

O AUTOR E O LIVRO (Prefácio da primeira edição)

Apesar da riqueza do material que possuímos, ainda hoje à espera de novos investigadores, o folclore não tem tido, no Ceará, muitos estudiosos. É verdade que a pequena quantidade de certo modo é suprida pela qualidade, pois alguns dos nossos poucos folcloristas são dos maiores com que o Brasil até hoje contou. Basta citar o inesquecível Leonardo Mota, entre os mortos, e Gustavo Barroso, entre os vivos: se bem que seguindo caminhos diversos, um colhendo, *in loco*, o material preciosíssimo que se encontra nos seus livros, e o segundo colhendo, e interpretando também, no gabinete, aquilo que já foi apresentado por outros, deram esses dois folcloristas inestimável contribuição para o desenvolvimento da demopsicologia no Brasil. Não se pode, na verdade, estudando o folclore do nosso País, deixar de lado as obras de Leonardo Mota e de Gustavo Barroso. Elas contêm rica matéria-prima para o pesquisador desse amplo setor.

Mas, no Ceará, os estudos do folclore sempre contaram com poucos cultores. Afora Juvenal Galeno, que impregnou sua poesia de motivos populares, Paulino e João Nogueira e o Barão de Studart, que através das páginas da Revista do Instituto do Ceará nos forneceram contribuições muito sérias para o conhecimento de usos, costumes, linguajar, crendices, superstições e medicina popular em nosso meio; afora, ainda, esse grande Rodrigues de Carvalho – cearense de adoção, cujo *Cancioneiro do Norte* está a merecer maior divulgação, pois é, na verdade, um dos livros mais preciosos aqui surgidos sobre o assunto –, poucas foram as contribuições que as passadas gerações nos legaram o conhecimento profundo e honesto das manifestações espirituais dos incultos habitantes de nossa região. E, como frisamos acima, material excelente possuímos, ainda hoje à espera de pesquisadores: o *Cariri*, por exemplo, ainda está quase inexplorado, com os seus cantadores,

a sua cerâmica, as suas histórias-de-trancoso, as suas lendas, sem falar no grande celeiro que é o Juazeiro do Padre Cícero, cidade ideal para pesquisas de folcloristas e de sociólogos, dada a formação da população, em grande maioria composta de gente de baixo nível cultural proveniente dos mais diversos rincões do Nordeste. Principalmente no que diz respeito à arte popular, o Juazeiro pode fornecer material para interessar estudos: a adaptação ao meio de mentalidades díspares, a prática dos mais variados ofícios com a utilização de recursos e conhecimentos fornecidos pela própria região, complexo de misticismo pairando sobre todos os atos daqueles que procuraram a cidade cearense trazidos pelo prestígio do seu taumaturgo. E há, ainda, as superstições que se comunicam entre os habitantes provenientes de setores diferentes, e as mezinhas que de vizinho a vizinho se vão irradiando, e os mitos que os meninos oriundos de Alagoas ou Maranhão vão espalhando entre si, não raro dando lugar à criação de novos mitos, formados com partes de uns e de outros. E há, ainda, o importante capítulo dos tabus e das proibições – os atos que não devem ser praticados em determinados dias, as comidas que não devem ser comidas por determinados doentes, as frases que não devem ser proferidas em determinadas ocasiões, as interpretações de fenômenos da Natureza e os perigos que correm as pessoas em dizer coisas inconvenientes contra os mesmos. Tudo isso aí está, no Juazeiro, à espera de um voluntário que queira dar-se ao trabalho de colher usanças e costumes, anotá-los, interpretá-los, divulgá-los para melhor conhecimento do nível espiritual de nossa gente.

Felizmente, nos dias atuais, começa-se a notar um certo interesse pelos estudos do folclore entre nós, esse interesse, ao que parece, coincidiu com a criação da Comissão Cearense de Folclore. Se é certo que, antes dessa entidade, já Martinz de Aguiar nos dava abalizado estudo sobre cirandas infantis, Florival Seraine se dedicava a pesquisas sobre o linguajar cearense e nordestino oferecendo-nos, nesse sentido, contribuição de valor, Gastão Justa nos falava de brincos e adivinhas e Joaquim Alves, vez por outra, tocava, se bem que de leve, em assuntos ligados a usos e supers-

tições populares, creio que os outros intelectuais que se estão voltando para o estudo do folclore no Ceará são contemporâneos da Comissão Cearense de Folclore. E se o folclore não tem sido sua especialização – como, por exemplo, estão fazendo alguns escritores novos do vizinho estado do Rio Grande do Norte, comandados por Câmara Cascudo –, vez por outra surgem contribuições entre nós merecedoras de aplausos. É o caso do trabalho sobre marcas de gado, publicado pelo Sr. Francisco Alves de Andrade, e também o de alguns capítulos do livro *O Cariri*, do Sr. Irineu Pinheiro. E, agora, é o caso deste livro de Eduardo Campos sobre Medicina Popular no Ceará.

Eduardo Campos não é folclorista de nascimento: ele nasceu contista, e dos mais interessantes dentre os novos escritos cearenses. Se bem que traga, do seu passado literário, o pecado original de um discurso que, juntamente com dois outros, publicou em 1942, constituindo, assim, esse rasgo oratório a sua primeira obra publicada, foi com *Águas Mortas*, editada em 1943, que Eduardo Campos se mostrou de corpo inteiro. Livro de estréia, no gênero, e por isso mesmo cheio de defeitos, já nele se encontravam, porém, algumas histórias de real valor, o que fez com que o suplicante reincidisse no conto. O resultado da reincidência, da gestação trienal, foram os livros *Face Iluminada*, editado em 1946, e no qual se encontra essa pequenina jóia, que é o conto *O Abutre*, e, mais tarde em 1949, a sua terceira coleção de histórias, *A Viagem Definitiva*, na qual se destaca, entre outros, o conto *O Casamento*, cujo simbolismo fez ror no meio provinciano.

Mas acontece que Eduardo Campos não se contenta apenas com o ser contista: enveredando pelo Rádio, aproximou-se do Teatro e nesse sentido nos deu *O Demônio e a Rosa* e, mais tarde, *O Anjo*, esta, peça apenas em um ato, mas um ato cheio de vida e de sentimentos.

Poucos não foram os que acharam que, no Teatro, Eduardo Campos havia encontrado o seu verdadeiro caminho: eu mesmo me apressei em saudar no teatrólogo cearense um dos nossos poucos escritores com verdadeiro pendor para o Teatro. A feitura,

o diálogo, a fabulação usada em suas peças provocaram uma verdadeira revolução nos círculos literários do meio provinciano em que vivemos. Mas foi preciso que *O Demônio e a Rosa* andasse por outras terras, fosse radiofonizada e representada noutras cidades para que, em Fortaleza, alguns escritores e o público em geral acreditassem que a obra realmente tinha valor.

Estávamos, pois, todos nós descansados, pensando que o homem tocava apenas três instrumentos – o Conto, o Rádio e o Teatro – quando começou a espalhar-se a notícia de que Eduardo Campos andava dedicando-se também aos estudos de folclore. Na verdade, quem analisasse os seus contos encontraria a chave do problema, pois facilmente poderia verificar que muito grande era o interesse do autor pelos assuntos regionais. O linguajar, a fabulação, vez por outra uma pequena nota sobre superstições ou costumes sertanejos, davam às histórias de Eduardo Campos uma cor local muito acentuada. Era, sem dúvida, uma vocação extraforte para as coisas da terra – mas felizmente não era isso a que alguns levianos ou ignorantes, chamam de folclore, unicamente porque termos de gíria são propositadamente usados em diálogos ou descrições.

E enquanto os boatos corriam de boca em boca, o teatrólogo e contista procurava estudar as nossas coisas. Forrando-se de conhecimentos adquiridos em livros, naturalmente não podia contentar-se com isso. Principiou a pesquisar. Durante mais de três anos andou ele na capital e no sertão a conversar com raizeiros, com médicos e mandingueiros, com velhos homens acostumados a receitar para qualquer mal e matronas idosas que possuem, na despensa e na cabeça, folhas e rezas que tudo curam. Do amontoado de suas observações, vem o escritor de escolher estas mezinhas que agora publica, com o título muito significativo de *Medicina Popular*.

Incontestável é o mérito deste trabalho, pois muita luz vem deitar, sobre antigos costumes e velhos hábitos amplamente difundidos em nossas populações rural e urbana. O estudioso que queria dar-se ao trabalho de analisar cada uma destas receitas encontrará motivos para interessantes descobertas, elucidando muitos pontos obscuros sobre a mentalidade daqueles que usam tais mezinhas.

Se muitos dos remédios são fruto da observação popular – o emprego de determinadas folhas, frutos ou raízes de comprovado valor medicinal, p. ex. –, inúmeros outros são apenas tabus ou fetiches que, por motivos ainda ignorados, vão-se transmitindo de gerações a gerações, sempre revestidos dos mesmos mistérios. Aí terá o intérprete que recorrer a outros métodos para explicar os motivos pelos quais, apesar de nada existir que logicamente os justifique, tais remédios, muitas vezes, dão efeitos satisfatórios.

Eduardo Campos não entrou nesta parte – na verdade uma segunda fase do seu trabalho –, nem tampouco quero eu, aqui, enveredar no assunto. Limitou-se ele apenas a notar, com meticulosidade, as mezinhas que pôde colher, e a nos oferecer o rico material que forma a sua *Medicina Popular*. Mesmo assim, não é elogio gracioso o dizer-se que o seu trabalho é dos que merecem de todos os mais entusiásticos aplausos. E se outros méritos não possuísem estas notas só o fato de serem elas fruto de pesquisas do escritor, feitas com honestidade e inteligência, justificaria os encômios de todos quantos se interessam pelos estudos do folclore cearense.

Ingressando nesse novo campo de atividades com critério e dedicação, Eduardo Campos nos dá uma prova palpável da sua capacidade de trabalho e do seu grande amor às causas do espírito. Resta apenas que o seu esforço seja compreendido e que a crítica honesta receba a sua obra com a atenção que ela merece. Pioneiro, na geração atual de escritores cearenses, dessas pesquisas no nosso mundo folclórico, os nossos desejos são que o seu exemplo seja seguido por outros escritores, também jovens e capazes, que muitos existem entre nós com possibilidades de nos dar estudos magníficos como esta *Medicina Popular*. Só assim aos poucos iremos desvendando o mundo rico de mistérios da alma popular cearense – mistérios que só podem ser revelados se nos dispusermos a colher, interpretar e divulgar as crendices do nosso povo, os seus mitos, as suas cantigas, a sua música, as suas danças, o seu artesanato, as suas manifestações religiosas e artísticas, enfim.

FRAN MARTINS